

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL - PPGEA

Isabel Ribeiro Marques

**O DISCURSO ESVERDEANTE COMO VALOR DE VERDADE NO CAMPO DA
EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Rio Grande

Verão de 2020

Isabel Ribeiro Marques

**O DISCURSO ESVERDEANTE COMO VALOR DE VERDADE NO CAMPO DA
EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Tese de Doutorado apresentada como requisito
parcial à obtenção do título de Doutora em
Educação Ambiental, Programa de Pós-
Graduação em Educação Ambiental,
Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

Orientadora: Prof. Dra. Paula Corrêa Henning

Rio Grande

Verão de 2020

Ficha Catalográfica

M357d Marques, Isabel Ribeiro.

O discurso esverdeante como valor de verdade no campo da
Educação Ambiental / Isabel Ribeiro Marques. – 2020.
122 f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande –
FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio
Grande/RS, 2020.

Orientadora: Dra. Paula Corrêa Henning.

1. Educação Ambiental 2. Verdade 3. Michel Foucault
4. Sustentabilidade 5. Ecopolítica I. Henning, Paula Corrêa II. Título.

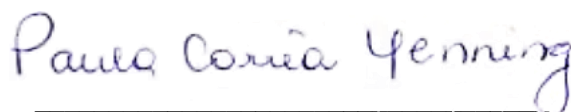
CDU 504:37

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

Isabel Ribeiro Marques

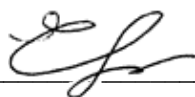
“O DISCURSO ESVERDEANTE COMO VALOR DE VERDADE NO CAMPO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL”

Tese aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:



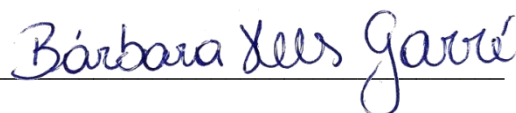
Prof^a. Dr^a. Paula Correa Henning

(PPGEA/FURG)



Prof^a. Dr^a. Elisabeth Brandão Schmidt

(PPGEA/FURG)



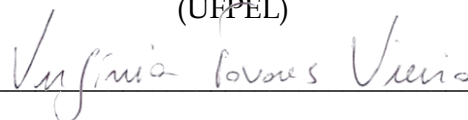
Prof. Dr. Bárbara Hees Garré

(IFRS)



Prof^a. Dr^a. Maria Cecilia Lorea Leite

(UEPEL)



Prof^a. Dr^a. Virgínia Tavares Vieira (UNIPLAC)

AGRADECER É PRECISO...

O obrigada é pouco! Uma palavra não contém tudo que abarca no sentido de agradecer. Um agradecimento por ser! À vida, às forças, ciclos, energias e percursos que convergiram ao doutoramento em Educação Ambiental! Tenho convicção que os caminharas não se dão em vão. Que o presente não poderia ter um nome mais adequado que: Presente!

Agradeço à minha querida e muito amada **família**, que aceitou embarcar junto a esses anos de estudo. Incontáveis ausências foram necessárias à tessitura da tese. Sem o apoio familiar (humano e canino), talvez não fosse possível estar vivenciando esse momento. Michel, companheiro de vida, meu par, minha dupla! Que me proporcionou dois pequenos nacos de luz: Bento, com 7 anos, e Joaquim com 5. Mesmo com a tenra idade, tiveram tanta compreensão, amor e paciência. Vocês cresceram junto com a tese. Adorei ouvir nesses 4 anos “Boa *fug* mamãe!, te amo”. E também aos meus anjos de quatro patas, sempre pertinho, com aqueles olhares meigos e cheios de amor. Obrigada família! Vocês são minhas asas e minhas raízes!

Um agradecimento mais que especial para a melhor orientadora que poderia ter tido a meu lado nesse trabalho. **Paula**, nos conhecemos na minha banca de mestrado e daquele momento em diante te admirei ainda mais. Muito mais que orientação para o trabalho, tua presença é uma espécie de âncora que propiciou uma navegação em mares agitados de novas pesquisa, autores, conceitos. Sabia que com teu aporte poderia ter segurança para seguir adiante. Faltam adjetivos para tentar expor minha admiração e carinho por ti. Obrigada por teres acreditado e por teres aceitado entrar nessa caminhada. Com a tese ganhei muito mais que orientação. Levo para a vida uma “orientamiga” que quero ter sempre por perto!

Aos amigos do grupo de pesquisa **GEECAF**. Vocês estão aqui! Nas páginas dessa tese, nas discussões teóricas, nas problematizações que não deixaram o pensamento repousar e instigaram o prosseguir. Dedico a vocês essa citação, tentando exprimir o quão estão imbricados na escrita:

Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados (DELEUZE & GUATTARI, Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. vol. 1, 2007, p. 10).

Ao lembrar o que me trouxe aqui, impossível não mencionar algumas pessoas que ocupam um lugar especial: minha amiga querida, **Ju Schlee**, durante esses quatro anos, com muito mate, muita conversa, parceria, eventos, publicações, risadas e algumas lágrimas também... Amiga com “A” maiúsculo. Daquelas que podia sentir que estava sempre presente e, que, é um presente!

Tem um trio muito especial que também trago da Furg com um enorme carinho: **Renata Schlee, Raquel Dias e Carol Bonilha**. Obrigada gurias! Somente em olhar para vocês me sentia acolhida e com a amizade partilhada; com quem muitas vezes pude sentir força e abrigo.

Faço um agradecimento especial aos integrantes da banca, primeiramente por terem aceitado o convite para compô-la. Agradeço pela leitura, atenção e principalmente ao tempo dedicado a este trabalho. O lapso temporal pode parecer brando, mas ocuparam parte do que vocês têm de mais importante: o precioso tempo do qual cada um dispõe. Reconheço e valorizo! São momentos que poderiam estar realizando outras atividades mas que aqui estão, lançando seus olhares para a tese.

Tese de doutorado, um sonho que começou a ser ambicionado em meados de 2013 quando o passo a ser dado era o da dissertação. Dali algumas sementeiras me impulsionaram a estar aqui: Rose (Roselaine Albernaz) e Roger (Albernaz de Araujo). Esta etapa só foi possível pelos ensinamentos provindos do mestrado, permitindo-me ter a segurança de uma escrita mais solta, com a qual até então relutava. As lembranças do IF são guardadas com muito carinho e fazem parte da pesquisadora que apresenta esta tese. E aquele velho clichê “Como passa rápido”! O frio na barriga continua, não obstante, tenho orgulho, carinho e consideração pelo trabalho que se apresenta.

Ressalto e agradeço fazer parte de uma universidade pública e gratuita e por ter conseguido me dedicar aos estudos por ser bolsista CAPES, um apoio fundamental, qual busquei valorizar com publicações e participações em eventos.

Uma tese não é uma mera etapa, não é feita somente com livros, aulas e texto. São renúncias, são incontáveis nãoos que tiveram que ser ditos; são amigos, parceiros e também percalços; afastamentos, insônia e preocupação. Mas também um sonho que extrapola duas letras que podem passar a anteceder meu nome a partir de então... Pelo receio de esquecer alguns nomes importantes que compuseram este doutoramento, não citarei mais ninguém em específico. Deixo, contudo, meu agradecimento como uma suave brisa que nos toca e faz com que consigamos sorrir sem pensar. Levarei cada sorriso, abraço, carinho e apoio como belos regalos propiciados.

PREFÁCIO

Em meio a mates, madrugadas e dedilhar dos dedos, a escrita foi ganhando as páginas que estão prestes a serem lidas... Noites frias, madrugadas no silêncio que o pensamento foi criando asas e o espaço imanente tendo cada vez mais cores... Dias de verão em que o mormaço invadia o ambiente, mas não era possível parar... estações do ano, estações de ser, modos de se sentir, de viver... Quem escreve? Ora, muitos! Pesquisadora. Aluna. Professora. Mãe. Que entre uma página e outra, afeta e é afetada pelos atravessamentos da vida, que assim como a escrita não é vertical.

Neste momento de estar entregando uma tese, impossível deixar de recordar sobre a vontade de ingressar no doutorado, a seleção, o resultado, as aulas, as incontáveis orientações, os eventos, as publicações. Tantas horas, dias, anos, sorrisos, preocupação, mas muita alegria em estar em um programa de pós-graduação em uma universidade federal, com uma bolsa de estudos da CAPES, junto a uma orientação tão presente e motivadora.

As inquietações que potencializavam a pesquisa motivavam um ir. Sem saber ao certo o que iria encontrar. Não prescrevi a caminhada. O texto fluiu, assim como a água, sujeita a alguns desvios do caminho por onde escorre, mas também criando outros quando a intensidade e a velocidade tornam-se mais fortes, ou então, deixando de correr e permitindo que sua fluidez se deixe vagarosamente escorrer. Ou se deixar absorver. Água. Vida. Texto. Vivo. São muitos atravessamentos que dedilharam as letras que cá estão.

Bem vindos a este compartilhar de pensamentos, ideias, imagens e provocações!

RESUMO

As discussões atreladas à temática ambiental nunca foram tão presentes como na contemporaneidade. Os discursos entrelaçados á essas questões atravessam diferentes espaços e, muitos desses utilizam o verde como subterfúgio para incentivo ao consumo de determinados produtos e/ou serviços. Presencia-se uma massiva e permanente proliferação discursiva que ensina sobre a crise do planeta, mas ao mesmo tempo, estimula o consumo. Com esses atravessamentos, a presente tese, provindo do Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental, na Universidade Federal do Rio Grande, na linha de pesquisa de Fundamentos da Educação Ambiental, a presente tese tem como cerne a formulação do conceito denominado como Discurso Esverdeante. O problema de pesquisa pairou em analisar como a educação ambiental se fabrica através de um Discurso Esverdeante que circula em nossa atualidade. Os contornos metodológicos se deram através de um portfólio de imagens coletadas em diferentes mídias, junto ao Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia (GEECAF), no período de setembro de 2016 até setembro de 2019. Através dessa composição de imagens que se espalharam e com o aporte teórico de autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari, a escrita buscou fôlego para sustentar e questionar em relação ao que vem sendo ensinado nas massas midiáticas brasileiras. Tais ensinamentos afetam diferentes processos de subjetivação que produzem os sujeitos desse tempo, marcados pela proliferação de Discurso Esverdeante. Esta tese defende a presença de tais discursos e sua produtividade na constituição da Educação Ambiental. Para defesa desse estudo analisou-se duas vertentes basilares a Sustentabilidade e a Ecopolítica, engendradas por uma subjetividade antropocêntrica. A sustentabilidade sendo um conceito muito emblemático na seara ambiental, muitas vezes utilizada indistintamente em diferentes contextos e a ecopolítica, onde além das questões atreladas às políticas da vida, presencia-se uma política concernente às maneiras de se lidar com o planeta. Questiona-se: é possível resistir ao que está dado? Quanto do que se considera ser opinião própria não são verdades dadas, assumidas e que são reproduzidas corriqueiramente? Acompanha-se dos estudos da filosofia da diferença para potencializar o campo da Educação Ambiental e provocar as mais sólidas verdades contemporâneas nessa seara.

Palavras- chave: Educação Ambiental; Verdade; Michel Foucault; Sustentabilidade; Ecopolítica.

ABSTRACT

The discussions linked to the environmental thematic were never as present as in contemporaneity. The discussions interconnected to these issues cross different spaces and, many of these use the greens as an excuse to encourage the consumption of certain products and/or services. It is seen a massive and permanent discursive proliferation that teaches about the crisis around the planet, but at the same time, stimulates consumption. With these crossed matters, this thesis, coming from the Post-Graduation Program of Environmental Education, in the Federal University of Rio Grande, in the research line of The Fundamentals of Environmental Education has its center the making of the concept named Greening Speech (*Discurso Esverdeante*). The methodological contours were drawn through a portfolio of images collected in different media, along with the Group of Education Studies, Culture, Environment, and Philosophy (GEECAF), from September 2016 to September 2019. Through this composition of images that spread out and with the theoretical input from authors such as Michel Foucault, Gilles Deleuze, and Félix Guattari the writing kept strong so it could sustain and question when it comes to what has been taught in the Brazilian media masses. Such teachings affect different processes of subjectivation which makes the subject of this period, marked by the proliferation of the Greening Speech. This thesis defends the presence of such speeches and its productivity in the constitution of Environmental Education. For the defense of this study, it was analyzed two fundamental strains to Sustainability and Ecopolitics, grounded by anthropocentric subjectivity. Sustainability, being a very emblematic concept in the environmental field, often used indistinctly in different contexts and the ecopolitics, where besides the questions regarding life politics, it is seen a politics related to ways of handling the planet. It is questioned: Is it possible to refrain from what was already given? How much of what is considered one's own opinion are not actually given truths that are often acknowledged and reproduced? It is tracked from the studies of philosophy of the difference to overpower the field of Environmental Education and provoke the most solid contemporary truths in this area.

Keywords: Environmental Education; Truth; Michel Foucault, Sustainability; Ecopolitics

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Art.	Artigo
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CF	Constituição Federal
EA	Educação Ambiental
DE	Discurso Esverdeante
ECO 92	Conferência sobre Meio Ambiente realizada em 1992 no Rio de Janeiro
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
GEECAF	Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia
PNEA	Política Nacional de Educação Ambiental
PNMA	Política Nacional do Meio Ambiente
PRONEA	Programa Nacional de Educação Ambiental

LISTA DE FIGURAS OU IMAGENS

Figura 1 - Site de busca Google - Expressão pesquisada: “educação ambiental”	20
Figura 2 - Continuação da imagem da Figura 1	20
Figura 3 - Site de busca Bing - Expressão pesquisada: “educação ambiental”	21
Figura 4 - Continuação da imagem da Figura 3	21
Figura 5 - Site de busca Google - Expressão pesquisada: “ <i>environmental educacion</i> ”	22
Figura 6 - Site de busca Google - Expressão pesquisada: “ <i>educacion ambiental</i> ”	22
Figura 7 - Imagens das mãos humanas em torno de práticas ambientais.....	43
Figura 8 - Imagens ressaltando o cuidado com o ambiente.....	45
Figura 9 - Imagens destacando condutas ambientais	46
Figura 10 - Capa do livro “As três ecologias”, de Félix Guattari	51
Figura 11 - Imagens provenientes de redes sociais	53
Figura 12 - Site de compras na internet	66
Figura 13 - Produtos com a expressão “sustentável”	66
Figura 14 - Produtos com a expressão “sustentável”	68
Figura 15 - Produtos com a expressão “sustentável”	71
Figura 16- Imagens atreladas a expressão “sustentável”	72
Figura 17- Imagens reforçando comportamentos	74
Figura 18 - Imagens reforçando comportamentos.....	75
Figura 19 - Imagens ressaltando o cuidado	76
Figura 20 - Imagens marcadas pela sustentabilidade.....	77
Figura 21 - Imagens marcadas pelo verde.....	78
Figura 22 - Imagens com discursos ambientais	78
Figura 23 - Produtos com a expressão “sustentável”	79
Figura 24 - Composição de campanha televisiva.....	80
Figura 25 - Proeminência da sustentabilidade	81

Figura 26 - Imagens ressaltando o cuidado.....	90
Figura 27- Imagens ressaltando discursos ambientais	91
Figura 28 - Imagens reforçadas pelo futuro do planeta.....	93
Figura 29 - Imagens reforçando maneiras de lidar com o ambiente.....	95
Figura 30 - Imagens com as mãos humanas.....	97
Figura 31 - Livro de história infantil.....	99
Figura 32 - Charges sobre atuação humana e o planeta.....	100
Figura 33 - Imagens do Museu do Amanhã: humano, sociedade e planeta	103
Figura 34 - Imagens com dados sobre a situação do planeta.....	103
Figura 35 - Imagens da supremacia humana.....	104
Figura 36 - Imagem do dever compartilhado	105
Figura 37 - Imagens da supremacia humana.....	105

SUMÁRIO

INICIANDO O PERCURSO...	12
1. SOBRE A TESSITURA: OS PASSOS CONDUZEM... O DESASSOSSEGO IMPULSIONA.....	18
1.1 Aproximações entre Educação Ambiental e o Discurso Esverdeante	19
1.2 Compondo, puxando e amarrando os fios que tecem a escrita: situando a pesquisa e os contornos metodológicos.....	26
2. NA BUSCA DE FERRAMENTAS TEÓRICAS.....	37
2.1 Esverdeamento discursivo na contemporaneidade	39
2.2 Ecosofia como potência de pensamento	49
3. SUSTENTABILIDADE: enunciando e visibilizando “verdades”	56
3.1 Notas sobre a Sustentabilidade	57
3.1 As sustentáveis verdades do Discurso Esverdeante	63
4. IMAGENS DO PLANETA: ENUNCIANDO E VISIBILIZANDO A ECOPOLÍTICA E O ANTROPOCENTRISMO	83
4.1 Apontamentos iniciais	85
4.2 Ecopolítica e a Subjetividade Antropocêntrica	96
CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS	111
OBRAS CITADAS	116

INICIANDO O PERCURSO...

Escrever é quebrar o vínculo que une a palavra ao eu, quebrar a relação que, fazendo-me falar para “ti”, dá-me a palavra no entendimento que essa palavra recebe de ti, porquanto ela te interpela, é a interpelação que começa em mim porque termina em ti (BLANCHOT, 1987, p. 16).

Ao introduzir a escrita do primeiro parágrafo da tese, gostaria de externar a satisfação pelo percurso até este ato. Uma tese, que entrelaça muito mais que a consolidação de uma pesquisa de quatro anos, um trabalho que atravessa e é atravessado pelo contato com tantos autores, incontáveis leituras, tantos livros manuseados, eventos, palestras, orientações e pensamentos, além de muitas renúncias que precisaram ser corroboradas para ratificar o que esta pesquisa apresenta.

Na busca das inquietações que motivaram a escrita e conduziram ao processo de doutoramento, destaco momentos marcantes que compõem a imanência¹ até este instante de conclusão de tese. Neste exercício de resgate de memórias, acredito que uma significativa instigação provenha do anseio incipiente de meados do ano 2000, quando ingressei no curso de Direito, na Universidade Católica de Pelotas, e uma “inquietação” motivou a vontade de entrelaçar um curso em andamento, com o interesse pessoal em estudos ambientais. Assim, no semestre seguinte, passei a cursar simultaneamente o bacharelado em Ecologia na mesma universidade.

Algo que não canso de mencionar, é que no andamento dos cursos de graduação, causava muita surpresa quando comentava que cursava Direito e Ecologia, e algo corriqueiro suscitava: “mas dois cursos que não têm nada a ver”. Inicialmente as considerações não eram levadas tão a sério, mas com o passar do tempo passou a perturbar essa visão tão reducionista e simplista envolta às questões ambientais. A separação das áreas tão marcada, tão frívola, convergiram a momentos de perplexidade. Como assim, não têm relação? O que se pode falar em Direito que não se entremeie à vida? Ou então, o que é ambiental que não se enrede às questões que o Direito abarca?

Depois dos cursos, passei a atuar como docente na Universidade Católica de Pelotas, principalmente com disciplinas abordando a legislação ambiental. Momentos muito enriquecedores na caminhada profissional e fundamentais para que as perturbações se tornassem ainda mais perceptíveis. Nas salas de aula, a superficialidade conceitual emergiu, recordo-me de alguns comentários de alunos: “o direito ambiental é para defender os animais, para proteger as árvores; preservar os rios”; ou então: “as normas de licenciamento ambiental são para impedir o progresso; direito ambiental é interessante mas me interessa mesmo pelas outras áreas: civil, penal, constitucional”.

¹ “O plano de imanência não é um conceito pensado nem pensável, mas a imagem do pensamento, a imagem que ele se dá do que significa pensar, fazer uso do pensamento, se orientar no pensamento...” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p.47).

Uma separação facilmente percebível. Ambiental lá! Distante! E as “outras” áreas, juntas e mais próximas.

O distanciamento verificado desde o período das graduações e as salas de aulas corroborando esses ideais de separação passaram a desacomodar e a emergir de tal maneira que sobrevim a tentar entender o que poderia estar atrelado a esses discursos simplistas. Desde então, venho me dedicando a estudar o reducionismo conceitual envolto a questionamentos ambientais. Sob efeitos dessas interpelações, em 2013, ingressei no mestrado em Educação e Tecnologia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense. Na dissertação foi proposto um convite a pensar o cotidiano através do cuidado ambiental². Com a conclusão do curso em 2015, ao invés de encontrar respostas, ou então, uma tranquilidade com o encerramento de um período tão importante da academia, o que ficou foi um desejo imanente de seguir pesquisando, estudando e, tecendo... O doutorado em educação ambiental foi almejado desde então.

Com as pesquisas, com as leituras, na própria prática docente percebi que meu olhar ficou ainda mais sensível aos discursos e aos apelos ambientais, principalmente na relação direta e quase automática entre as questões ambientais e o “verde”. Através dessa potência desencadeadora que a escrita da tese operou e, com o desejo de problematizar verdades estabelecidas e distribuídas a todo momento em relação as questões ambientais; buscando tensionar as forças que se produzem para que tantos discursos atrelados ao verde tomem corpo, lugar e espaço no mundo em que vivemos, tomamos como cerne da tese um conceito que denominamos³ “Discurso Esverdeante”.

O conceito “Discurso Esverdeante” (DE) é justificado pela proeminência que o verde apresenta quando se olha os discursos ambientais. Aproveito Foucault (2008a, p.55) que ensina a olhar os discursos, não como um conjunto de signos utilizados para designar coisas, mas como práticas que vão formando os objetos de que falam. Nesse sentido, o verde toma espaço e lugar em justificativas de práticas ambientalmente corretas, que convergem em alimentar tantos discursos que se tornam esverdeantes pelos signos que o compõe. Aproveitando as palavras do autor:

(...) uma tarefa inteiramente diferente, que consiste em não mais tratar

² MARQUES, Isabel Ribeiro. Genealogia de um Cuidado Ambiental: um convite à experimentação de um pensamento do cotidiano. Dissertação de Mestrado em Educação e Tecnologia, IF Sul, Pelotas, 2015.

³ “Denominamos” está propositalmente no plural, pois a tese foi escrita com uma orientação que sempre se fez muito presente, sendo assim, não se trata de um equívoco de colocação de pessoa, estou dizendo no plural pois o conceito não foi criado de maneira individual.

os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 2008a, p. 55).

Vislumbro os discursos com esse “mais” que o autor traz. O desejo é reagir à fragilidade enunciativa, falando a partir dela e apesar dela, não definindo verdades, mas verificando a possibilidade de transformação. Assim, o discurso pode deixar de ser o que é para quem sabe, tornar-se um tesouro inesgotável de onde se pode tirar sempre novas riquezas, imprevisíveis a cada vez (FOUCAULT, 2008a, p. 136).

Pensando nessas inquietações, com tantos atravessamentos que impulsionaram a pesquisa, no desenvolvimento da tese muito fui afetada por imagens ambientais provindo de diferentes mídias. Para onde lançava olhares, as encontrava: folheando revistas, lendo o jornal, olhando a embalagem de algum produto, pesquisando em alguns sites, em redes sociais e até mesmo um momento de compras no supermercado. Os discursos atrelados à questão ambiental estão por todos os lados! Estão pulverizados no dia a dia. Somos interpelados por eles constantemente, mesmo que às vezes nem os percebamos. É muito verde! Muito apelo! Ora para estímulo publicitário, incentivo ao consumo ou relacionando a vantagens em relação às maneiras de ser e viver. Com a análise feita através das imagens, entendo que o material encontrado vem educando para nossas relações com o ambiente, com o planeta e com os lugares em que vivemos.

Com as inquietações, com o aporte teórico potente que esbraseia ainda mais o que perturba, que a tese foi pensada, na busca de tensionamento de um ecologismo que muitas vezes me parece ingênuo, porque constantemente oferece respostas a *la carte* a questionamentos referentes a discursos ambientais.

Além das reverberações diárias atreladas à matéria, muitos discursos ambientais são vinculados de maneira significativa aos ambientes naturais, como flora, fauna, água e poluição, por exemplo. E, vêm acompanhados concomitantemente a ideais de verdade, demonstrando e educando sobre as melhores maneiras de agir e se comportar perante o planeta. Com isso, não raras vezes, os comportamentos humanos, parecem ser esperados de antemão, afinal: “temos que ser amigos da natureza”, “tomar banho muito rápido” e “reciclar”. Alguns conceitos, como “sustentável”, “sustentabilidade”, “desenvolvimento sustentável”, “ecológico” e “natural” são usados sem qualquer cuidado quanto aos seus possíveis significados.

Desse modo, o problema de pesquisa pairou em **analisar como a educação ambiental se fabrica a partir de um Discurso Esverdeante que circula em nossa atualidade**. Para proporcionar momentos de reflexão sobre o que é distribuído, o trabalho possui duas questões de pesquisa para nortear a tese:

O que dizem e ensinam as normas ambientais a respeito da sustentação da propagação discursiva esverdeante?

Quais são algumas das enunciabilidades e das visibilidades que circulam na mídia contemporânea e sustentam o campo da educação ambiental?

Diante da profusão de visibilidades, fiz a análise de um portfólio com as imagens coletadas ao longo da pesquisa, para que dali pudesse analisar as principais recorrências. Sob a tessitura da pesquisa, entendo a Educação Ambiental como um dispositivo⁴ e defendo a tese de que há um Discurso Esverdeante (DE) que vem constituindo, embasando e sustentando a Educação Ambiental (EA), principalmente a partir de duas vertentes basilares: a Sustentabilidade e a Ecopolítica⁵.

Com o problema de pesquisa e as principais questões supracitadas, a tese foi tecida e está organizada em seis partes, a contar a partir desta apresentação. No **primeiro** capítulo, contextualizo a caminhada até o momento da escrita, traçando a chegada à educação ambiental, justifico a pesquisa e explico sobre a construção metodológica que se opera, conjecturando às principais questões que sustentam a tese.

No **segundo** capítulo, trago ao texto alguns meios de vislumbrar a proliferação discursiva esverdeante com os aportes teóricos basilares que compõem a escrita e me ajudam a olhar para a EA. São os contornos epistemológicos do estudo, delimitando o modo de ver e problematizar o campo.

A Educação Ambiental tem um discurso potente que, com a tese foi denominado “Discurso Esverdeante”, sendo organizado, orientado e produzido a partir de duas grandes produções discursivas sustentando esse discurso. Por isso, no **terceiro** e no **quarto** capítulo realizo o exercício analítico das imagens da tese, buscando demonstrar esses dois elementos basilares através das enunciações que o portfólio apresentou: a

⁴ Entendido como tal a partir de Garré (2015).

⁵ Enquanto a biopolítica trata da população, a Ecopolítica é pluridimensionado pela convocação à participação na gestão do planeta, das pessoas, das empresas e também de uma governamentalidade ambiental (PASSETI, 2013). O conceito de Ecopolítica será posteriormente abordado no quarto capítulo da tese.

Sustentabilidade e a Ecopolítica. No terceiro capítulo trago a Sustentabilidade aparecendo como um valor de verdade muito forte, sendo utilizado constantemente sob efeito, inclusive de palavra de ordem, havendo uma constante conclamação em atuar nesse dispositivo⁶. No quarto capítulo, trago a Ecopolítica como importante conceito para pensar sobre a recorrência das imagens do planeta e a potencialização do antropocentrismo.

Em um **quinto** movimento do texto, olhando os rastros da escrita, teço as considerações obtidas com esses anos de estudo e escrita da tese.

Aproveito este momento para comentar que a tese não foi escrita na mesma pessoa. Inicialmente relutava nesse requisito acadêmico. Porém, senti que talvez o mais adequado fosse deixar o texto fluir. Uma escrita solta, franca e espontânea. Com esse exercício, trazendo experiências, leituras, marcas, percebi que o texto pode permitir alguns momentos de terceira pessoa, para um respeitoso distanciamento, e também uma proximidade da primeira pessoa. Nessa fluidez, ora buscando distanciamento, ora proximidade, a escrita tomou fôlego.

E cá estamos, nesta primeira parte da tese. Uau! Tese! Quanta responsabilidade! Quanta alegria em tentar explicar sobre inquietações tão vivas. Que seja sempre bem-vindo quem queira dividir anseios e desassossegos pinçados ao longo do percurso e que aqui são cuidadosamente trazidos.

Após esta apresentação inicial, convido o leitor a pensar sobre a educação ambiental e sobre uma importante marca na sua constituição na atualidade: o Discurso Esverdeante.

⁶ A partir de Shaula Maíra Vicentini de Sampaio, entendendo a Sustentabilidade como um dispositivo presente, atuante e articulado por meio de linhas de visibilidade e de enunciação (SAMPAIO, 2012).

1. SOBRE A TESSITURA: OS PASSOS CONDUZEM... O DESASSOSSEGO IMPULSIONA

Jamais encontraremos o sentido de alguma coisa (...) se não sabemos qual é a força que se apropria da coisa, que a explora, que dela se apodera ou nela se exprime (DELEUZE, 1976, p. 3).

Conforme comentei na apresentação da tese, as principais inquietações da escrita se dão pela proliferação de um Discurso Esverdeante em diferentes espaços.

Pensando nisso, no primeiro capítulo da tese apresento algumas pistas para pensar a EA em relação ao Discurso Esverdeante. Desse modo, na primeira parte deste capítulo, trago algumas imagens que me instigaram (muito) a enxergar esse campo de saber e, em um segundo movimento do capítulo, abordo os contornos metodológicos que balizaram a pesquisa.

1.1 Aproximações entre Educação Ambiental e o Discurso Esverdeante

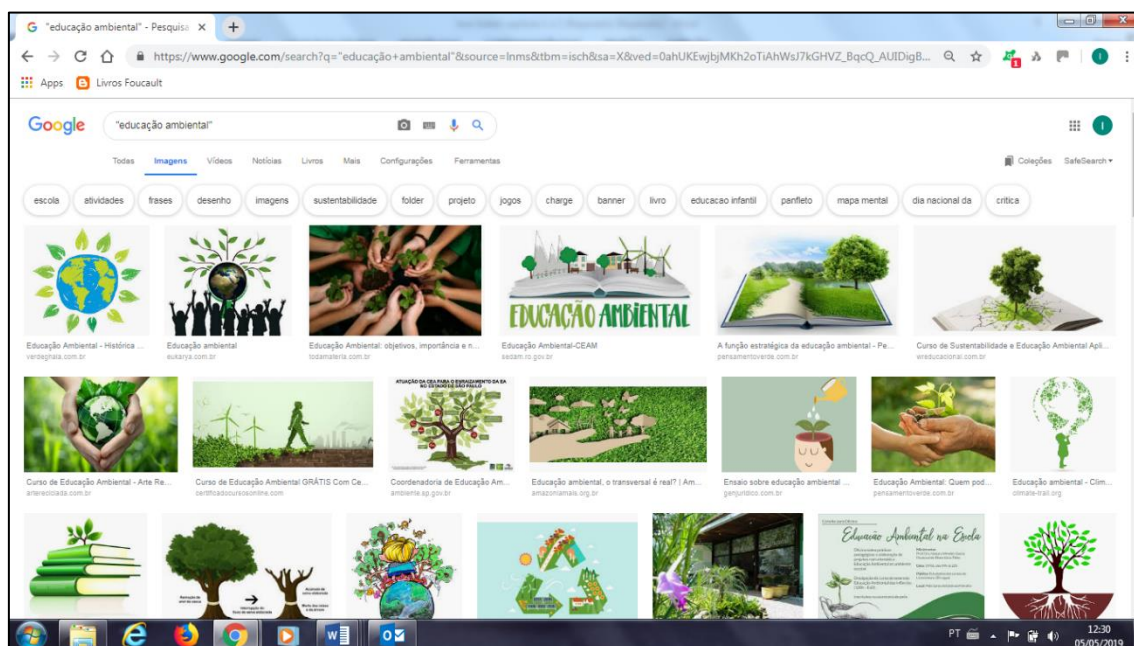
Iniciando o primeiro capítulo de uma tese proveniente de um Programa de Pós graduação em Educação Ambiental, pensava em como poderia começar o texto, apresentando de antemão, de uma maneira abrangente e direta, aproximações entre a EA e o DE. Como a tese possui as imagens como potência motivadora, inicio esse exercício de enunciabilidades e visibilidades com composições de imagens obtidas através de ferramentas de busca em internet, em sites com significativa utilização e que me trouxeram muitas pistas preliminares a pensar a temática. Escolhi a Google e o Bing pela proeminência na rede e neles pesquisei imagens com a expressão “educação ambiental”, em português e no Google pesquisei em espanhol “*educacion ambiental*” e em inglês “*environmental educacion*”.

A pesquisa em outros idiomas foi feita apenas neste momento da tese e partiu do próprio estudo para a tese, quando emergiu a curiosidade de espiar nesses mecanismos de busca, as imagens que apareceriam ao digitar as expressões supracitadas. No momento em que apresento a temática, considerei pertinente dividir essa coleta⁷ para pensar que o verde, permeando essas expressões, não é uma realidade somente brasileira.

⁷ As expressões em línguas estrangeiras foram pesquisadas apenas no Google buscando não tornar exaustiva ao leitor a apresentação das imagens. Para tanto, acessei o endereço google.com.ncr. O domínio *ncr no Country Redirect* (sem redirecionamento de país, em português). A busca foi realizada em aba privada, buscando ao máximo que a pesquisa ficasse desvinculada do banco de dados brasileiro.

Impulsionada pela força e a disseminação de um DE, divido algumas composições de imagens coletadas:

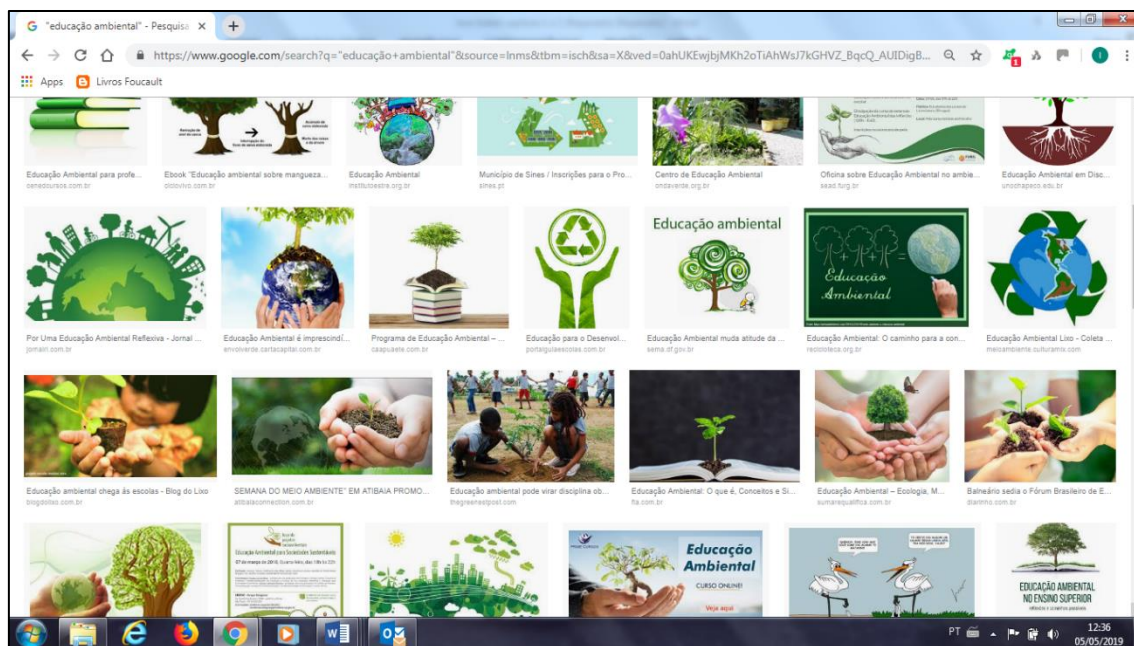
Figura 1 - Site de busca Google - Expressão pesquisada: “educação ambiental”



Fonte:

https://www.google.com/search?q=%22educa%C3%A7%C3%A3o+ambiental%22&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjbjMKh2oTiAhWsJ7kGHVZ_BqcQ_AUIDigB&biw=1366&bih=625. Acessado em 05/5/2019.

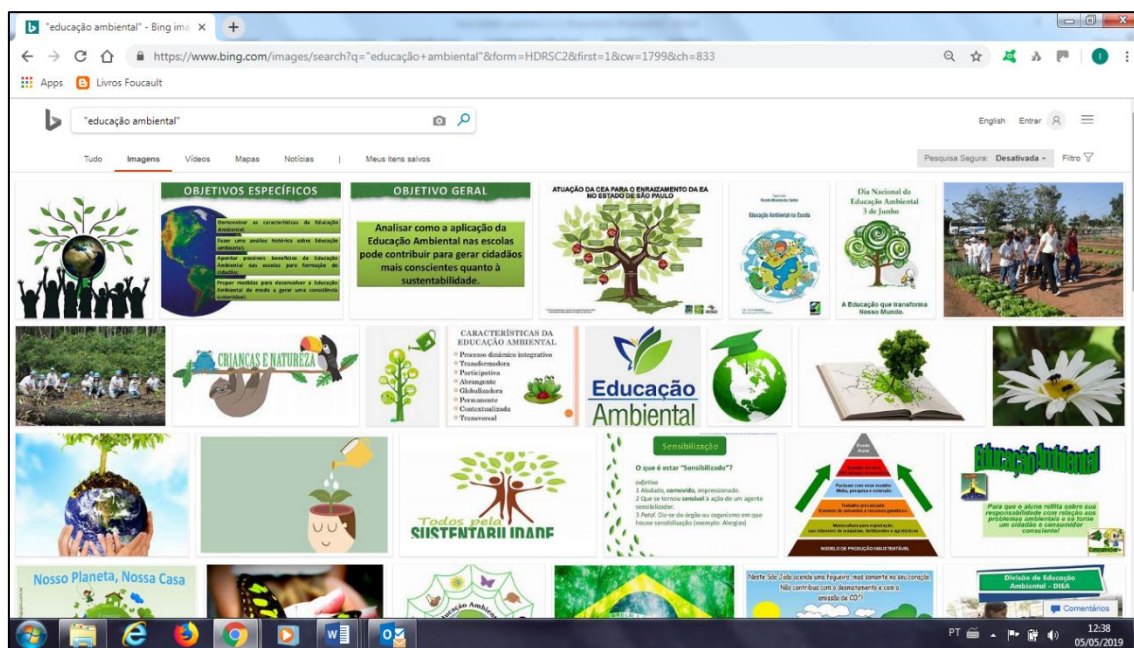
Figura 2 - Continuação da imagem da Figura 1



Fonte:

https://www.google.com/search?q=%22educa%C3%A7%C3%A3o+ambiental%22&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjbjMKh2oTiAhWsJ7kGHVZ_BqcQ_AUIDigB&biw=1366&bih=625. Acessado em 05/5/2019.

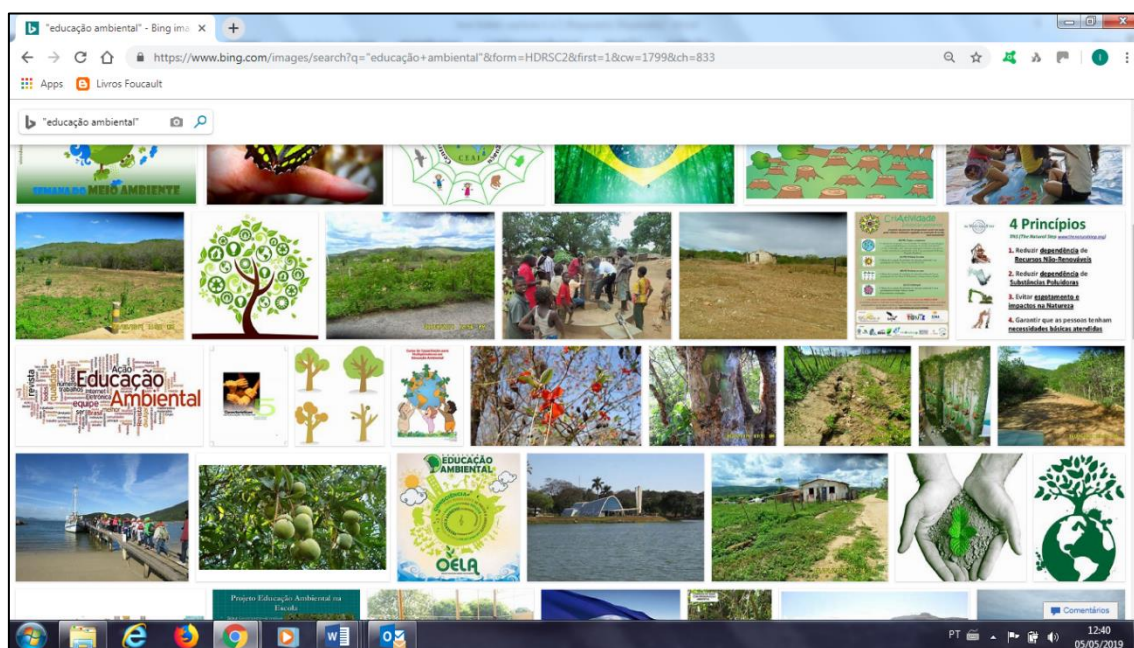
Figura 3 - Site de busca Bing – Expressão pesquisada: “educação ambiental”



Fonte

:<https://www.bing.com/images/search?q=%22educa%C3%A7%C3%A3o+ambiental%22&form=HDRSC2&first=1&cw=1799&ch=833>. Acessado em 05/5/2019.

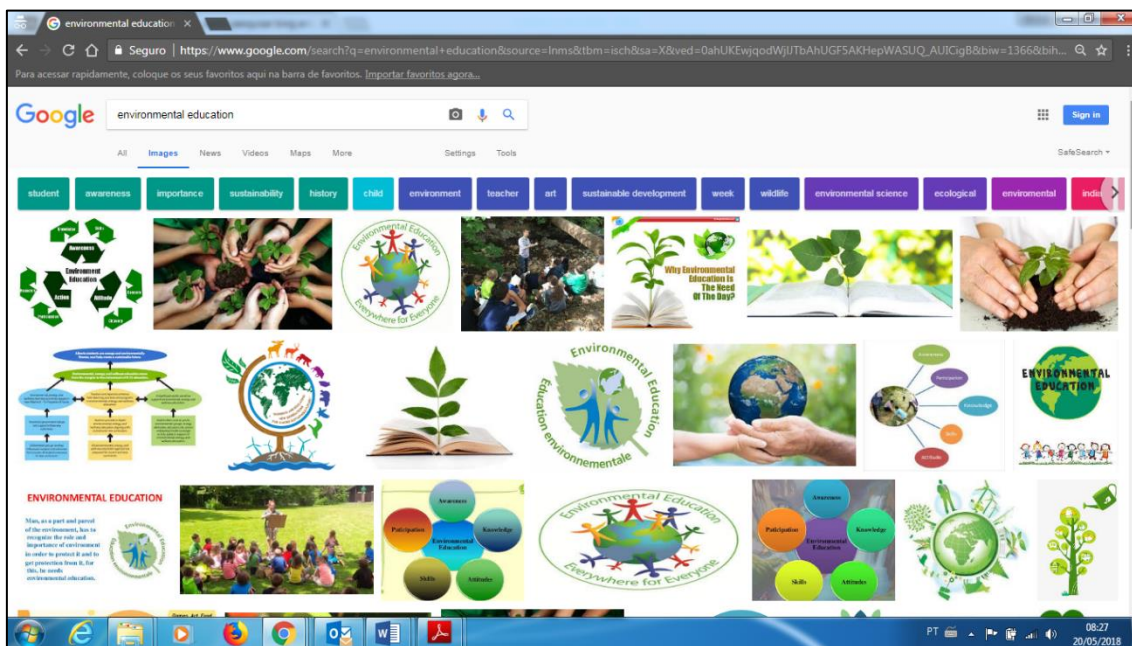
Figura 4 - Continuação da imagem da Figura 3



Fonte:

<https://www.bing.com/images/search?q=%22educa%C3%A7%C3%A3o+ambiental%22&form=HDRSC2&first=1&cw=1799&ch=833>. Acessado em 05/5/2019

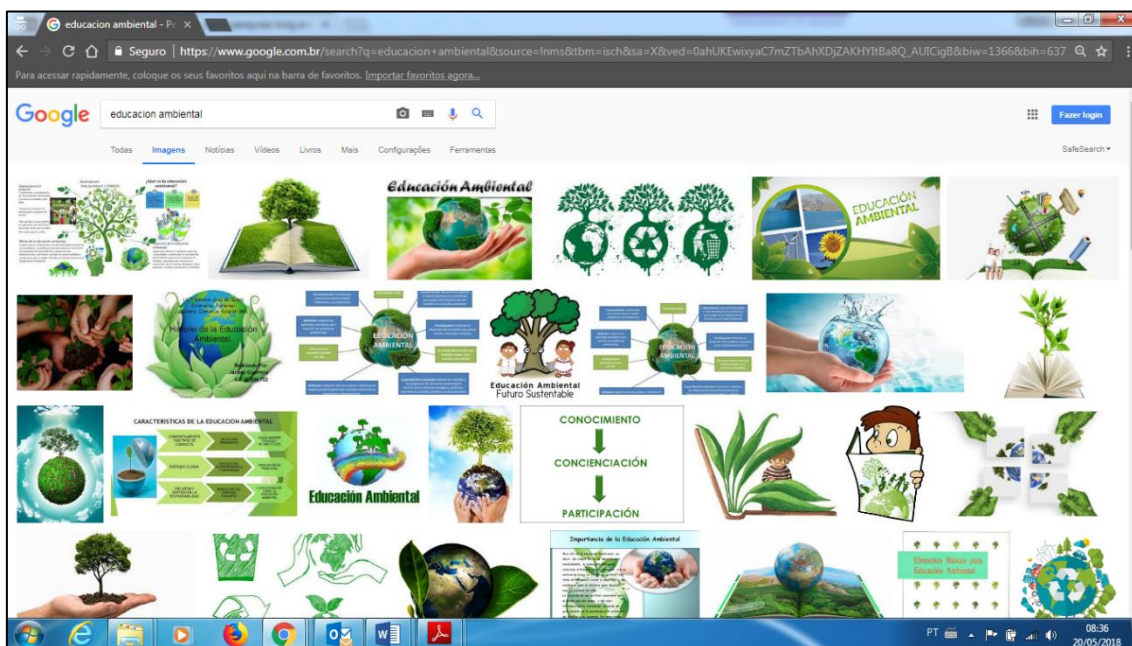
Figura 5 - Site de busca Google – Expressão pesquisada: “environmental educacion”



Fonte:

https://www.google.com/search?q=environmental+education&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjodWjITbAhUGF5AKHepWASUQ_AUICigB&biw=1366&bih=637. Acessado em 20/5/2018.

Figura 6 - Site de busca Google – Expressão pesquisada: “educacion ambiental”



Fonte:

https://www.google.com.br/search?q=educacion+ambiental&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwixyaC7mZTbAhXDjZAKHYItBa8Q_AUICigB&biw=1366&bih=637. Acessado em 20/5/2018.

O que percebo com a compilação acima? Muito verde, ambiente natural e algo que reverbera nesses exercícios: as mãos humanas em torno do planeta ou com alguma planta entre os dedos. Essas imagens das mãos humanas me causaram imensa

inquietação, pois a presença humana é ínfima diante da idade planetária. São aproximadamente 3 milhões de anos, correspondendo a apenas alguns minutos na história geológica da vida (SEABRA, 2013, p. 17). Ainda assim, é uma das imagens que mais prolifera.

O exercício de pesquisa dessas imagens constitui uma breve provocação. Contudo, entendo que com o resultado dessas buscas, tão utilizadas, é possível demonstrar rapidamente o reducionismo conceitual vigente e, além de um mero reducionismo, pode-se colher pistas do antropocentrismo que se mostra pelas imagens: “o homem em um plano e o ‘resto’ como planícies, montanhas, oceanos, ao serem vistos à distância, como objetos em miniatura”, realidades distantes e individuais, vigorando uma importância aos recursos como produtos aptos ao consumo, direcionando para a produção (SEABRA, 2013, p. 11). Assim é que os primeiros exercícios de vislumbrar as imagens, provocaram em mim a necessidade de pensar no antropocentrismo, discussão que será problematizada no quarto capítulo desta tese.

Rápido exercício em sites de busca, também muito utilizados por pesquisadores, estudantes e pessoas de um modo geral. Não se trata de apontar exemplos, aqui e acolá, mas estímulo para que não fiquemos atrelados a esquematismos e representações⁸ prontas e estáticas. A educação ambiental seria resumida a isso então? E todo o “resto”? Cidades, escolas, pessoas, vida!?!

Penso que nessas imagens repousa o que se encontra em sala de aula e em discursos do cotidiano que tanto perturbam. Com essa sustentação antropocêntrica, construída ao longo do tempo, falamos em ambiente, ou seja, nas maneiras em que a natureza, meio ambiente e até mesmo a educação ambiental são muitas vezes apresentadas na contemporaneidade. Visões romantizadas, desconectadas da vida da maioria das pessoas “contemporâneas” ou, então, algo que apenas os estudiosos da área ambiental tenham que dar conta.

Guattari (2015, p. 29) já comentava, no final dos anos 80, que o homem chamado de contemporâneo já estava enganchado em um mundo com precárias representações

⁸ Na tese, a expressão “representação” é utilizada a partir da vertente dos estudos culturais pós-estruturalistas, em que se entende que não existe a coisa em si, um dado *a priori*. Trata-se, isto sim, da representação de uma determinada coisa. Afasta-se da noção de representação no sentido de reproduzir sem questionar, buscando inspiração em o Platão e o Simulacro, “o platonismo funda assim todo domínio que a filosofia reconhecerá como seu: o domínio da representação preenchido pelas cópias-ícones e definido não em uma relação extrínseca a um objeto, mas numa relação intrínseca ao modelo ou fundamento” (DELEUZE, 2007, p. 264).

em constante movimento. Os jovens habitados por informações produzidas em lugares bem distantes: tudo circula, mas parece permanecer tudo no mesmo lugar, uma subjetividade petrificada. Pensando a tese, recordo-me de tantos discursos que são tão reproduzidos e pouco questionados: “Cuide da natureza!” “Pense verde!” “Seja sustentável!” Entendo essas expressões como transmissões de “palavras de ordem”, que informam o que devemos pensar, como Deleuze e Guattari comentam:

A palavra de ordem é, em si mesma, redundância do ato e do enunciado. Os jornais, as notícias, procedem por redundância, pelo fato de nos dizerem o que é "necessário" pensar, reter, esperar, etc. A linguagem não é informativa nem comunicativa, não é comunicação de informação, mas — o que é bastante diferente — transmissão de palavras de ordem (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 12.).

Deleuze (1987) esbraseia ainda mais dizendo que: “uma informação é um conjunto de palavras de ordem. Quando nos informam, nos dizem o que julgam que devemos crer. Em outros termos, informar é fazer circular uma palavra de ordem”. Através dos exemplos trazidos à tese, em consonância com uma proliferação de palavras de ordem, proponho que se pense sobre o dinamismo de onde os ditos ambientais partem e se espalham nos interstícios da vida. As imagens, os discursos atrelados à educação ambiental, embora muitas vezes nem se perceba, já possuem conceitos envoltos em repetições. Opiniões “prontas”.

Nesse sentido, me inspiro em Michel Foucault (2008a, p. 34), que alerta que o recorte de determinado domínio não pode ser considerado definitivo, tampouco absoluto. Trata-se de uma aproximação que possa permitir borrar os riscos do primeiro esboço. Assim, o presente trabalho, lança luz para discursos proliferantes na atualidade, buscando borrar os riscos de esboços previamente definidos. Aceito o convite de Fisher (2002, p. 58) e busco deixar para trás o lago sereno das certezas e ir encontrar ferramentas produtivas para pensar de outra forma, procurando tensionar e, quem sabe, cotejar ideias menos seguras. O anseio é buscar, quem sabe, alinhar, soltar, costurar e tecer outros modos de pensar e fazer educação ambiental em tempos de “esverdeamento” dos sujeitos.

Entendo que através dessas composições de imagens que os mecanismos de busca apresentaram já é possível perceber o DE em operação, seja com as imagens do planeta, com as mãos, com os slogans, com as fotografias. O DE já se apresenta disseminado ao simples pesquisar de “educação ambiental” e que será evidenciado com o *corpus* discursivo que a pesquisa traz para o palco de análise. Com isso, quero dizer

que o DE assume um lugar de verdade e de *necessidade* para nossa relação com o planeta, onde somos constantemente convocados a nos comportar enquanto rebanho, convergindo em um esverdeamento discursivo que captura, educa e compartilha com cada um de nós o dever de sermos ecologicamente corretos, em consonância com os discursos que estão esparramados.

Com essa motivação, a escrita é composta: com o incômodo pelo simplismo envolto à temática e às imagens marcadas pelo verde. O foco não é o produto final, mas sim a caminhada. Almejo uma composição rizomática como possibilidade de se fazer dizer, pensar e olhar para algumas produções de sentidos que abarcam questões ambientais:

Diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. Ele não é o Uno que se torna dois, nem mesmo que se tornaria diretamente três, quatro ou cinco etc. Ele não é um múltiplo que deriva do Uno, nem ao qual o Uno se acrescentaria ($n+1$). Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda (DELEUZE e GUATTARI, 2007, p. 31).

O rizoma na escrita é mencionado, pois a tese é pensada assim: não tem um início e um fim previamente definido e sim, um meio que cresce e transborda; um entre, movimento no transversal, buscando fissuras para problematizar.

Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio). (DELEUZE e GUATTARI, 2007, p. 36) [grifo dos autores].

Trata-se de um trabalho vivo, entremeado pelos atravessamentos daquele que pesquisa. “(...) de um lado, a forma do visível, de outro, a forma do enunciável, ambas irreduzíveis. E é fora das formas, numa outra dimensão, que passa o fio que as costura uma à outra e ocupa o entre-dois” (DELEUZE, 2010, p. 125). E, pensando através dessa composição rizomática, nesses meios que crescem, apresento as delimitações metodológicas da pesquisa e que estão presentes nesses “meios” e “entres”, como nos convida Deleuze a mirar.

1.2 Compondo, puxando e amarrando os fios que tecem a escrita: situando a pesquisa e os contornos metodológicos

Jamais interprete, experimente...
(DELEUZE, 2010, p. 115).

Assim como anunciado no título desta tese, entendo que o Discurso Esverdeante possui valor de verdade, inclusive sustentando o campo da EA. Tal entendimento se sustenta nas visibilidades e enunciabilidades constantemente educando-nos a ser “ecologicamente corretos”. No cenário atual, ele está fortemente embasado pelos discursos de medo pelo fim do planeta, aliando-se ao nosso “dever” de sermos conscientes, engajados e “verdes”.

Quando trato de verdade, penso-a como uma construção fabricada e previamente definida, engendrando discursos que são constantemente reiterados e reforçam ideais de verdade. Como acentua Foucault, as verdades são produzidas com inúmeras coerções e produzem efeitos de poder:

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sancionam uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 2015, p. 52).

Nessa fabricação, acolhemos alguns discursos como verdadeiros e assumimos tais verdades como nossas. Nietzsche diz que o homem ao mesmo tempo que quer existir socialmente, quer também conviver em rebanho e, para isso, precisa de verdades para si, assim terá as agradáveis consequências da verdade (NIETZSCHE, 2012, p. 30). Corroborando nesse entendimento, Henning e Henning (2012, p.12) dizem que as verdades estão nos nossos discursos, afetando as maneiras em que nos relacionamos, seja com pessoas, com instituições e, também conosco mesmos. Se por um lado garantem a reconfortante sensação de segurança, por outro podem vir a limitar nossas possibilidades de agir.

A verdade é conjecturada através de um conjunto de procedimentos que “permitem a cada instante e a cada pronunciar enunciados que são considerados verdadeiros” (FOUCAULT, 2006a, p. 232-233). Esse coletivo de pensamentos que

coadunam verdades é formatado pela coletividade. Aquilo que se pensa, até mesmo se sente, já encontra-se preenchido (BARROS, 2012, p. 12). O DE converge nessa constante distribuição de verdades, instigando a consumir e a agir através de comportamento largamente espalhados: “Proteja a natureza! Recicle! Use sacola retornável! Seja consciente!”.

Foucault proporciona com seus ditos e escritos valiosas pistas sobre verdade e sua não linearidade, porque ora escapa, ora é dominada, através de seus regimes de verdade. Compartilho o exemplo abaixo aonde o autor que embora não tenha tratado especificamente da questão ambiental, aborda sobre a verdade exemplificando com questões ecológicas:

Houve todo um movimento dito “ecológico” – aliás, muito antigo que não remonta apenas ao século XX – que manteve em um certo sentido e frequentemente uma relação de hostilidade como uma ciência, ou em todo caso com uma tecnologia garantida em termos de verdade. Mas, de fato, essa ecologia também falava um discurso de verdade: era possível fazer a crítica em nome de um conhecimento da natureza, do equilíbrio dos processos do ser vivo. Escapava-se então de uma dominação da verdade não jogando um jogo totalmente estranho ao jogo da verdade, mas jogando-o de outra forma ou jogando um outro jogo, uma outra partida, outros trunfos no jogo da verdade. (FOUCAULT, 2014a, p. 274, grifo do autor).

Foucault (2015, p. 45) entende a verdade como uma construção alicerçada em relações de poder. Afirma que o que faz com que o poder se mantenha e seja aceito não é apenas uma força que diz não, que reprime, mas a força que permeia, produz coisas, forma saber e produz discursos atravessando todo corpo social. Então o corpo social caminha enquanto rebanho, muitas vezes aceitando e assumindo essas verdades como inquestionáveis.

Sob esse viés, provoco-me a olhar com desconfiança sobre o que assumimos como legítimo. A partir dos ensinamentos de Foucault, penso a verdade do DE também como construída, provisória, incerta, fruto de regimes de verdade de determinado período histórico, cultural, social e sem uma definição final.

Dentre tantos entrelaçamentos que abarcam a matéria, Veiga-Neto corrobora a necessidade de retorcer o pensamento e interpelar as inquietações:

[...] conforme formos dando marteladas no nosso pensamento, retorcendo-o naquilo que nos dizem ser a verdade, naquilo que pensamos ser as nossas certezas, iremos colocando tudo sob suspeita: desde as nossas maneiras de pensar, nossas verdades e certezas até mesmo o martelo com que martelamos a nós mesmos ou a chave de fenda com que torcemos nossas ideias. Afinal um pensamento a marteladas raramente rompe até mesmo com o martelo, assim como o

arrochar do parafuso pode quebrar a chave de fenda que usamos. E rompendo ou quebrando a si mesmo, esse pensamento expõe – seja descobrindo, seja inventando – o que está para lá do que até então pensável e do até então dizível (VEIGA-NETO, 2006a, p. 84).

O DE como uma verdade no campo da EA se torna ainda mais evidente ao entender esta como um dispositivo, a partir de importante estudo de Garré (2015), subsidiado por Foucault. De acordo com a autora há uma rede discursiva interligada em torno da EA, que a produz e a coloca em funcionamento, relacionando-se tanto a configurações de saber, no que se refere a questões ambientais, e também colocando em operação relações de poder, atuando incisivamente na subjetivação de sujeitos, fabricando-os e ensinando-os, em uma relação de forças que se imiscuem em diversas tramas sociais, como leis, mídias, educação.

Em relação ao dispositivo, é importante mencionar que:

A filosofia de Foucault muitas vezes se apresenta como uma análise de “dispositivos” concretos. Mas o que é um dispositivo? Em primeiro lugar, é uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multilinear. É composto por linhas de natureza diferente e essas linhas do dispositivo não abarcam nem delimitam sistemas homogêneos por sua própria conta (o objeto, o sujeito, a linguagem), mas seguem direções diferentes, formam processos sempre em desequilíbrio, e essas linhas tanto se aproximam como se afastam uma das outras. Cada está quebrada e submetida a *variações de direção* (bifurcada, enforquilhada), submetida a *derivações*. Os objetos visíveis, as enunciações formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como que vetores ou tensores (DELEUZE, 1999). [grifos do autor].

A ideia de dispositivo é ressaltada pela variabilidade e por não possuir contornos definitivos, trata-se de “percorrer terras desconhecidas” (DELEUZE, 1999). Pensando o dispositivo, como um conceito múltiplo e aberto, conforme as linhas de sua constituição, possuem capacidade de recomposição e constante renovação, onde os sujeitos assumem posições discursivas, que a qualquer momento podem ser invertidas (GARRÉ e HENNING, 2015).

De acordo com Deleuze (1999), o dispositivo é composto por curvas de visibilidade, curvas de enunciação, linhas de força, de subjetivação e linhas de rupturas. Segundo o autor, essas curvas de enunciabilidade e de visibilidade permitem tornar visível e enunciável determinado objeto discursivo. Nessa tese, o objeto discursivo que defendo é o Discurso Esverdeante, alicerçado em dispositivos, sendo visível, enunciado e muito presente em processos de subjetivação, que o alocam na pauta do dia constantemente.

Deleuze (2010, p. 124) diz que a visibilidade de uma época é o regime de luz, e as cintilações, os reflexos, os clarões que se produzem no contato da luz com as coisas. A visibilidade é formada de linhas de luz que formam figuras variáveis e inseparáveis deste ou daquele dispositivo e cada um tem seu regime de luz, à maneira em que cai, se difunde ao distribuir o visível e o invisível, ao fazer nascer ou desaparecer o objeto que não existe sem essa luz (DELEUZE, 1999).

No Discurso Esverdeante, entendo que o regime de luz que o cintile hoje não será o mesmo de outro momento, de outra época. São linhas de luz que produzem o que faz parte do que somos hoje. Que nos ensina a vislumbrar a pulverização discursiva verde com tanta potencia e convencimento.

As linhas de enunciação “Não são nem sujeitos nem objetos, mas regimes que é necessário definir em função do visível e do enunciável, com suas derivações, suas transformações, suas mutações.” (DELEUZE, 1999). Em outras palavras, as curvas de enunciação produzem modos de enunciar sobre algo. De acordo com Garré e Henning (2015):

O enunciado precisa ser extraído, revirado, esmiuçado. É necessário entender as condições em que ele se constrói e as regras e regimes que tornam possível a sua construção e não de outro em seu lugar. O enunciado se forma a partir de certas regras, de condições de possibilidade que o produzem e o legitimam. Nessa linha de pensamento, o sujeito seria uma das variáveis do enunciado, que depende das suas condições de funcionamento.

Os processos de subjetivação se relacionam à subjetividade, conceito que será ainda retomado na escrita da tese. São processos de individuação, que se referem a grupos ou pessoas, escapando tanto às forças estabelecidas como aos saberes constituídos, trata-se de uma espécie de “mais-valia” (DELEUZE, 1999).

Essa, digamos, autenticação converge anda mais ao entendimento de que os sujeitos assumem os efeitos dos atravessamentos de suas constituições. Somos povoados, animados, preenchidos de efeitos que não cessam. Efeitos esses que nos compõem e nos tornam quem somos hoje, nos fazendo entender algumas verdades como inquestionáveis.

Entendo que esses conceitos possibilitam que as imagens do portfólio da tese sejam olhadas sob esses vieses de enunciabilidade e visibilidade. Ou ainda, evidenciando o DE, sendo enunciado e visibilizado pelas imagens midiáticas, repetindo e propagando verdades. Fischer (1997, p. 60-61) afirma que há um dispositivo

pedagógico na mídia com o qual “os meios de informação e comunicação constroem significados e atuam decisivamente na formação dos sujeitos sociais.” Nesse sentido, Marcello corrobora:

Ao sistematizar as curvas de visibilidade e os regimes de enunciação em torno de relações agonísticas entre as linhas de forças, a mídia produz de alguma forma o que deve ser visto e como deve ser falado (e vice-versa), mesmo que, para tanto, ela se utilize de enunciados históricos e, portanto, já existentes. É justamente a característica de sua materialidade que não apenas permite, mas exige ao discurso condição de se tornar repetível (MARCELLO, 2003, p. 93).

O Discurso Esverdeante se apoia em enunciados que não cessam, repetem-se, são reforçados, reiterados e proferidos a todo momento. Alguns se atravessam, são potencializados. De acordo com essa formação discursiva estabelecida em função desses enunciados, “vê e faz ver tudo o que pode, em função de suas condições de visibilidade, assim como diz tudo o que pode, em função de suas condições de enunciado” (DELEUZE, 2005, p. 68).

As linhas de força por sua vez, de alguma maneira “retificam” as curvas de enunciabilidade e visibilidade envolvendo trajetos que, assim como setas, vão de linhas a outra, idas, vindas entre o ver e o dizer, não cessando de penetrar as palavras e as coisas, compondo o saber e o poder. Essa linha torna-se indistinguível das outras (DELEUZE, 1999).

Deleuze diz que pensar é ver, é falar. O autor salienta que o olhar não pode permanecer apenas nas coisas, deve se elevar às “visibilidades”; assim como a linguagem não fique atrelada às palavras, afinal, pensar é poder! (DELEUZE, 2010, p. 123). De acordo com o autor (2005, p. 61), não se trata de imagem como algo palpável. Porém, buscando as visibilidades ao abrir as palavras, rachando as coisas, não se confundindo com os elementos visuais de um objeto ou uma coisa:

As visibilidades não são formas de objetos, nem mesmo formas que se revelariam ao contato com a luz e com a coisa, mas formas de luminosidade criadas pela própria luz e que deixam as coisas e os objetos subsistirem apenas como relâmpagos, reverberações, cintilações (DELEUZE, 2005, p. 62).

Lançar luminosidade a esses discursos distribuídos nas mídias e rachando as palavras, são tentames que vêm ao encontro do que Deleuze explana: “O próprio sujeito que vê, é um lugar na visibilidade, uma função derivada da visibilidade (...) Seria preciso, então, invocar valores imaginários que orientariam a percepção” (DELEUZE, 2005, p. 67). E ainda complementa: “As visibilidades não se definem pela visão, mas são

complexos de ações e de paixões, de ações e de reações, de complexos multissensoriais que vêm a luz” (2005, p. 68).

Sob essa perspectiva o DE, pode ser ampliado com tudo aquilo que não está dito, ou como Deleuze (2005, p. 14) coloca: “com um conteúdo virtual ou latente que multiplica seu sentido e que se oferece à interpretação, formando um “discurso oculto” [grifo do autor].

Nessas tensões, vislumbro o DE operando, ensinando e fabricando a subjetivação constantemente. Nos tentames de lançar luz ao DE tão recorrente, esta tese pretende alinhar a produção discursiva da mídia, entendida como algo além de um propulsor de discursos, mas como uma forma de poder. O desejo é problematizar os atravessamentos midiáticos com o DE introjetado em nossos modos de vida, que muitas vezes estão tão dados que nem os problematizamos. Eles permeiam nosso dia-a-dia cotidianamente e, pensando com Nietzsche, podem ser tomados como ditos de verdade de um rebanho: educado, conduzido e moldado constantemente:

O homem do rebanho chama de verdade aquilo que o conserva no rebanho e chama de mentira aquilo que o ameaça ou exclui do rebanho. A verdade e a mentira são ditas a partir do critério da utilidade ligada à paz no rebanho. Assim, os gestos, as palavras e os discursos que manifestem uma experiência individual própria em oposição ao rebanho, ou não são compreendidos ou trazem mesmo perigo para aqueles que assim se mostrem. Portanto, em primeiro lugar, a verdade é a verdade do rebanho (SOBRINHO, 2001).

Através das verdades que se consolidam no campo da EA e com os atravessamentos que perpassam a pesquisa/pesquisadora, a metodologia foi composta. No decorrer da tessitura do trabalho, muitas marteladas foram feitas: autores, garimpagem sobre a melhor maneira de se fazer-dizer, definição de conceitos de base, livros, aulas, eventos, aceites de trabalhos em congressos, orientações. O Grupo de Estudos Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia- GEECAF, em especial, foi fundamental para a delimitação metodológica.

Mesmo antes de haver tal delimitação, já me via coletando, fotografando e salvando imagens que de alguma maneira impactavam pelo subterfúgio verde estar presente. Acredito que se mostrou tão evidente que, após as conversas com o grupo sobre as principais motivações do trabalho, alguns colegas passaram a me enviar registros de discursos ambientais que perpassavam por seus diferentes olhares.

Entre muitos olhares e atravessamentos, recordo Deleuze e Guattari (2007, p. 10): “Fomos ajudados, aspirados, multiplicados (...) Como cada um de nós era vários, já era muita gente.” Sob essa inspiração, a tese foi composta e seus contornos foram apresentados. Aliei-me a alguns pares, potentes operadores epistemológicos para sustentar o percurso. Alguns autores inspiraram, outros trouxeram sustentação teórica, alguns inquietaram. Outros são efetivamente pares teóricos. Desacomodaram e provocaram o pensamento. Tantas vezes desassossegararam de tal forma, que fechava o livro para tentar refletir e escutar os ecos deles provenientes.

Dentre autores que poderiam ser entendidos por compartilhar esses espaços de pensamento, destaco: Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Friedrich Nietzsche. Através dos contornos proporcionados por esse aporte, junto aos autores nacionais, como: Paula Henning, que muito além de orientadora é uma autora de referência em estudos e publicações em Michel Foucault⁹, Barbara Garré, Leandro Guimarães, Shaula Sampaio, Alfredo Veiga-Neto, Rosa Fischer, além de outras tantas vozes que acompanharam o percurso e ecoaram, mesmo que não se soubesse de onde vinha o eco, introjetaram, e fizeram parte do que se é hoje, e compuseram “meios” e os “entre” da tese.

Ao tecer um trabalho de cunho acadêmico, com tantas inquietações que interpelavam o caminhar e tantas vozes que instigavam o pensamento, um questionamento aflorou desde o primeiro encontro de orientação: como delimitar os contornos metodológicos da pesquisa? O recorte metodológico ocupava parte das preocupações e cuidado que a escrita de um trabalho de doutorado exige. Seria conveniente definir uma mídia, determinada revista? Jornal? Marca? Produto?

Com a potência de um grupo de estudos, entra em cena o GEECAF, do qual faço parte desde 2016, para auxiliar na questão metodológica da pesquisa. O grupo, vinculado à Universidade Federal do Rio Grande – FURG, possui atividades desenvolvidas desde 2008 e se dedica a pesquisas no campo da educação e, mais especialmente da educação ambiental, tendo como principal intercessor o filósofo francês Michel Foucault. O GEECAF é composto atualmente por vinte e sete integrantes, tanto de licenciaturas, bacharelados, mestrados e doutorados afinados ao campo da

⁹AQUINO, Julio Groppa. A difusão do pensamento de Michel Foucault na educação brasileira: um itinerário bibliográfico. *Rev. Bras. Educ.*[online]. 2013, vol.18, n.53, pp.301-324. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782013000200004>.

educação. Os estudos se dividem basicamente em duas linhas de pesquisa: educação, escola e contemporaneidade e fundamentos filosóficos da educação ambiental. A primeira preocupa-se com diferentes configurações assumidas pela educação na contemporaneidade e, contempla estudos sobre cultura, ciência, filosofia e outras áreas na formação de professores e em diversos espaços educativos. A segunda, aborda os fundamentos históricos, filosóficos, éticos e epistemológicos da educação ambiental, problematizando as relações homem, natureza e sociedade. Dentre os objetivos do GEECAF está a formação continuada de professores da rede pública e privada da cidade do Rio Grande e região sul do Rio Grande do Sul, problematizando os modos como experimentamos uma certa educação e, mais especificamente, uma certa educação ambiental no cenário contemporâneo. Para isso, são desenvolvidos inúmeros trabalhos em escolas de educação básica, envolvendo educação, educação ambiental e filosofia.

Os encontros são assíduos, horas de leitura, discussões e estudo, muito estudo. Tem como metodologia a discussão e problematização de livros especialmente da Filosofia, articulando os conceitos e ferramentas teóricas ao campo da educação e da educação ambiental. O grupo de estudos investe parte das discussões sobre artefatos midiáticos que circulam em diferentes espaços e vêm fabricando a educação ambiental na atualidade. Quando a minha proposta de tese foi levada à discussão, apresentei a pesquisa, mostrei algumas imagens esverdeantes e conversamos (muito) sobre a questão metodológica. E o questionamento assombrava: como delimitar a pesquisa sem restringir? Ao mesmo tempo que não se queria limitar, não poderia deixar um tema tão potente, frágil metodologicamente. Para tentar sanar essas inquietações, foram levantadas inúmeras possibilidades de recorte. Dentre essas, surgiu um pertinente questionamento: se as imagens proliferam, se provêm de diferentes meios, por que não se poderia fazer a pesquisa da tese com um portfólio de imagens coletadas? Por que não olhar para diferentes mídias que nos atravessam cotidianamente?

Assim, pensando no bombardeio discursivo provindo de diferentes maneiras, foi lançado um convite-desafio ao grupo para que passassem a coletar imagens que por ventura, contivessem algum DE em seu conteúdo. Foi assim que junto comigo, um portfólio¹⁰ foi sendo composto.

¹⁰ Possui origem italiana, *portafoglia*, e referia-se a uma pasta para guardar folhas soltas. Pode-se dizer que é uma coleção de papéis, fotografias ou desenhos. O termo está sendo utilizado na tese para nomear a compilação de imagens verdes coletadas. Disponível em <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/porta-folio/>. Acessado em 20 de maio de 2018.

Quando olho para uma sociedade tão fluida e de agenciamentos coletivos tão presentes e atuantes, não gostaria de enxergar isoladamente, em um único aparato, a proliferação discursiva “esverdeante” tão cara e marcada como verdadeira nos dias atuais. Não se trata de analisar na mesma esfera uma marca, jornal ou uma rede de supermercados, pois provavelmente não se daria conta de um emaranhado de discursos em tantas esferas diferentes. Ao mesmo tempo não me contentaria em olhar apenas determinado jornal e, não me sentir afetada quando uma embalagem de brinquedo se denomina “amiga da natureza”, quando uma corrida¹¹ é denominada “*Eco Friendly*” ou quando uma revista de moda anuncia: “10 marcas eco-friendly que você precisa conhecer¹²”.

Tal preocupação se fez presente na banca de qualificação, quando fui indagada e provocada a delimitar essa análise. Foram sugeridas algumas alternativas como, por exemplo, definir redes sociais ou algum outro aparato midiático específico. Entendo que as sugestões de definição poderiam ser mais facilmente explicadas, metodologicamente falando, ao recortar um único aparato e dali direcionar meu olhar. Após essas indagações, muitas possibilidades foram propostas e pensadas, mas olhando para trás, refletindo sobre a fagulha motivadora da escrita, se tal definição de recorte fosse feita, entendo que estaria indo contra o que realmente motivou o ir, pois visualizo as inquietações que impulsionaram a tese, sempre muito atreladas a diferentes imagens que reverberam com o subterfúgio verde provindo de diferentes lugares e a todo momento. Essa pulverização discursiva que emana por incontáveis vieses merece ser olhada entendendo que verdades são aí fabricadas. Trata-se de olhar os discursos que esverdeiam a contemporaneidade pois se esparramam.

O próprio referencial me instiga a martelar, cavoucar, olhar além do que está dado, pensar nas fissuras, no micro. Desse modo, com esse aporte, assumo a posição de não limitar um objeto midiático específico de análise. Justifico a importância de mirar diferentes meios encharcados por discursos verdes, afinal, o que salta aos olhos são as diversas maneiras em que o DE interpela e preenche a contemporaneidade. A partir do momento que eu olho para a rede social, vasculhando esses discursos, me parece que a razão de ser da pesquisa entraria na maquinaria serial que tanto critico. Não me importa aqui sair olhando para buscar os discursos, mas muito me inquieta que tais discursos

¹¹Reportagem disponível no site: <http://www.chiptiming.com.br/eventos/ecofriendly>

¹²Reportagem disponível no site: <https://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2017/06/10-marcas-eco-friendly-que-voce-precisa-conhecer.html>

saltam aos olhos mesmo sem os procurar. Eles se esparramam a todo instante. É essa fluidez e hegemonia discursiva provindo de incontáveis espaços que fazem a tese seguir e ter vida.

Assumindo tal entendimento, para não cortar a fluidez de uma composição de imagens, o recorte metodológico da tese foi feito pelo lapso temporal, restringido de setembro de 2016 até setembro de 2019. A coleta desse material abarca anúncios de revistas, recortes de jornais, etiquetas, selos, marcas, embalagens de produtos. Trata-se de um portfólio¹³ aberto a atravessamentos que saltaram aos olhos de tal forma que foi feito o registro e este, incorporado ao portfólio. Interessa-me, nesta pesquisa diferentes ditos, visíveis e enunciáveis, sem indicar o foco, mas que um modo geral contivessem discursos que me ajudam a compor esse acervo. Entendo que o referencial teórico me instiga a esse recorte. Para Foucault, um acontecimento discursivo não é uma unidade irrompível, situada em determinadas coordenadas espaciais e temporais. Tampouco trata-se de um acontecimento que aparece em um texto originário, em um único discurso. Ao contrário, é um acontecimento que se dispersa. Trata-se de uma multiplicidade que define o papel, o lugar de um tipo de discurso, inclusive a qualificação de quem deve sustentá-lo e o domínio dos objetos aos quais se dirige (SAUQUILLO, 2017, p. 245-246).

Acredito que as imagens do portfólio provenientes de diferentes lugares e captadas por vários olhares são muito potentes para pensar a produção de verdades e a fabricação de sujeitos na atualidade tão reiterados pelo estigma verde. Justifico tal entendimento por acreditar que podemos lançar olhares para aquilo que nos afeta enquanto sujeitos deste mundo, marcado por educações ambientais, que nos atravessam cotidianamente, chegando até nós de inúmeras maneiras.

Uma tese junto a muitas vozes, entrelaçada a um potente referencial teórico me provoca a pensar sobre alguns possíveis desdobramentos que esses questionamentos podem propiciar. Um desafio. Às vezes cavar arestas ao tentar pensar diferente do que se está acostumado pode não ser fácil. Nesses tentames de pensar com os potentes

¹³ Acredito que seja importante ressaltar que não se trata de um trabalho quantitativo. Não me preocupa a quantidade de imagens coletadas, tampouco pretendo fazer relações numéricas sobre essas informações. A coleta não se fundamenta através de uma busca ativa, são imagens que atravessam e que motivam que se colete e venha ao portfólio. Porém, a título de curiosidade, há mais de 300 imagens entre propagandas, rótulos de produtos de higiene, beleza, alimentícios, peças do vestuário, notícias, redes sociais, jornais, revistas, catálogos, placas, embalagens e sacolas.

autores que sustentam a pesquisa, busco provocar o pensamento. Aprendo com Foucault (2014a, p. 227) a realizar uma leitura crítica do pensamento a partir da maneira como as coisas são ditas, compreendendo a problematização não como um ajustamento de representações, mas como um trabalho do pensamento: “O trabalho do pensamento não é denunciar o mal que habitaria secretamente em tudo que existe, mas pressentir o perigo que ameaça em tudo o que é habitual e tornar problemático tudo o que é sólido (FOUCAULT, 2014b, p.217)”.

Ao esticar o fio que dará um nó para prosseguir a tessitura do trabalho, em um movimento de repousar para prosseguir, vislumbro o Discurso Esverdeante em uma malha discursiva que reforça, potencializa e confere um valor de verdade muitas vezes inquestionável. Nesse jogo de ideais de verdade, não busco jogar¹⁴ um jogo totalmente estranho e/ou diferente, mas provoco e me provoco a jogar de outras maneiras; busco outras possibilidades entremeadas a visibilidades e enunciabilidades.

Após essa contextualização inicial, a proposta de tese se encaminha para o segundo capítulo, onde apresentarei alguns aportes teóricos que me ajudam a balizar o trabalho e a pensar a EA embasada por DE.

¹⁴ Foucault (2014b, p. 276) esclarece: “A palavra “jogo” pode induzir a erro: Quando digo “jogo” me refiro a um conjunto de regras de produção de verdade. Não um jogo no sentido de imitar ou de representar...; é um conjunto de procedimentos que conduzem a um certo resultado, que pode ser considerado, em função dos seus princípios e das suas regras de procedimento, válido ou não, ganho ou perda”.

2. NA BUSCA DE FERRAMENTAS TEÓRICAS...

Várias respostas podem ser dadas para um mesmo conjunto de dificuldades. Na maior parte do tempo, diversas respostas são efetivamente propostas. Ora, o que é preciso compreender é aquilo que as torna simultaneamente possíveis; é o ponto no qual se origina sua simultaneidade; é o solo que pode nutrir umas e outras, em sua diversidade, e, talvez, a despeito de suas contradições (FOUCAULT, 2014a, p. 226).

Após essa contextualização inicial de uma tese em que analiso a proliferação discursiva “esverdeante”, como uma verdade no campo da EA, pautamos a este segundo momento do trabalho, que denominei “na busca de ferramentas teóricas”. Inspiro-me em Foucault, que diz que os livros podem ser utilizados como uma caixa de ferramentas, sendo empregados por usos não definidos inicialmente pelos autores, mas que dali podem ser retiradas a cada momento aquelas consideradas mais eficientes ao que se propõe operar e, quanto mais novos usos, imprevistos e inovadores, melhor:

Se as pessoas querem mesmo abri-las, servirem-se de tal frase, tal ideia, tal análise como de uma chave de fenda, ou uma chave-inglesa, para produzir um curto-circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive, eventualmente, os próprios sistemas de que meus livros resultam, pois bem, tanto melhor! (FOUCAULT, 2006b, p. 52).

Sob tal preceito, pego “emprestado” alguns conceitos considerados importantes para a tese, especialmente de autores da filosofia da diferença¹⁵. Ou seja, de um contexto de pensamentos provenientes, principalmente a partir de maio de 1968, no qual tem a arte e a literatura, como potência de pensar.

Deleuze (2000, p. 35) salienta que não se trata de uma diferença simplesmente conceitual. Enquanto a diferença estiver inscrita num conceito geral, não se tem qualquer ideia singular da diferença, permanecendo apenas a diferença já mediatizada pela representação.

Em relação a esse referencial, Petronilio (2012) diz que a força do pensamento proveniente da diferença encontra a gênese no próprio ato de pensar, inspirando-nos à criação de novas maneiras de pensar: pensamento criativo, pensamento artista, pensamento-acontecimento, que se transformam em uma verdadeira potência. Um pensamento que se bifurca, que forma um leque de dobras, operando incessantemente sem começo e sem fim.

Compondo esta tese preocupada com os câmbios contemporâneos, tão presentes e atuantes, opero com algumas ferramentas teóricas para problematizar tantas verdades estabelecidas em torno das questões ambientais. Lançando olhares aos modos como estamos a produzir e a reproduzir tanto DE.

¹⁵ Entendo que os autores citados no primeiro capítulo, como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari, dentre outros, compartilhem essa diferença em seus escritos e atuam como disparadores do pensamento, ao retorcem as maneiras de olharmos para diferentes questões.

Uma tese junto a muitas vozes, diferentes modos de olhar, torna-se ainda mais potente para mim¹⁶. Traz força, embasamento e sustentação. Um desafio. Às vezes cavar arestas de tentar pensar diferente do que se está acostumado pode não ser fácil. Talvez aí esteja o vigor de um pesquisador que se alia à filosofia da diferença. Não quer facilidade, almeja pensar sobre o que já está redundante. Por que podar algo que cresce e se esparrama?

Esse capítulo foi organizado em duas partes. Na primeira parte teço considerações sobre o Discurso Esverdeante na contemporaneidade, na segunda abordo a EA e a ecosofia como potência de pensamento para a área, trazendo algumas considerações.

2.1 Esverdeamento discursivo na contemporaneidade

As preocupações e provocações ambientais não são recentes e vêm emergindo ao longo de décadas. Atualmente há uma proliferação discursiva permeando diferentes espaços que alertam para necessidade de cuidarmos do Planeta e, de modo paradoxal, também incita ao consumo (BECK, HENNING e VIEIRA, 2014). Contudo, trata-se, hoje, de pensar num outro consumo, num consumo consciente, numa onda verde que investe na subjetividade do indivíduo, governando modos de vida. Se antes, nos anos 70 do século XX, Lutzenberger (1977) alertava sobre a necessidade de frear o consumo por estarmos acabando com o Planeta Terra, hoje o que vemos é uma incitação permanente para consumirmos (GUIMARÃES, 2012). No entanto, não se trata de qualquer consumo, mas daquele preocupado com a sobrevivência da espécie humana, um consumo verde convergindo com o conceito cerne da tese: o Discurso Esverdeante.

Em se tratando especificamente da educação ambiental, Garré (2015) diz que, por onde circulamos a EA se faz presente, ora educando, ora regulando nossas ações. A autora, subsidiada por Foucault, identifica uma espécie de “ortopedia discursiva”¹⁷ em torno da questão ambiental, ensinando como e o que deve ser dito:

São cientistas, ecologistas, ambientalistas, biólogos, educadores, políticos, enfim, uma infinidade de especialistas convocados a falar sobre a problemática ambiental e sobre o que deve ser feito para

¹⁶ Deleuze diz que falar em seu próprio nome não se trata de ter sua hora da verdade, tampouco escrever memórias, é nomear as potências impessoais que combatemos enquanto buscamos algum objetivo (DELEUZE, 2010, p. 115).

¹⁷ A autora alia este conceito ao pensamento de Michel Foucault, principalmente, a partir da obra “História da Sexualidade – a vontade de saber”.

minimizá-la ou contê-la. **Existe, em torno do campo ambiental, uma espécie de explosão de discursos, na qual diversos segmentos da sociedade são convidados a participar.** Precisamos constantemente ver e falar sobre a problemática ambiental vivida na atualidade. **Somos tensionados a todo o momento a participar de algum modo dessa “grande catástrofe ambiental”,** que acomete a todos. Desse modo, **nossas ações individuais e coletivas vão sendo reguladas, controladas e conduzidas cotidianamente.** Um novo sujeito passa a ser produzido a partir desses ditos e jogos de força operacionalizados em diversas instâncias sociais (GARRE, 2015, p. 98, grifos meus).

Estamos imersos nessas teias discursivas que agem na seara da EA. Muitos desses discursos, provêm de diferentes mídias, que atuam fabricando verdades e modelando comportamentos diante da crise ambiental. Não se trata de negar a crise instalada no planeta, mas acredito que esse campo de saber tenha sido impulsionado a partir da crise, articulado com a constante distribuição de discursos de verdade, mostrando o que fazer e como fazer, e assim a EA está constantemente alocada na pauta do dia.

Garré (2015) corrobora isso ao dizer que a EA se constrói historicamente a partir de problema e crise. Diante disso, a coletividade como um todo precisaria unir forças para salvar o planeta. Isso se mostra evidente ao olharmos os grandes encontros que abordam a EA e consolidaram a área como um campo de saber. Dentre tantos exemplos que demarcam a EA, muito pautada na solução de problemas, destaco: (a) a Conferência de Estocolmo em 1972, que apontou a necessidade de uma educação focada nos problemas ambientais; (b) a Conferência de Tbilisi¹⁸, que, dentre seus objetivos, está o de ajudar grupos e indivíduos a se comprometerem com valores e a “sentirem interesse e preocupação pelo meio ambiente, motivando-os de tal modo que possam participar ativamente da melhoria e da proteção do meio ambiente”; (c) a Eco 92 realizada no Rio de Janeiro, também pautada na “conscientização” e cooperação de todos na defesa do ambiente. Três eventos de grande proeminência da caminhada da EA que me ajudam a pensar a consolidação em termos históricos da área como um campo de saber.

Nesse sentido, é interessante comentar que ao fazer uma análise correlata às primeiras normas ambientais consideradas mais significativas no âmbito jurídico, acredito que confluam para este entendimento, o de que a pauta de proteção e preservação ambiental passam a ganhar espaço em meados de 1980, em consonância

¹⁸ Algumas recomendações da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental aos Países Membros (Tbilisi, CEI, de 14 a 26 de outubro de 1977). Disponível em <http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/coea/Tbilisi.pdf>. Acessado em agosto de 2018.

com as conferências e eventos. Por exemplo, o primeiro Código Florestal de 1934¹⁹, que não é voltado à preservação ou conscientização e o Código de Águas²⁰, do mesmo ano, que trata dos recursos naturais voltados para fins industriais. Compartilho uma de suas considerações:

Considerando que se torna necessário modificar esse estado de coisas, dotando o país de uma legislação adequada que, de acôrdo com a tendência atual, permita ao poder público **controlar e incentivar o aproveitamento industrial das águas** (grifos meus).

Posteriormente, na década de 80, mais precisamente em 1981²¹, a Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA) traz em seu primeiro princípio o meio ambiente como um patrimônio público, que “deve ser protegido por todos”. No princípio X, a educação ambiental é preceituada a ser implementada em todos os níveis de ensino, para que “todos” sejam capacitados para participar ativamente na defesa do meio ambiente. Em 1988²² entrou em vigor a Constituição Federal (CF). Sendo a sétima constituição brasileira, foi, todavia, a primeira a trazer a expressão Meio Ambiente em seu conteúdo. Por esse motivo é também conhecida como constituição verde (MILARÉ, 2014, p. 169). Dentre suas normas, prevê em seu inciso sexto a educação ambiental para todos os níveis de ensino e estabelece em seu artigo 225²³ que o poder público e a coletividade o “deve” defender e preservar o meio ambiente para as presentes e futuras gerações. Em 1996²⁴, é iniciado o Programa Nacional de Educação Ambiental, com diversas linhas de ação, buscando “conscientização” pública e a promoção do ensino em todos os níveis. Em

¹⁹ Decreto nº 1930 de 1934 - Aprova o Código Florestal que com este baixa. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d23793.htm. Acessado em 14/1/2017

²⁰ Decreto nº 24.643, de 10 de julho de 1934 - Decreta o Código de Águas. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d24643.htm. Acessado em 14/1/2017

²¹ Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981 - Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6938.htm. Acessado em 14/1/2017

²² Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

²³ CAPÍTULO VI - DO MEIO AMBIENTE.

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

§ 1º Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao Poder Público: (...)

VI - promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente;

²⁴ Programa Nacional de Educação Ambiental. 4ª edição. Disponível em http://mma.gov.br/images/arquivo/80221/pronea_4educacao_web-1.pdf. Acessado em 14/1/2017

1999²⁵, foi aprovada a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), que em seu primeiro artigo²⁶ traz a EA como um processo no qual indivíduos e a coletividade constroem valores voltadas para a conservação do meio ambiente.

Desse modo, volto a dizer, que me parece que as normas jurídicas em sintonia aos eventos e conferências de cunho ambiental, convergem a um entendimento a partir das décadas de 80 e 90. Posicionam-se em favor da defesa e preservação, apoiadas veementemente no medo pela perda dos recursos naturais e até mesmo do planeta.

A legitimidade das normas sustenta ainda mais o Discurso Esverdeante, que se esparrama na contemporaneidade. Henning *et al* (2014a) dizem que não há dúvida que desde o início da década de 90 há uma intensa preocupação com o futuro do planeta, tanto por parte das empresas (governamentais ou não) quanto da sociedade em geral. Com isso, a EA vem ganhando força diante de um cenário habitado pelo medo, reforçado pela devastação do meio ambiente: aquecimento global, geleiras derretendo, lixo tomando conta do planeta, etc.

Nos dias atuais, o medo, cada vez mais, vem tomando conta de nossas vidas. Esse sentimento, conhecido por todos os seres vivos ao longo da história da humanidade, parece que na modernidade tornou-se mais evidente. O medo de perda do planeta e do futuro da existência humana na Terra notavelmente atinge a todos nós em escala planetária (HENNING, *et al*, 2014 b).

Muitos desses discursos de medo e terror pelo fim do planeta vêm sendo constantemente reverberados por diferentes mídias. Em se tratando da mídia, Fischer (1997) entende que ela não só como veiculadora, mas também produtora de saberes, criando formas especializadas de comunicar e de produzir sujeitos. A autora afirma que, na construção da linguagem das mídias, delineiam-se inúmeras estratégias comunicativas de formar e simultaneamente informar, atuando como materialidade discursiva, gerando e veiculando discursos. Gomes (2003, p. 77) diz que “enquanto mostram, as mídias disciplinam pela maneira de mostrar, enquanto mostram elas

²⁵ Lei nº 9597, de 27 de abril de 1999 – Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9697.htm. Acessado em 28/3/2017.

²⁶ Art. 1º Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

controlam pelo próprio mostrar”. Garré e Henning (2015) entendem a mídia como produtora de um modo específico de ver e de falar sobre a questão ambiental interpelando os sujeitos e vindo a atuar na produção de subjetividades, constituindo formas de olhar, dizer, fazer e pensar em relação às práticas ambientais na atualidade.

Pensando em quem é atravessado por diferentes mídias no cenário ambiental, Sampaio e Guimarães (2012, p. 402) complementam:

Este sujeito é atravessado por uma profusão de imagens que conformam a necessidade de um mundo mais “verde”, mais sustentável – tanto aquelas imagens catastróficas (de florestas em chamas, de geleiras definhando) quanto aquelas “positivas” de experiências sustentáveis tidas como bem-sucedidas.

Dentre as imagens positivas em relação ao cuidado com o planeta, talvez a mais proeminente nesse sentido é a das mãos humanas em torno de práticas ambientais, já apresentada, sumariamente, no capítulo 1 desta tese. Ela é reiterada em anúncios, empresas, eventos ou campanhas de conscientização de um modo geral. Afins de ilustração, reproduzo uma composição proveniente do portfólio da tese presente em diferentes locais:

Figura 7 - Imagens das mãos humanas em torno de práticas ambientais



Fonte: Portfólio das imagens coletadas para a tese

Essa composição acima, talvez exprima com mais veemência a pulverização discursiva provindo de diferentes lugares: a correspondência com um boleto de condomínio chega a incontáveis residências; a revista direcionada a professores de escolas agrícolas do Rio Grande do Sul com propaganda de oficinas de EA teve uma

tiragem de quatro mil exemplares; conhecida rede de supermercados oferece diariamente sacolas consideradas ecológicas a seus consumidores; a capa de jornal de circulação no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná estampa a mão humana anunciando “gestos que fazem a diferença”; café torrado e moído, assim como batata frita congelada estão à disposição em mercados, padarias e afins, com a circulação constante de muitas pessoas.

O que quero mostrar com essa composição? As imagens atravessam a todo momento e estão espalhadas. Gomes (2010) diz que quando o jornal instala campos reincidentes, define os temas que precisam ser privilegiados, delimitando onde o leitor precisa dar atenção; assim como as notícias, que tornam-se um elemento importante na organização da vida cotidiana, participando de definições sobre o que são temas atuais, o que é importante e o que não está mais na pauta do dia. Souza (2002, p. 119) complementa que essas mídias delimitam pontos de vista sobre a realidade, possibilitam gratificações sobre o consumo, geram conhecimento, sugerem e induzem respostas aos problemas cotidianos, configurando um grande referente coletivo.

Muitas práticas de preservação do planeta são reforçadas pelos discursos de terror e medo, assombrando com o dizer que se não nos preocuparmos podemos sofrer graves consequências. Na Figura 8 uma embalagem de álcool alerta que “Água: pode faltar. Não desperdice”. Um informativo de hotel anuncia: “Salve o planeta.” e compartilha com seus hóspedes a responsabilidade de economizar água: “Usando as toalhas mais de uma vez, salvamos milhares de litros d’água por ano”. Um lápis semente que informa: “Plante-o!! Desta forma, você estará devolvendo a natureza o que, um dia, foi tirado dela”. Um tênis “alta tecnologia sem deixar de lado a preocupação ambiental: 95% da malha é produzida com plásticos coletados em praias.” “Cada par fabricado evita que 11 garrafas cheguem aos oceanos.”

Figura 8 - Imagens ressaltando o cuidado com o ambiente



Fonte: Portfólio das imagens coletadas para a tese

Henning e Silva (2018, p. 157) ressaltam que a EA se faz presente seja em espaços formais ou não formais, subjetivando modos de vida e capturando com seus ditos catastróficos, como o aquecimento global e o derretimento das geleiras, os quais assumem o lugar de destaque. As autoras ainda destacam que crendo nos discursos de verdade da EA, depositamos nela as esperanças de resolução dos problemas ambientais, presentes e futuros.

Guimarães (2012, p. 6) comenta sobre o que acontece:

Processos estes que não estão no horizonte de uma das configurações subjetivas mais atualizadas do contemporâneo. Essa que **busca imprimir em nós, nos nossos desejos, nos nossos corpos, uma identidade "verde", ou seja, de um sujeito que interage "corretamente" com o planeta** (sim, trata-se de uma identificação planetária e, portanto, não-localizada, não-regional, não-nacional, não-territorial, mas global. (grifos meus).

Esses comportamentos citados são esperados a todo momento, tocando em nossa maneira de agir, se comportar, falar e até mesmo viver perante ao que é distribuído. O DE está tão introjetado que os hábitos de ser e viver já são esperados. Já estamos tão acostumados que muitas vezes não contestamos essas "verdades".

Saliento que na utilização de discursos, das imagens que falam por si, não se trata de analisar a veracidade de seus ditos, tampouco ousar questionar a responsabilidade de rever certos hábitos de ser e agir. O destaque que faço é em relação

às práticas discursivas que permeiam a contemporaneidade, como Foucault esclarece em relação a tais práticas:

Não podemos confundi-la com a operação expressiva pela qual um indivíduo formula uma idéia, um desejo, uma imagem; nem com a atividade racional que pode ser acionada em um sistema de inferência; nem com a "competência" de um sujeito falante, quando constrói frases gramaticais; é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 2008a, p. 133).

Os exercícios enunciativos se alocam em um conjunto de regras que imprimem em nossos modos de vida verdades que fabricam nossos modos de ser e agir.

E são tantos ideais de verdade articulados as enunciações de medo pelo fim do planeta, por estarmos acabando com a água, as imagens ambientais que atravessam diferentes espaços, os produtos, o mercado verde que vem crescendo, nos “estimulando e ensinando a sermos ecologicamente corretos”, compartilhando com o consumidor o dever e a responsabilidade de cuidar do ambiente. Nessa congruência, destaco outras imagens que me orientam para esse entendimento:

Figura 9 - Imagens destacando condutas ambientais



Fonte: Portfólio das imagens coletadas para a tese

São quatro imagens que podem chegar a nós por diversos caminhos: temos um brinquedo infantil "100% ecológico" e com a frase: "preserve a natureza"; uma embalagem de açúcar que informa: "Plante árvores assim você a ajuda o meio ambiente"; uma imagem coletada em uma rede social que propõe um desafio: "Desafio dos 10

metros! Toda vez que você for a praia recolha o micro-lixo a sua volta. Os animais o confundem com comida causando dor e sofrimento... seja consciente! Seja a mudança! Se todos fizermos teremos uma orla mais limpa a cada dia, a natureza agradece; podemos também usar “fósforos ecológicos” e assim: “economizar energia”.

Henning *et al* (2014b) dizem que os discursos educam sob a ambivalente política da prevenção e do medo para que seja exercido um minucioso controle de ações individuais e para um coletivo, onde ações juntas, repercutam na transformação do meio ambiente.

A mídia impõe um peso imensurável à coletividade. Beck, Henning e Vieira (2014) comentam que as nossas identidades de consumo vão sendo educadas e construídas através de variados apelos, mecanismos e estratégias. Tornando-nos ao mesmo tempo, consumidores e mercadorias, já que servimos de modelo para outras tantas pessoas consumirem, vindo a auxiliar também na produção dos seus desejos, através de constantes exercícios de persuasão. É um ciclo incessante! Quiçá para além da persuasão. Guimarães *et al* (2010) afirmam que algumas narrativas são tão recorrentes que se tornam “naturalizadas”, tornando-se como já dadas no mundo.

Sobre essa naturalização, Barros (2012, p.11) comenta que as ideias de Nietzsche implicam em aceitar que aquilo que o pensamento contém e ganha forma, já se encontra pré-formatado por atravessamentos coletivos, onde acabamos nos expressando por palavras e raciocínios que não são nossos, mas ideias que estão à disposição de todos.

Somos constantemente capturados. As ideias fazem parte do que somos hoje. Não se trata de imposição de uma vitimização coletiva. Longe disso, são relações de força, jogos de verdade que se embatem, ascendendo à condição de ditos legítimos. Enxergo esses atravessamentos como potência discursiva para pensarmos a EA atrelada a essa teia. Lançando meus olhares sobre a EA, me parece que vem muito carregada nessa correnteza Eco-lógica, onde os ideais, conceitos e sustentações já possuem aderência a ideais de verdade. Mais ainda, a EA como a área que terá que dar conta de toda problemática ambiental instalada no planeta.

Nesse sentido, uma das percepções que o material da pesquisa me mostra, é que parece haver conformismo com as informações distribuídas, com os comportamentos esperados e as soluções que são e poderão ser dadas. Enxergo a EA nesses materiais pois nos ensinam, nos educam, conduzindo a todo momento sobre as melhores maneiras de ser, estar e se relacionar com o ambiente.

Sauvé (2005) também afirma que quando se aborda o campo da EA encontramos diversas “maneiras corretas” de lidar com as questões ambientais:

[...] podemos nos dar conta de que apesar de sua preocupação comum com o meio ambiente e do reconhecimento do papel central da educação para a melhoria da relação com este último, os diferentes autores (pesquisadores, professores, pedagogos, animadores, associações, organismos, etc.) adotam diferentes discursos sobre a EA e propõem diversas maneiras de conceber e de praticar a ação educativa neste campo. Cada um predica sua própria visão [...] e propõem a **maneira “correta” de educar, “o melhor” programa, o método “adequado”**. (grifos meus).

De Araújo e Barreiro (2013) afirmam que a EA muitas vezes cumpre apenas um papel de formação de opinião em que considera apenas ações coletivas e generalistas:

[...] os esforços são concentrados em uma imagem de educação ambiental, ou seja, naquilo, ou naqueles preceitos que devem ser valorizados coletivamente, ao invés de investir em processos de experimentação. Ou seja, relegam-se os acontecimentos imanentes à educação ambiental a uma representação daquilo que necessita ser alcançado enquanto imagem desejada. Cumpre-se a função de um dispositivo de formação de opinião que é inerente ao próprio pensamento formativo, contudo redutor de possibilidades de formação que o próprio formador não pensou, ou mesmo, possa vir a pensar (2013, p.345).

Conjecturando nesse entendimento Henning e Silva (2018) dizem que a junção da educação com a necessidade de pensar sobre os problemas ambientais faz com que nasça o campo da EA. Aproveitando palavras das autoras:

Filha da modernidade e herdeira da educação, ela se consolida na atualidade, como solução para os problemas ambientais que vivenciamos. Com discursos de verdade, modos de intervenção para atuarmos no meio ambiente e subjetivações *verdes* na busca do sonhado equilíbrio ambiental, a EA tenta, desenfreadamente, responder ao que se espera dela (p. 154 e 155, grifos das autoras).

Com os materiais, com as provocações que o referencial teórico embasa, entendo que a visão de solução dos problemas ambientais habita o campo da EA, vigorando a criação de expectativas de que sejam apontados os caminhos mais corretos de enfrentar a crise ambiental através de prerrogativas ditadas. São processos de subjetivação produzidos através de discursos, agenciamentos e enunciados que educam e ensinam a olhar com consciência ecológica para o que tem ocorrido e também para o que pode acontecer (HENNING e SILVA, 2018, p. 156).

Sentindo a EA como uma potente área, a vendo tantas vezes atrelada como a solucionadora das mazelas do planeta, aderida constantemente ao verde, urge a necessidade de pensá-la de outros modos. Buscando exercitar uma plural gênese de

olhares sobre determinado tema, nesse caso sobre a educação ambiental e o Discurso Esverdeante, rastreio modos de vislumbrar esse campo tão habitado e constituído por valores de verdade tão caros a ele. Nesse sentido, destaco na próxima seção a Ecosofia entendendo como possibilidade de criação de fissuras, dentro de um campo que me parece tantas vezes tão rígido, preocupado com soluções diretas para os problemas ambientais que vivemos.

2.2 Ecosofia como potência de pensamento ...

Ao compor um emaranhado de uma tese sobre um Discurso Esverdeante, em um Programa de Educação Ambiental, muitos atravessamentos interpelam o caminhar. Dentre tantos, um conceito se destaca como potência de pensamento ao associar o apetite pela produção teórica com a constante preocupação com a prática de si: Ecosofia! Ao contrário que possa parecer, não trata-se simplesmente de uma filosofia da ecologia, mas de uma postura de se posicionar e agir no mundo, muito mais do que pensar (GUATTARI, 2015, p. 19).

O conceito possui guarida sob a ótica de Félix Guattari, militante político e que em seus textos pode-se perceber o interesse pelo desenvolvimento tecnológico, televisão e a publicidade, reconhecendo a ecologia como forte moeda política.

Dentre suas obras, destaco “As três ecologias”, obra dedicada exclusivamente à ecologia, mas com incontáveis possibilidades de se pensar o presente. A Ecosofia articula as três ecologias: ambiental, social e mental:

O princípio comum às três ecologias consiste, pois, em que os Territórios existenciais com os quais elas nos põem em confronto não se dão como um em-si, fechado sobre si mesmo, mas como um para-si precário, finito, finitizado, singular, singularizado, capaz de bifurcar em reiteraões estratificadas e mortíferas ou em abertura processual a partir de práxis que permitam torna-lo “habitável” por um projeto humano. É essa abertura práxica que constitui a essência dessa arte da “eco” subsumindo todas as maneiras de domesticar os territórios existenciais, sejam eles concernentes às maneiras íntimas de ser, ao corpo, ao meio ambiente (GUATTARI, 2000, p.37-38).

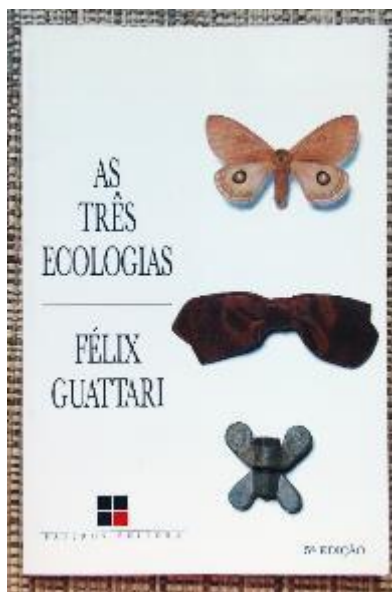
A Ecosofia é mais que uma simples tríplice maneira de olharmos a ecologia, é um enlace da ecologia ambiental, científica, econômica, urbana, social, mental dentre tantas outras. Não se trata de englobar todas essas abordagens heterogêneas em algo totalizante, mas ao contrário, visa um desejo criador de perspectivas ético políticas da diversidade, responsabilidade, diferença e a alteridade (GUATTARI, 2015, P. 31).

Um conceito heterogêneo, pois não se finda em si. Suas articulações bifurcam e se estratificam constantemente, podendo articular riquezas imensuráveis e incessantes para pensarmos a EA em uma tese que possui o meio acadêmico permeando a todo momento. Heterogêneo pois se esparrama, cresce pelos meios, pensamento rizomático, algo diferente da metáfora arbórea:

[...] a lógica arbórea mostra o binarismo, a dicotomia, com divisões sucessivas gerando estruturas rigidamente hierarquizadas, quando o tronco se bifurca em uma série de ramos principais e esses, seguem bifurcando em ramas secundárias e assim sucessivamente. O rizoma por sua vez, não se estabelece de maneira hierárquica e rígida, não é de um totalitário que originam os demais; há possibilidade constante de conexão, são numerosas formas de passar de um lugar ao outro, podendo conectar elementos de natureza heterogênea, envolto por questões políticas, econômicas, culturais. O rizoma não é um mapa que reproduz uma realidade estática, é heterogêneo, não há hierarquia, não tem começo e fim, está no meio, crescendo, transbordando (MARTINEZ, 2008, p. 64-65).

Contudo, “começando do começo”, o primeiro contato que tive com o autor foi em meados dos anos 2000, no Bacharelado em Ecologia, em uma disciplina de educação ambiental. Ainda hoje recordo-me quando a professora levou para sala de aula uma série de livros relacionados a EA instigando os alunos ao contato com autores de diferentes vertentes teóricas. Na ocasião, me deparei com um provocante livro fininho, com apenas 56 páginas, denominado *As três ecologias*, e uma capa tentadora trazendo três tipos de borboletas. Compartilho a imagem caso o leitor a desconheça:

Figura 10 - Capa do livro “As três ecologias”, de Félix Guattari



Fonte: Arquivo pessoal

Após a atração pela capa, na primeira tentativa de leitura não foi possível virar uma página sequer. Mesmo sem ter conseguido folheá-lo e absorvê-lo, algo me capturou e adquiri um exemplar. Alguns semestres passaram e em novas tentativas de leitura conseguia ir virando as páginas. Quanta potência! Lia e achava que tinha entendido. Eis que no mestrado, em 2013, consegui me debruçar um pouco mais e, através dos estudos, do apoio dos professores, pude perceber que a cada leitura modificamos à maneira de ver o texto. Inclusive, hoje digo que trata-se de uma potente caixa de ferramentas²⁷, chamando Foucault para a prosa.

Outra informação interessante da obra é que o autor traz a ecologia a ser pensada como moeda forte e como atitude política. Em 1991, Guattari (2015, p. 59) fala que o termo ecologia se trata de uma ciência, sendo muito eclético, engloba realidades muito heterogêneas que ultrapassam a separação muitas vezes presenciada de homem/natureza, não tem contornos bem delimitados, pois abarca tanto ecossistemas sociais, urbanos, familiares, de biosfera etc. Essa interpretação da ecologia vem muito ao encontro do que tanto me incomoda: a relação simplista e reducionista atrelada à área ambiental e mencionada no primeiro capítulo, como algo desconexo do todo. Essa preocupação constante do autor pode ser notada em diversas passagens de outras obras, como nesse excerto que cito na sequência:

[...] el riesgo de someter la ecosofia a la ecologia solo

²⁷ FOUCAULT, 2006c, p. 68-100.

puede alimentar las trivialidades tales como aquellas que limitan esta última a la defensa de los árboles o de los animales (e incluso, solamente de aquellos que son considerados útiles para el hombre o juzgados bellos a sus ojos) (GUATTARI, 2015, p. 19)²⁸.

Em entrevista em junho de 1992, dois meses antes de seu falecimento, Guattari (2015, p. 249) reforça o interesse e a inquietude em relação à ecologia, centrada apenas em ideias conservacionistas, restrita apenas à natureza. Para o autor, a importância das espécies materiais, naturais, vegetais, animais é inseparável das espécies incorporais. O cuidado que se deve ter, deve ir muito além dos seres que aqui estão. Deve também estar atrelado à responsabilidade com o devir, com outros tantos valores humanos, que, além das espécies de animais e vegetais, também estão em vias de extinção. Assim, ressalta que seu posicionamento é a favor de articular a ecologia do meio ambiente com a ecologia social, mental, urbana, a ecologia dos meios de comunicação. Para o autor, não se deve atuar de maneira reducionista, restringindo a um conservadorismo que almeja manter o *status quo* (GUATTARI, 2015, p. 250).

A ecologia mental é atrelada à subjetividade, palavra corriqueira em tantos textos. Porém para Félix Guattari (2015, p. 116 e 253), trata-se de um caráter coletivo, algo distante do que acontece em processos individuais, em cada um. Envolve fatores psicológicos, coletivos; é plural; polifônica; não provém de uma causalidade unívoca. É todo um estilo de viver e agir. A subjetividade é entendida como resultado de agenciamentos coletivos, abarcando não somente uma multiplicidade de indivíduos, mas também uma multiplicidade de fatores tecnológicos, maquínicos, econômicos e de sensações (GUATTARI, 2006, p. 11).

Para o autor, a subjetividade é o que há de mais rico e heterogêneo, sendo um termo que trata da interdependência de cada um, envolvendo educação, bem estar material e social, não produzido apenas através de relações humanas, mas aliando o meio tecnológico, pois também é maquínica, ou seja, fortemente produzida por diferentes mídias.

Warat (1992) diz que a Ecosofia procura um polo de “agitação”, se afastando de discursos imobilistas, possibilitando mudanças nas condições de produção de saber e

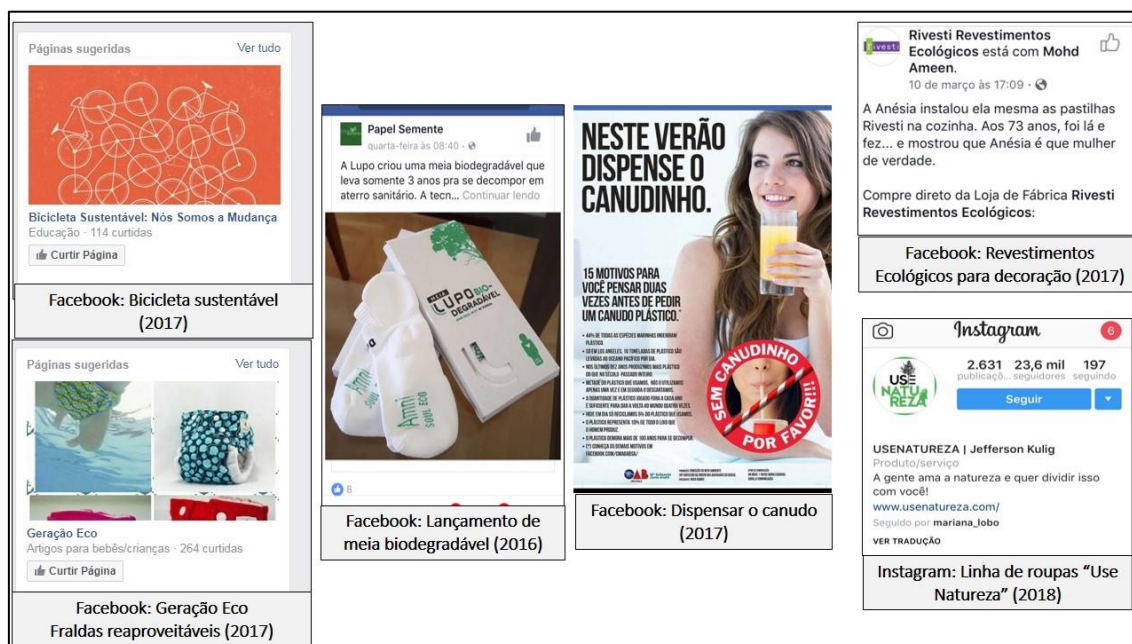
²⁸ O risco de submeter a ecosofia a ecologia só pode alimentar as trivialidades tais como aquelas que limitam, essa última a defesa das árvores ou dos animais (incluindo somente o que é considerado útil ao homem e considerado belo aos seus olhos (Tradução livre).

também na subjetividade e, complementa que a Ecosofia é um elogio ao homem sem certezas.

A subjetividade sendo tratada como matéria prima da espécie humana, faz com que haja vida coletiva e individual, não havendo fronteira entre homem, sociedade, a tecnologia, o entorno de cada um: Há constante permeação! Aqui, enxergo a relação das imagens ambientais e os discursos que são constantemente atribuídos. Pode ser entendida como uma domesticação de opiniões, sendo constantemente preenchida com tantos ditos que alertam sobre a crise e, também, sobre a necessidade de nos comportarmos de tais maneiras.

Interessante pensar que essas ideias do autor que trago para embasamento da tese, embora tratem de subjetividade influenciada pelas mídias, formação de opiniões, ecologia tratada no sentido conservacionista, datam da década de 90 do século XX. Um período que ainda não havia tanto bombardeio de informações, aparatos tecnológicos ao alcance das mãos. Atualmente presencia-se uma mídia ainda mais massificada e os apelos ambientais são muito esparramados e recorrentes.

Figura 11 - Imagens provenientes de redes sociais



Fonte: Portfólio das imagens coletadas para a tese

Buscando pivotar as ideias do autor e o DE que a tese traz, elenquei das tantas imagens que reverberam nas redes sociais, algumas que corroboram esse sentido e, mais uma vez reforçam que os discursos se espalham: temos cinco imagens provenientes do

facebook²⁹ com ofertas de bicicletas sustentáveis em que cita: “nós somos a mudança”; outra página que comercializa produtos como fraldas “ecológicas e reutilizáveis”, um destaque para um lançamento de meias biodegradáveis que se decompõe em apenas 3 anos em um aterro sanitário; outra ilustra uma campanha para redução do uso de canudos plásticos; temos também uma fábrica de revestimentos ecológicos para decoração e uma página do Instagram³⁰ denominada “Use Natureza: A gente ama a natureza e quer dividir com você”. São notícias em tempo real, moldando, conduzindo e também preenchendo a subjetividade. Somos constantemente interpelados: Cuide da natureza! Pense verde! Seja sustentável! São tantos discursos, tão reproduzidos e pouco questionados.

Ao trazer à baila a Ecosofia para as reflexões sobre tanto Discurso Esverdeante, almeja-se, buscando inspiração em Guattari (2015, p. 31), semear momentos de distanciamento de falsos nomadismos que nos deixam no mesmo lugar, como a repetição de frases prontas, comportamentos repetitivos e coletivos. Parecem conduzir a um serialismo e reducionismo que culminam em empobrecimento da subjetividade (GUATTARI, 2015, p. 38 e 43).

Quando Guattari (2015, p. 30) diz que subjetividade encontra-se ameaçada de petrificação, reproduzida, como se não houvesse mais gosto pela diferença, pelo imprevisto, por acontecimentos singulares, enxergo muito do que tanto incomoda no DE. Parece-me que muitas vezes não há gosto pela diferença; que sair da zona de conforto não é desejável. Aqui recordo que em um dos eventos que apresentei um trabalho e fiz um recorte da proposta da tese. No momento das discussões, uma professora me/se questionou do motivo para pensar de outras maneiras distantes do verde, visto que na escola dela era isso que movia a educação ambiental e, a partir do momento que não fosse mais tratada apenas assim, poderia ser perdido todo trabalho feito até o momento. Agradeço até hoje a franqueza dessa pergunta, pois me faz enxergar ainda mais, que, às vezes, problematizar mexe tanto que parece ser muito mais cômodo deixar tudo como está... Não é esse o desejo!! Compartilho a provocação de Ribeiro

²⁹ Facebook é uma mídia social e rede social virtual lançada em 4 de fevereiro de 2004, operado e de propriedade privada da Facebook Inc.

³⁰ Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, como Facebook, Twitter, Tumblr e Flickr.

(1998): no meio acadêmico não deveria ser instigar o espírito de risco em vez do anseio da acomodação?

Com esse plano de fundo em que a educação ambiental parece ser retratada e impulsionada pela disseminação dos atravessamentos midiáticos, o trabalho se alinhava. Entendo a Ecosofia como um potente conceito a ser pensado, com uma articulação das três ecologias. Talvez possamos pensar a EA e seus discursos de maneiras mais provocativas com aquilo que nos ensinam como verdade. A proposta é que em um campo tão caro quanto da educação ambiental, possamos cavoucar brechas além de onde os discursos esverdeados alcançam.

Pode não ser fácil. Tanto que muitas vezes perturbou muito as noções reducionistas atreladas à área. Mas, na busca de digerir esses desconfortos, voltei a pesquisa com mais gosto. Se desacomodou, talvez tenha causado algum movimento. E, lembro de Deleuze (2010, p. 221), ao dizer que talvez a fala e a comunicação estejam tão apodrecidas, que se torna iminente a necessidade de desvios de falas; ou então a criação, vacúolos de pensamento, pensando a criação como algo diferente de comunicação e, criando vacúolos de não comunicação, como interruptores para escapar do que está posto e criando esses vacúolos como resistência para tentar pensar fora do que está posto e, quem sabe, assim intervir distante dos clichês ambientais.

Como o segundo capítulo tratou de ferramentas teóricas, aceitei a provocação de Foucault (2015, p. 233), ao expor autores que escolho para caminhar ao meu lado nessa tese. Reconhecê-lo como par teórico é usar seu pensamento, deformá-lo e fazê-lo ranger e gritar. O desejo, além da pertinência, é que esses conceitos façam ranger algum movimento junto à problemática que a tese traz.

Com toda essa discussão, depois de apresentar a organização do trabalho de pesquisa e de elementos teóricos importantes que justificam a presença desse DE no campo da EA, parto para os próximos dois capítulos buscando defender dois elementos basilares através da análise do portfólio: a sustentabilidade e a ecopolítica.

3. SUSTENTABILIDADE: enunciando e visibilizando “verdades”

Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar e a refletir (FOUCAULT, 1998, p. 13).

A citação que inicia o capítulo foi escolhida, pois aqui trago o primeiro exercício analítico a partir das imagens do portfólio. Busquei olhar as principais recorrências de visibilidades e/ou enunciabilidades do material e ali percebo que muitas vezes há repetições de discursos tão pujantes que passamos a não estranhá-los.

Com esse exercício de lançar a mirada ao portfólio, de analisar esse material, mais precisamente nas reiteraões, destaco a enunciação proliferante no entorno da “sustentabilidade”, também muito marcada pelo verde e o signo “eco”, “ecológico”. A reverberação se faz presente e aponta para uma possível solução a partir de uma ação bastante comum em tempos atuais: “seja sustentável!”.

Contextualizando a tese, após a caminhada inicial, onde busquei as motivações da escrita no primeiro capítulo; o DE pulverizado na contemporaneidade e a Ecosofia como potência de se pensar a EA, no segundo capítulo; neste terceiro movimento da tese, **defendo que um dos sustentáculos que balizam a verdade no campo da EA é a sustentabilidade.**

Com esse entendimento, organizei o terceiro capítulo em dois momentos. No primeiro denominado “notas sobre a sustentabilidade”, busco situar o conceito através de fragmentos históricos, documentos oficiais e os entrelaçamentos pertinentes à seara educacional. Na segunda parte do capítulo, exponho a sustentabilidade enquanto um presente dispositivo. Para compor, trago imagens que me ajudam a defender a tese de o DE ser articulado com a sustentabilidade e que, não por acaso, obtém um valor de verdade praticamente inquestionável, vindo a fazer parte da contemporaneidade e se fazendo presente de diferentes maneiras.

3.1 Notas sobre a Sustentabilidade

A tese possui o cerne do desassossego com a intensa pulverização dos discursos ambientais, que com o subterfúgio “verde,” estimula a consumo de determinados produtos e/ou serviços.

Assim como anunciado na introdução do capítulo, através das imagens que compõe o portfólio, realizei o primeiro exercício analítico, lançando olhares às principais recorrências do material coletado para a tese. A proliferação da sustentabilidade se mostrou muito presente, vindo a obter um valor de verdade tão robusto e atuante, que permite a utilização em incontáveis formas e lugares.

No campo da EA, as discussões acerca da sustentabilidade não são recentes, tanto no cenário nacional quanto internacional. A expansão de uso do conceito passa a fazer parte das discussões de cunho ambiental na confluência da crise instaurada no planeta. Ávila e Ribeiro (2018, p. 86) apontam que a partir da década de 60, quando o discurso de desenvolvimento começa a ser colocado em xeque, com a emergência da questão ambiental problematizando a questão das indústrias, chuva ácida, escassez de recursos, dentre outros, a sustentabilidade passa a ser entrelaçada a um novo ideal de desenvolvimento, que precisa acompanhar a crise ambiental que ameaça a se instalar.

De acordo com Mota (2020, p.98), a sustentabilidade abarca consigo uma multiplicidade de olhares porque é um conceito polissêmico, o qual se estende à valorização das pessoas assim como a suas tradições e culturas.

Segundo Ignacy Sachs (2002) a sustentabilidade tem oito dimensões: Social, Cultural, Ecológica, Ambiental, Territorial, Econômica, Política (Nacional) e Política (Internacional), ressaltando que a questão humana, social e cultural, também deve ser aplicada ao que se nomeia sustentável. Não cabe à tese explicitar e/ou esmiuçar o conceito, porém considero importante que tais entendimentos venham ao encontro da pesquisa, para demonstrar que um conceito pode carregar consigo uma infinidade de atravessamentos e preenchimentos que auxiliam ainda mais em entender o conceito da sustentabilidade como ágil, potente e convincente Discurso Esverdeante.

Sob efeito da crise ambiental, dos questionamentos mundiais em relação os meios de produção utilizados desde a revolução industrial, um novo ideal de desenvolvimento torna-se necessário, a fim de “apaziguar” essa ânsia por recursos e produtos. Com esse anseio, a sustentabilidade torna-se uma expressão dominante nos debates envolvendo as questões ambientais e o desenvolvimento e, em pouco tempo, a expressão sustentabilidade, e as correlatas, são pronunciadas indistintamente, em diferentes contextos sociais, por diferentes sujeitos e assumindo múltiplos sentidos, influenciando diversas atividades e campos de saber, dentre eles o campo da educação (LIMA, 2003, p. 1).

Guimarães e Sampaio dizem que a sustentabilidade adentra os discursos ambientais, discursos cotidianos e também das mídias, vindo a produzir efeitos nos processos formativos, sejam ligados à educação ambiental ou não (GUIMARÃES e SAMPAIO, 2014).

Alguns marcos históricos também demonstram isso. Em 1974, a partir da Carta de Belgrado, a Declaração das Nações Unidas para uma Nova Ordem Econômica Internacional, o conceito de desenvolvimento é adereçado com a questão ambiental também pedindo “um novo conceito de desenvolvimento, que leve em consideração a satisfação das necessidades e os desejos de todos os habitantes da Terra, o pluralismo das sociedades e o equilíbrio e harmonia entre o homem e o ambiente”³¹ Porém, no documento, a expressão desenvolvimento sustentável não foi utilizada.

A expressão “desenvolvimento sustentável” emergiu internacionalmente, principalmente a partir de 1983, quando foi criada uma comissão mundial sobre meio ambiente para a discussão dos dez anos da realização da Conferência de Estocolmo, chefiada pela ministra da Noruega Gro Harlem Brundtland. Por três anos, foram realizados encontros e discussões, o documento desses estudos foi denominado Nosso Futuro Comum ou Relatório Brundtland³².

No Brasil, a sustentabilidade ocupa o cerne dos principais documentos da EA, a Política Nacional de Educação Ambiental de 1999 cita a expressão em seu primeiro artigo³³:

Art. 1 Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua **sustentabilidade** (BRASIL, 1999). (Grifo meu).

No Programa Nacional de Educação Ambiental³⁴ (PNEA) não é diferente. A expressão “sustentabilidade” é tão presente que é citada cinquenta vezes ao longo do documento. Outro documento importante no campo ambiental é a Agenda 21 brasileira³⁵ onde a expressão sustentabilidade é citada setenta e seis vezes.

³¹ Carta de Belgrado. Disponível em http://www.fzb.rs.gov.br/upload/20130508155641carta_de_belgrado.pdf. Acessado em 29/8/19

³² Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Nosso Futuro Comum. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

³³ BRASIL. Lei n 9795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9795.htm. Acessado em 28/7/2018.

³⁴ Disponível em http://www.mma.gov.br/images/arquivo/80221/pronea_4educacao_web-1.pdf. Acessado em 13/8/2018.

³⁵ Agenda 21 brasileira: ações prioritárias. 2ª edição. Agenda 21 brasileira: ações prioritárias / Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e da Agenda 21 Nacional. 2. ed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. Disponível em

Com os documentos internacionais, tratados e políticas públicas há uma condução dos discursos de sustentabilidade, atrelados ao desenvolvimento, como uma “mágica” solução à crise ambiental. Porém, com a ideia de cuidado e preocupação junto as nossas ações no planeta.

A sustentabilidade é moeda forte e utilizada indistintamente, seja pelas ideias sustentáveis de utilização mais organizadas sobre a disponibilidade de recursos, seja como solução apaziguadora de práticas que, aliadas ao signo sustentável, podem parecer mais condizentes com o planeta.

Entendo que há uma movimentação do discurso do desenvolvimento, duramente criticado a partir da década de 60 pelos discursos de finitude dos recursos e devastação ambiental, em confluência com a educação ambiental, muitas vezes tratada de forma reducionista, ambientalista ou então anti desenvolvimentista. Porém “poderiam jogar no mesmo time” através do discurso de desenvolvimento sustentável, aliando o desenvolvimento com a preservação ambiental. Talvez sob esse alívio de podermos desenvolver o mundo – ou, talvez retomando o nascimento da ciência, desbravar o mundo! – sendo amigos do planeta, esse discurso tenha tomado sentido em nosso mundo e hoje venha a ocupar tantos espaços e se tornar uma verdade.

Loureiro (2012, p. 64) afirma que o conceito de desenvolvimento sustentável explica tudo e nada ao mesmo tempo, servindo a todos, como se todos estivessem interessados nas mesmas coisas, podendo ser utilizado para qualquer fim, desde que resolva o problema de quem o utiliza.

Lima corrobora isso ao trazer que a partir dos anos 70 do século passado, o discurso desenvolvimentista revelou seus limites através de uma crise, que, além de aspectos econômicos, era também social e ambiental. Sendo assim, o discurso da sustentabilidade não é uma construção ingênua. Trata-se de uma “hábil operação político-normativa e diplomática, empenhada em sanar um conjunto de contradições expostas e não respondidas pelos modelos anteriores de desenvolvimento” (LIMA, 2003, p.5).

Os discursos embrenham-se. A sustentabilidade se mostra tão presente nos discursos ambientais, que, atualmente, baseada em documentos oficiais e considerando

os pares teóricos que me afino, entendo que há uma atualização discursiva que implica diretamente ao campo da EA e tem forte relação com a temática da tese: a educação ambiental vem sendo imiscuída a uma educação para a sustentabilidade.

Passamos a presenciar nas últimas décadas, através dos organismos internacionais, das organizações não-governamentais e nas próprias políticas públicas e educacionais, uma tendência a substituir a concepção de educação ambiental, até então dominante, por uma nova proposta de “educação para a sustentabilidade” ou “para um futuro sustentável” (LIMA, 2003, p. 1). O autor aponta que essa renovação discursiva pode ser facilmente identificada em debates, acordos internacionais, documentos, em políticas educacionais da Unesco, bem como na produção acadêmica internacional.

De acordo com recente estudo de Henning (2019a, p.683), a partir das movimentações da década de 90, principalmente com a criação da Comissão de Desenvolvimento Sustentável, a cargo da UNESCO, presencia-se uma iniciativa internacional nomeada de Educação para o Futuro Sustentável. Através desse movimento datado precisamente de 1994, a ONU demonstra a peculiar importância da Educação para alavancar o projeto de desenvolvimento sustentável, podendo aliar as preocupações ambientais com o desenvolvimento do mercado. A autora destaca que com essa movimentação de organismos como ONU, UNESCO e PNUMA, há um encaminhamento para o abandono da Educação Ambiental, cujo o valor da educação se mantém inquestionável, mas que ao invés de educação ambiental, o investimento agora é conscientizar os sujeitos para as discussões do desenvolvimento sustentável.

Henning destaca que em 1992 é criada pela UNESCO a Comissão de Desenvolvimento Sustentável, nomeada em 1994 de Educação para o Futuro Sustentável (EDS). A autora entende que com a EDS há um esmaecimento no campo da EA junto aos órgãos internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), que passam a falar em educação para o desenvolvimento sustentável (EDS). No Japão, em 2014 na “Conferência Mundial da Educação para o Desenvolvimento Sustentável” foi elaborado um programa de ação destinado a rever as realizações da Década das Nações Unidas para a EDS (2005-14) e traçar um novo Programa de Ação Global. Através desse evento foi elaborada, em 2015, a Agenda 2030, que traz 17 objetivos de desenvolvimento sustentável, trazendo no objeto número quatro a proposta de promover o desenvolvimento sustentável por meio da

educação. Interessante destacar que, no documento intitulado Agenda 2030, a expressão “educação ambiental” não aparece nenhuma vez e, enquanto informação do quarto objetivo, temos o que segue:

4.7 Até 2030, garantir que todos os alunos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, inclusive, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável (UNESCO, 2015, grifo meu).

No Brasil, podemos ilustrar essa movimentação discursiva, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um dos mais, senão o mais importante documento legal no que se refere ao currículo escolar. Em sua última versão, datada de dezembro de 2018, a expressão educação ambiental consta apenas em caput de normas legais informadas em meras notas informativas.

A atualização discursiva trazendo a sustentabilidade talvez ganhe mais aderência por ser moeda muito forte e que pode tanto agradar ambientalistas quanto quem busca alavancar o mercado de produtos e/ou serviços. O movimento é contínuo, os documentos oficiais já vêm demonstrando isso há alguns anos e através desse lapso temporal, reforçado pelas mídias, pode-se dizer que está havendo um deslocamento da EA que hoje já desenha novos contornos.

Henning (2019a) destaca que o esmaecimento da EA não passa imperceptível. Há encontros, relações de poder que discutem e debatem em relação a chegada da EDS, onde renomados pesquisadores da EA, como Michele Sato³⁶ e Mauro Guimarães, se posicionam contra a proposta da UNESCO.

Fato é que a EA e a EDS estão em um processo presente e atuante, em políticas públicas, organismos internacionais e documentos oficiais. Entendo que se faz necessário que possamos pensar sobre esses atravessamentos que estão atuando diretamente no campo da EA e, compartilhando das palavras de Henning: “Não se trata de dar um outro lugar para EA ou ainda definir como ela deveria estar no currículo, mas especialmente exercitar nossa crítica e provocar nossas belas verdades” (2019a, p. 681). Entendo a necessidade e a importância de trazer à baila essas articulações tão atuais, não

³⁶ De acordo com material disponível em <http://www.revistaea.org/pf.php?idartigo=339>. Acessado em 21/12/2019

somente pela forte presença da proliferação da sustentabilidade no portfólio da pesquisa, mas principalmente por estar escrevendo essa tese dentro de um Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental.

Colocando em suspeita tantas verdades que povoam o campo de saber da EA, e que nos acompanham enquanto discentes, docentes, pesquisadores ou até mesmo enquanto sujeitos em constantes processos de subjetivação, na segunda subseção deste capítulo trago algumas imagens que trazem a sustentabilidade enquanto visibilidade e/ou enunciabilidade em tentames de compartilhar pensamentos e reflexões sobre esse conceito tão marcado e presente não somente na seara da EA, mas na contemporaneidade de forma tão abrangente.

3.1 As sustentáveis verdades do Discurso Esverdeante

Os atravessamentos apresentados no início do capítulo me auxiliam a entender a significativa presença de imagens atreladas à sustentabilidade no portfólio da tese. São enunciabilidades reiteradas por empresas, propagandas, informativos, mas também um conceito que ocupa diferentes órgãos nacionais e internacionais, se fazendo presente no cenário econômico de tal forma, que talvez pela proeminência, não tenha surpreendido como uma das expressões mais recorrentes no material da pesquisa da tese.

Penso que por se tratar de uma expressão que seja “bem recebida” por seu caráter amplo e talvez “simpático”, tenha tanta maleabilidade e aceitação, e por isso, o conceito possa ser utilizado como um apaziguador nas relações de consumo. Embora possamos estar preocupados e atentos com a crise ambiental, com a necessidade de rever hábitos de consumir e utilizar os recursos, as imagens mostram que podemos ter nossa responsabilidade compartilhada e amenizada com produtos que trazem a sustentabilidade enquanto aliada.

Fato é que a sustentabilidade está na pauta não apenas do dia, mas há alguns anos ocupa parte da temática ambiental. Sampaio (2012) entende a sustentabilidade muito mais que um conceito ou discurso. Ela toma a sustentabilidade como um dispositivo nos atingindo por múltiplas táticas, nos incitando a falar sua língua, a moldar nossas atitudes em conformidade com tantos outros discursos e enunciados, que fazem com que a sustentabilidade seja tão potente e tenha adquirido essa adjetivação mágica” que permite que haja uma permeabilidade por diferentes espaços. Sampaio (2012, p. 103)

traz uma ótima provocação que compartilho: “quem se atreveria a contestar a necessidade de vivermos de formas mais sustentáveis?”

A sustentabilidade enquanto dispositivo faz todo sentido, visto que a partir dos ensinamentos de Foucault (2015, p. 364-365) são demarcadas algumas características principais que podem delimitar seu funcionamento. A primeira é que o dispositivo é algo heterogêneo, englobando instituições, discursos, leis, enunciados científicos, o dito, o não dito, podendo ser entendido como uma rede que engloba esses elementos. A segunda característica é que pode aparecer como programa de uma instituição ou como um elemento que justifica a tornar algumas práticas, permanecendo mudas. Segundo o autor, entre esses elementos, discursivos ou não, existem um jogo com mudanças de posição. Terceira característica expõe que o dispositivo é um tipo de formação que responde a alguma urgência de um determinado momento histórico.

As três pistas metodológicas a partir dos ensinamentos de Foucault, são fundamentais para compartilhar o entendimento de Sampaio sobre a sustentabilidade ser um dispositivo presente, atuante e muitas vezes utilizado para responder urgências de uma época. Uma das urgências da época é a crise do planeta, ressaltada pelos discursos de medo que compartilham o dever de “salvar o planeta” e/ou então “proteger e preservar o ambiente para as presentes e futuras gerações”, tal como a própria Constituição Federal brasileira preceitua (englobando a lei maior do país).

Somos conclamados a entrar em contato quase que diariamente com esse dispositivo da sustentabilidade, seja ao abrir o jornal, quando viajamos, quando ligamos a televisão, quando conversamos (SAMPAIO, p. 100). A sustentabilidade tornou palavras de ordem “sustentável” e “ecológico” convocando a todos a entrarem nessa ordem discursiva (AVILA e RIBEIRO, 2018).

Acredito que entendendo a EA como um dispositivo, tal como explanado no primeiro capítulo através dos ensinamentos de Garré (2015) e da noção de sustentabilidade embasada em Sampaio (2012), podemos ver a constante atualização discursiva que implica na proliferação de imagens verdes conduzindo condutas e nos “ensinando” a agir de determinadas maneiras. Os dispositivos atendem a urgências históricas e são constantemente atualizados. Deleuze (1999, p. 6-7) diz que pertencemos, agimos, que a nossa novidade é a atualização de dispositivos que circundam a todo momento:

Pertencemos a certos dispositivos e nele agimos. A novidade de um dispositivo em relação aos anteriores é o que chamamos sua atualidade, nossa atualidade. O novo é o atual. O atual não é o que somos, mas aquilo em que vamos nos tornando, o que chegamos a ser, quer dizer, o outro [...].

Segundo Sampaio (2012, p. 90), o dispositivo da sustentabilidade ambientaliza seus sujeitos, os esverdeia, demandando a produção de um tipo de sujeito afinado com os discursos ambientais, disposto a mudar seus hábitos de vida por ser sensível aos apelos da sustentabilidade.

Ao olhar às imagens, podemos perceber a atuação da sustentabilidade e da EA operando enquanto dispositivos, assim como um novelo articulando diversos elementos em uma rede ampla e complexa que contempla diversas instituições (governamentais, não-governamentais). Sustenta-se em diferentes campos de saber (ecologia, educação, ciência). Através de medidas administrativas, normatiza-se colocando em operação relações de poder que operam diferentes práticas. Com isso, produzem determinados tipos de sujeitos, normalizando, governando, controlando condutas e, inclusive, os pensamentos podem ser capturados nas tramas de um dispositivo (GARRE e HENNING, 2015).

Os dispositivos, a todo momento buscam linhas de fuga e ao mesmo tempo há tentativas de captura. É um incessante processo: captura, alimenta e os dispositivos seguem atuando. Para que não haja essa fuga, são acionados diferentes discursos, como: a crise ambiental, os discursos de verdade da ciência, as normas que dão guarida e, assim, vão se amarrando e a engrenagem se articulando.

Ávila e Ribeiro (2018) ressaltam que é irrefutável o caráter de verdade, no que se refere à sustentabilidade, instituindo como devemos nos relacionar com a natureza. As autoras comentam que esse conceito está incorporado em diferentes áreas como a economia, a política, a educação, as mídias, fazendo parte das nossas ações e relações como sendo “necessária” e “indispensável”.

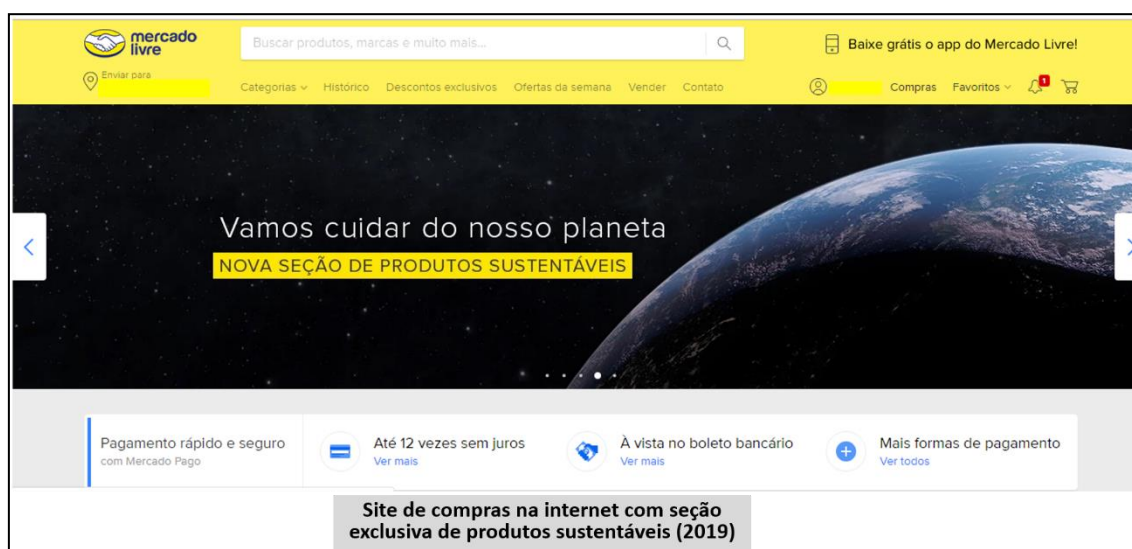
A sustentabilidade se entremeia à vida por diferentes vieses. Sampaio e Guimarães (2012, p. 402-403) já destacavam que “Um mundo mais verde e sustentável parece estar apenas começando, e para ele um novo sujeito é necessário.” Complementam, sobre essa produção de sujeitos, que devem ser sensíveis a tantos apelos ligados à sustentabilidade. Além disso, devem estar dispostos a mudar os hábitos de vida em prol “dessa tal sustentabilidade”, que é tão distribuída, tão falada e pouco,

ou quase nada, pensada. Mas nossa subjetividade encontra-se sendo preenchida e conduzida nesse sentido.

Guimarães e Codes (2014) expõem que não há um público “verde” anterior aos discursos sobre a sustentabilidade ambiental, mas que são eles [os discursos] que produzem novas formas de estar no mundo, no qual consumir produtos “verdes” se torna importante, necessário e politicamente correto.

A convocação a sermos sustentáveis é constante. Precisamos ser consumidores atentos ao “mercado ambientalmente correto” e, as imagens do portfólio nos ensinam isso através de visibilidades e enunciabilidades, inclusive com site de compras na internet com seção exclusiva de produtos sustentáveis, ilustrado na Figura 12:

Figura 12 - Site de compras na internet



Fonte: Portfólio das imagens coletadas para a tese

Além de comprar em um ambiente virtual que já separou “aqueles produtos sustentáveis”, podemos ir ao mercado e levar para nossas casas papel higiênico denominado sustentável, com uma folha verde, sob justificativa de dispensar a utilização de sacola plástica para carregar o produto. Também podemos comprar uma garrafa de água com 350ml, com menos de meio litro, equivalente a um copo, na qual, em cujo rótulo se lê: “impacto sustentável”, vide na Figura 13:

Figura 13 - Produtos com a expressão “sustentável”



Fonte: Portfólio das imagens coletadas para a tese

Lima (2003, p. 1070) diz que: “à medida que o debate da sustentabilidade vai se tornando mais complexo e é difundido socialmente, ele vai sendo apropriado por diferentes forças que passam a imprimir o significado que melhor expressa seus valores e interesses particulares”. O autor ainda diz que o termo tornou-se uma palavra mágica, pronunciada indistintamente em incontáveis contextos e assumindo diversos sentidos.

O adjetivo ‘mágico’ se parece muito apropriado, pois a “sustentabilidade” é uma expressão tão empregada e, anexa a imagens pode imprimir certa ‘magia,’ no sentido de causar uma aceitação maior do produto e/ou serviço está comprometido na luta de cuidar do planeta. Como uma “cortina ecológica”, dotada de uma embalagem trazendo a cor verde, além de enumerar vários atributos denominados ambientalmente corretos pelo fabricante, referencia o produto como oriundo de uma cadeia produtiva sustentável. Além do ramo de decoração, podemos transitar nos produtos direcionados a um público infanto-juvenil, com um jogo com regras e temática relacionadas à proteção ambiental, coleta seletiva e responsabilidade social. “sustentável” patrocinado por uma empresa petroquímica também ilustrada com o verde:

Figura 14 - Produtos com a expressão “sustentável”



Fonte: Portfólio das imagens coletadas para a tese

Compartilho essas imagens, buscando demonstrar e tensionar que há uma incitação permanente e contínua que nos ensinam que o planeta está em crise, mas ao mesmo tempo, podemos seguir consumindo, pois existem empresas, produtos e serviços que estão cuidando disso para todos, basta nos conscientizarmos e aderir a um novo modo de consumo: o sustentável. Trata-se, enfim, de ter “consciência ambiental” em preferir produtos “mais sustentáveis”, que compartilham o “dever de defender e preservar o planeta”. Assumindo novos modos de consumo estaríamos atentos aos preceitos legais, também demonstrando nossa culpa da destruição do planeta, sendo amenizada por um comportamento ecologicamente adequado, de acordo com o que as mídias ensinam:

Ao que parece, sustentabilidade está na moda. Ser reconhecido por atitudes sustentáveis é o rótulo que todos aparentam desejar. No entanto, a sustentabilidade é normalmente encarada de forma superficial, como uma nova etiqueta de convivência, como uma qualidade ou um valor positivo que se busca alcançar. É vista como um produto do bem, um objeto de consumo que alivia a culpa do homem pelos efeitos nefastos de seus atos perante a natureza. O consumidor, ao adquirir um produto fabricado por uma empresa que se intitula sustentável, passa a ter orgulho de si mesmo e se sente parte de uma rede de participantes que promove o bem do planeta (POLI e HAZAN, 2013).

Diante da profusão das mídias, Guimarães e Codes (2014, p. 242) dizem:

Podemos comprar carros “verdes”, ler livros e revistas ambientalmente corretas, nos hospedarmos nos hotéis que estão atentos à sustentabilidade de suas práticas, termos conta em bancos que primam pela ecologia. Enfim, a essas reportagens conecta-se um leitor que passa a estar (e a se ver) inserido em uma dinâmica de *novos* negócios e de *novos* valores econômicos chamados “verdes”. Tais valores (que produzem um sujeito ambientalmente responsável, um consumidor “verde”) são construídos em nossos tempos atuais como sintonizados com a proteção e o cuidado ambiental do planeta (Grifos dos autores).

Compartilhando com o que Lima entende, trata-se de uma mágica expressão, que ao mesmo tempo que mostra que vivemos uma crise ambiental, podemos ser consumidores engajados na causa ambiental, sendo “amigos do planeta”. Essas enunciações são tão convincentes e potentes que existem pesquisas que avaliam o índice de consciência sustentável dos consumidores, conforme reportagem divulgada dia 09/08/2018 em um site do Observatório Tecnológico de Moda de Santa Catarina – Moda e Vestuário³⁷, que “traça um panorama do consumo consciente no Brasil”. Destaco alguns excertos da pesquisa³⁸ para estimular que possamos pensar sobre o dinamismo desses atravessamentos:

Durante as entrevistas, dez temas foram propostos aos respondentes para que se pudesse avaliar a preferência por caminhos do consumismo ou da sustentabilidade. E a boa notícia é que o ranking evidencia uma preferência marcada pelo caminho da sustentabilidade em detrimento do caminho do consumismo. Entre as 10 ações mais desejadas, 7 dizem respeito ao caminho da sustentabilidade e apenas 3 ao caminho do consumismo.

Nesta avaliação, embora 68% disseram já ter ouvido falar em sustentabilidade, a maioria (61%) não tem repertório sobre o que é um produto sustentável. Quase 2/3 dos entrevistados não souberam dizer uma situação em que precisaram escolher entre um produto sustentável e outro não (AKATU, 2018).

Além desses dados, a pesquisa mostra quais são os principais “gatilhos” que podem ser utilizados para que haja um “recrutamento de consumidores indiferentes para que se tornem iniciantes em sua consciência no consumo.” E parte desse recrutamento está no estabelecimento de, por exemplo, “gatilhos emocionais com benefícios para o outro e gatilhos concretos com benefícios para si”. E a conclusão geral da pesquisa mostra que “O desejo dos consumidores é pelo caminho da

³⁷ Segundo o site, a pesquisa está na 5ª edição. Foram entrevistadas 1.090 pessoas, homens e mulheres, com mais de 16 anos, de todas as classes sociais e de 12 capitais e/ou regiões metropolitanas de todo o país, entre 9 de março e 2 de abril de 2018 e contou com patrocínio da ONU Meio Ambiente, Coca-Cola Brasil, Grupo Boticário, Natura, Cargill e Unilever. Disponível em <http://observamoda.org/tendencias/pesquisa-akatu-2018-traca-panorama-do-consumo-consciente-no-brasil/>. Acessado em 14/8/2018.

³⁸ O conteúdo completo da pesquisa pode ser acessado em: http://bit.ly/pesquisa_akatu2018

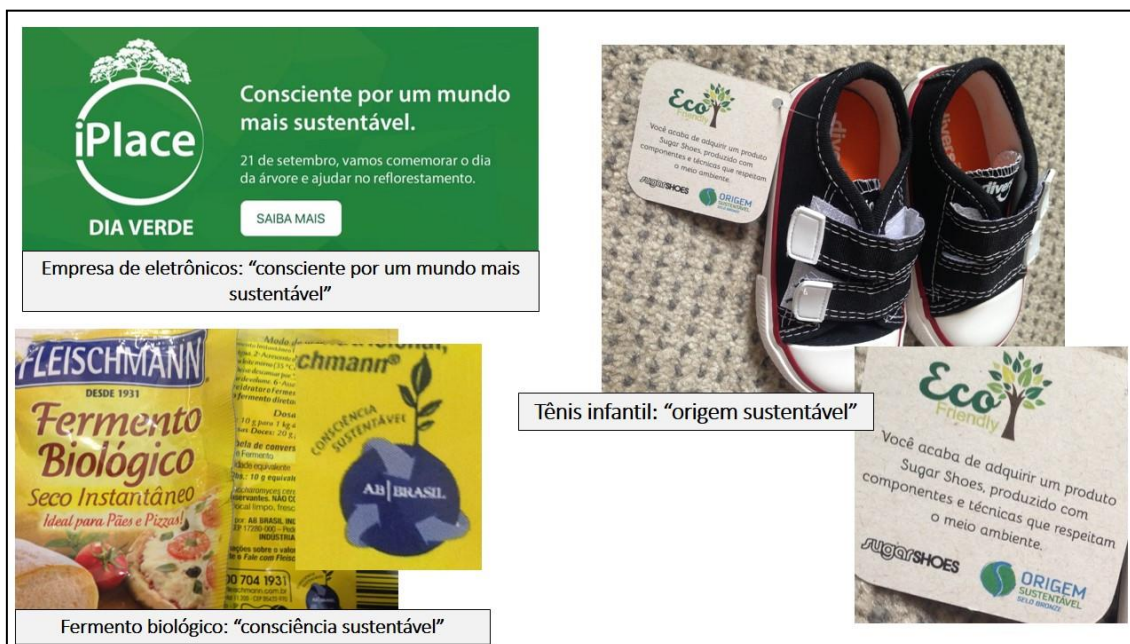
sustentabilidade, mas ainda há muito a ser feito”. E traz algumas dicas para “ativar os comportamentos de consumo consciente”.

Independente de questionar ou ponderar sobre os resultados em si da pesquisa, o que me interessa aí é a produção de uma subjetividade bastante particular, preenchendo o setor de consumo, não havendo nem suspeitas ou indícios, está dado! Inclusive, a reportagem ensina como “recrutar” quem ainda não é engajado em ser um “sujeito consciente e sustentável”.

Em se tratando de consumo, Bauman (2013, p. 40) diz que na sociedade atual de consumidores, a indústria de eliminação, descarte e remoção de resíduos e dejetos é uma das poucas atividades que tem garantia de crescimento contínuo. Nesse viés, entendo que o mercado de consumo cresce, se renova, cria novos desejos, imprimem nas subjetividades novas “necessidades” e um apelo massivo da mídia mostrando como devemos consumir, nos mostrando as maneiras “corretas” e os produtos que imprimem em nossos modos de vida a consciência ambiental que se espera de quem se “preocupa” com o planeta.

Os exemplos se espalham e a sustentabilidade transita por diferentes setores do consumo. Trago na Figura 15 um material publicitário de uma empresa de produtos eletrônicos e telefonia disponibilizada por e-mail no dia da árvore (em 21 de setembro de 2017), um fermento biológico com informação no verso de “consciência sustentável” e um tênis infantil com etiqueta que informa “origem sustentável”. Ressalto também a proeminência da cor verde, do “eco” e das imagens do planeta.

Figura 15 - Produtos com a expressão “sustentável”



Fonte: Portfólio das imagens coletadas para a tese

Além de rótulos e embalagens, os jornais e as redes sociais também mostram como podemos ser sustentáveis. Destaco, na Figura 16, duas capas de um caderno de jornal, cujas mesmas abordam meio de transporte e estilos “sustentáveis”, e duas páginas da rede social Instagram ³⁹, em que uma anuncia brechós on-line com conceitos “sustentáveis” e uma outra específica de arquitetura “sustentável”.

³⁹ Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, criada em 2010.

Figura 16- Imagens atreladas a expressão “sustentável”



Fonte: Portfólio das imagens coletadas para a tese

Os exemplos se dispersam. Saliento que não se trata de fazer juízo de valor e apontar discursos “verdadeiros” ou “falsos”. As provocações que almejo trazer com a tese, são no sentido que possamos pensar sobre uma correnteza “Eco-lógica” que conduz, estimula e ensina a “sermos ambientalmente corretos”. Bauman (2013, p. 37) diz que os consumidores, confusos diante da enorme variedade de oferta de produtos, e do ritmo vertiginoso com que eles mudam, aceitam com gratidão as garantias de que o produto “é a coisa”, “o quente”, o “*must*”, aliando-se a isso uma constante ameaça de “ficar para trás” caso não se comporte conforme tais maneiras (p. 23), ou caso não consuma produtos que anunciam que compartilham dessa responsabilidade pró ambiente.

São as verdades que insistem em mostrar o comportamento que devemos ter; o que devemos pensar; a subjetividade que envolve e preenche. Com o andamento da tese, através do material do portfólio e principalmente das recorrências das imagens ambientais, entendo o Discurso Esverdeante aderido a um regime de verdade estabelecido.

Sustento esse entendimento, impulsionada por Foucault (2015, p. 52), que diz que a economia política da verdade possui algumas características historicamente importantes a serem pensadas. Tais características envolvem a verdade centrada em discursos científicos e nas instituições que o produzem; a verdade constantemente submetida à incitação econômica e política; como objeto de várias formas atreladas ao

consumo, circulando nos aparelhos de educação ou de informação; referindo-se à produção e transmissão sob controle de alguns espaços políticos ou econômicos, como universidades e meios de comunicação, e a verdade como objeto de debate político e de confronto social.

Aproveitando das pistas do autor, faço abaixo alguns apontamentos que reforçam esse entendimento em relação ao mote da tese.

O DE é também tramado por discursos científicos, pautados pela conjuntura ambiental instalada: uso indiscriminado dos recursos, crise da água, aquecimento global (quem nunca se deparou com um gráfico apontando picos de temperatura terrestre ao longo dos últimos anos?). Na confluência, muitas das “comprovações” provêm de instituições conferindo muita guarida. São trabalhos, artigos, teses, dissertações, cursos, leis, reportagens midiáticas, documentários dentre tantos outros embasamentos proporcionados pela ciência correlatos à área, atrelados a diferentes campos de saber que mantêm esses discursos na pauta do dia.

Esses emaranhados são sustentados por muitos enunciados de medo que anunciam o fim do planeta, colocando o homem no centro das discussões, ora como o responsável pela crise, ora como o possível salvador do globo. Tais movimentos se articulam e vão legitimando a questão ambiental, não apenas no que se refere à crise, mas também em relação aos nossos comportamentos e nossa cota de responsabilidade que *precisamos* dar conta.

Trago algumas imagens que ilustram o DE na pauta do dia, reforçando comportamentos que devemos ter em nosso dia a dia, seja na praia, na universidade, na escola, na farmácia. Na Figura 17 temos um cartaz de universidade que estimula a economia de papel: “você sabia que para produzir 91kg de papel é necessária uma árvore, sendo que cada brasileiro consome em média meia árvore por ano?! Economize papel toalha! Preserve a natureza!”; em um banheiro o suporte das toalhas de papel diz que “Sustentabilidade é questão de atitude. Use uma folha por vez.”; um óleo de soja, que informa possuir um programa de coleta e reciclagem de óleo “para ajudar o meio ambiente”; um adesivo distribuído no início do ano letivo em escola “eu cuido da natureza e defendo a vida”; uma imagem compartilhada nas redes sociais sugerindo que se “adote uma caneca no trabalho. Se você usa 3 copinhos por dia, vai economizar 700 por ano”; uma sacola plástica de farmácia com a frase: “coloque mais verde em sua vida”

e um informativo que traz: “Nova regra: toda vez que você for à praia, colete ao menos 3 plásticos da areia. Por favor espalhe esse aviso”.

Figura 17- Imagens reforçando comportamentos



Fonte: Portfólio das imagens coletadas para a tese

Na Figura 18 trago outra composição de imagens que corroboram esse estímulo à condução de condutas diante do DE, com uma embalagem de creme dental com uma foto de uma torneira e a seguinte frase: “Economizar água é o compromisso de todos. Junte-se e feche a torneira enquanto você escova os dentes”; Um boleto de condomínio com a assídua mão humana e em uma impressão frente e verso informa “Menos papel, mais vida! Receba o boleto por e-mail e ajude a construir um mundo mais sustentável” e no verso “Você ganha agilidade e praticidade no seu dia a dia e ainda colabora com um mundo mais sustentável” e, uma placa alocada em uma praia que diz “O lixo que você joga na rua não fala, mas diz muito sobre você!”.

Figura 18 - Imagens reforçando comportamentos



Fonte: Portfólio das imagens coletadas para a tese

Em relação à segunda característica apontada por Foucault a respeito da economia política da verdade, posso dizer que o Discurso Esverdeante é constantemente pontuado econômica e politicamente. As próprias políticas ambientais que emergem a partir da década de 80, como a Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA) e o Programa Nacional de Educação Ambiental (PNEA), dentre outras, demonstram isso em seus textos. Além disso, muitas imagens sob signo verde vêm mobilizando uma economia que cresce e se expande como uma verdade dada. Precisamos ser “conscientes” da crise e, para isso, devemos consumir produtos que compartilham o cuidado com o ambiente. Nesse sentido, destaco na Figura 19 um amaciante de roupas com presença marcante da cor verde rotulado com “cuidado para o meio ambiente”, uma embalagem que orienta, com letras verdes, sobre o “descarte consciente de embalagens de medicamentos” e uma toalha de papel com presença da cor verde, produto esse que “respeita a natureza”.

Figura 19 - Imagens ressaltando o cuidado



Fonte: Portfólio das imagens coletadas para a tese

Há uma profusão de imagens que corroboram essas políticas de verdade em relação ao DE. Abaixo, na Figura 20, destaco imagens de duas revistas, uma delas distribuída em uma praça de pedágio que já tem o “Eco” em seu nome, com uma tiragem de dez mil exemplares e na capa anuncia “Mundo mais sustentável”, o editorial traz o título “Consciência verde” e a primeira frase diz “o futuro do planeta começa no presente.”; a segunda revista, com tiragem de quarenta e cinco mil exemplares, tem a distribuição gratuita, feita por empresa que comercializa suplementos para alimentação bovina. Na edição que destaco abaixo chamou a atenção a reportagem que anuncia “O Brasil é verde. Produtor rural é o maior preservador ambiental”; traz também uma reportagem com a cor verde predominante sobre “Sustentabilidade na avicultura” e ainda um anúncio de suplemento mineral para bovinos, denominado “Boi verde”.

Figura 20 - Imagens marcadas pela sustentabilidade



Fonte: Portfólio de imagens da tese

Esse entendimento se articula com a terceira característica apontada por Foucault: “uma imensa difusão e de um imenso consumo”. As imagens falam por si, um marketing pautado pelo verde, muitas vezes incentivando o consumo de determinados produtos e/ou serviços por serem mais corretos com o ambiente, exercitando um apelo a sermos verdes, que sejamos consumidores conscientes, que pratiquemos um consumo sustentável, que nos comportemos de maneira que possamos reduzir as chances de acabar com o planeta.

Essas informações circulam cotidianamente nos aparelhos de educação e de informação. Inclusive a morte pode ser sustentável com a “urna biodegradável que mistura as cinzas da pessoa morta com a semente da planta que ela mais gostava”; com um dispositivo elétrico anti mosquito denominado “ecológico”; e, também, com escova de dente feita em bambu. Chamo a atenção pela proeminência do verde também nessas imagens da Figura 21. Em outros segmentos de consumo, destacados na Figura 22, o DE pode aparecer em um picolé produzido através de “cultivo sustentável”, um papel higiênico cuja empresa é “amiga do meio ambiente” ou também livros infantis para um “pequeno consciente”.

Figura 21 - Imagens marcadas pelo verde



Fonte: Portfólio das imagens coletadas para a tese

Figura 22 - Imagens com discursos ambientais

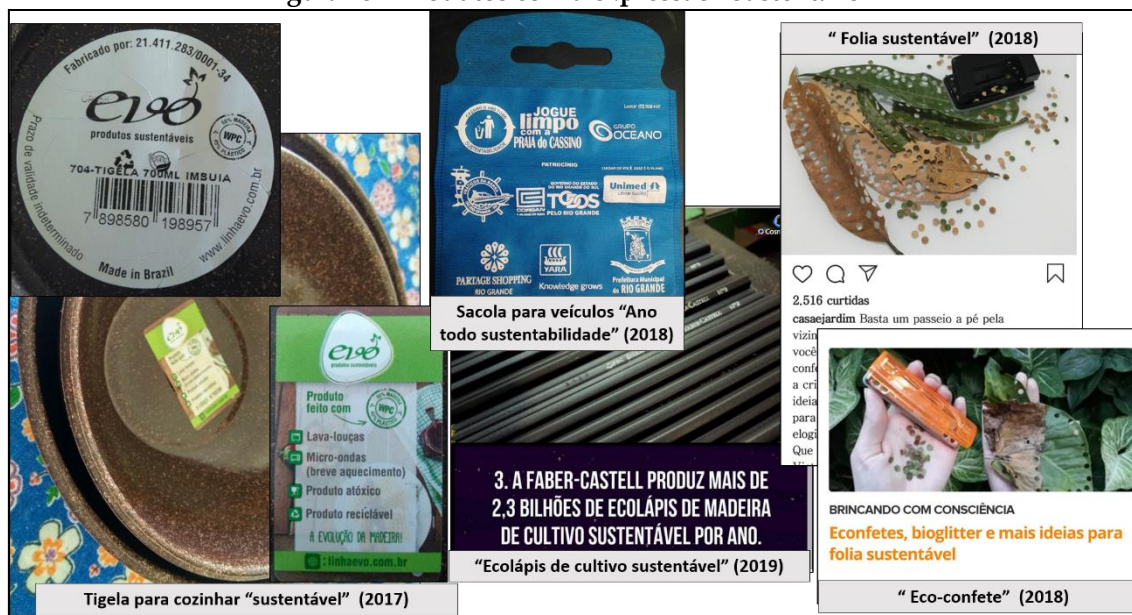


Fonte: Portfólio das imagens coletadas para a tese

Os atravessamentos não cessam. Compartilho outras imagens na Figura 23 que trazem a sustentabilidade em seus produtos: destaco uma tigela para cozinhar com etiqueta verde e uma folha, denominada "produtos sustentáveis"; uma sacola para uso em veículos distribuída na praia com a frase "jogue limpo com a praia", trazendo que se tenha sustentabilidade o ano todo e imagem de rede social noticiando a produção de "ecolápis de madeira de cultivo sustentável" e, até mesmo, uma "folia sustentável", com

a confecção de “ECOonfetes” provenientes das folhas caídas das árvores, para “curtir conscientemente no carnaval”.

Figura 23 - Produtos com a expressão “sustentável”



Fonte: Portfólio das imagens coletadas para a tese

Ainda a respeito dos elementos da economia política da verdade (FOUCAULT, 2015, p. 52) a quarta característica trata da transmissão e produção dominante de grandes aparelhos políticos ou econômicos. Barchi (2011, p. 8) diz que o espaço de discussões sobre a questão ecológica, está legitimado, por universidades, grandes conferências e encontros organizados pelos organismos estatais e patrocinados por grandes corporações transnacionais.

Em relação ao Discurso Esverdeante, entendo que seja possível presenciar uma constante transmissão sob o controle de universidades, de grandes mídias e organismos internacionais, que além de estabelecerem discursos científicos, proporcionam subsídios para dar credibilidade às informações midiáticas proclamadas, respaldando e enfatizando ainda mais a cota de responsabilidade que precisamos ter em relação aos nossos comportamentos.

Compartilho abaixo, na Figura 24 uma campanha promovida pela Rede Globo denominada “Eu sou a geração do amanhã”, que teve início em 2017 e ainda atua, onde são expostos os “Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)”, através das 169 metas a serem alcançadas para a agenda 2030⁴⁰.

⁴⁰ Mais informações sobre a agenda 30 disponíveis no site <http://www.agenda2030.com.br/>. Acessado em 19 de dezembro de 2019.

Figura 24 - Composição de campanha televisiva



Fonte: Portfólio das imagens coletadas para a tese

Interessante destacar que a campanha foi a única da América do Sul, selecionada para fazer parte de um relatório global da ONU sobre “iniciativas de sucesso no engajamento com a mídia”⁴¹. Em uma série de vídeos são expostas maneiras das pessoas se engajarem: “você pode fazer”, “você deve fazer”, “somos a geração do amanhã”. São pautadas questões ambientais, informações científicas e a nossa responsabilidade em moldarmos um amanhã mais próspero.

E, como última característica da economia política da verdade anunciada por Foucault (2015, p. 52), reside o desejo de ser objeto de debate político e confronto social. Destaco aqui as mais de quarenta mil normas ambientais⁴² vigentes no país, juntamente às políticas públicas e privadas que chamam a coletividade e o poder público para atuar na defesa, no controle e cuidado para “salvamos o planeta”.

Na figura 25 apresento uma composição de imagens que convergem no entendimento de chamar a coletividade a atuar na sustentabilidade:

⁴¹ <https://news.un.org/pt/story/2019/05/1673941>.

⁴² Dentre normas federais, estaduais e municipais.

Figura 25 - Proeminência da sustentabilidade



Fonte: Portfólio das imagens coletadas para a tese

Destaco um anúncio de meia capa de jornal de maior circulação na região Sul do país, com um condomínio que, dentre os destaques, cita “Mata nativa preservada com figueiras centenárias” e “Sustentabilidade com rede de abastecimento de água e tratamento de efluentes próprios”. Porém, considero interessante comentar que ambas práticas citadas se tratam de prerrogativas previstas na legislação, ou seja, são obrigações do empreendedor. A Lei Estadual do Rio Grande do Sul nº 9519, de 21 de janeiro de 1992⁴³, que institui o Código Florestal do Estado do Rio Grande do Sul, declara no artigo 33: “Fica proibido, em todo o Estado do Rio Grande do Sul, o corte das espécies nativas de figueira, do gênero ficus e das corticeiras do gênero erytrina.” Em relação a rede de abastecimento de água e esgoto, são condições do licenciamento ambiental para que o empreendimento seja aprovado perante os órgãos ambientais.

Outra imagem que trago na composição trata-se de uma propaganda em rede social para “sua marca avançar no caminho da sustentabilidade” e o anúncio compartilhado também em uma rede social sobre os benefícios da implantação de “IPTU verde. O benefício de ser sustentável”, o texto ainda dispõe sobre normas as legais que corroborariam tal implantação (como se trata de um imposto municipal, as prefeituras têm autonomia de adota-lo ou não).

⁴³ RIO GRANDE DO SUL. Lei nº 9.519, de 21 de janeiro de 1992. (Publicada no DOE n.º 14, de 21 de janeiro de 1992). Disponível em <http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/09.519.pdf>. Acessado em 19 de dezembro de 2019.

Com essas características embasadas pelo referencial teórico, as enunciabilidades e visibilidades que circundam a todo instante, acionam a constituição do Discurso Esverdeante como um discurso de verdade, sustentado por discursos científicos, políticos e econômicos.

Entendendo a verdade “ligada a sistemas de poder, que a produzem e a apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (FOUCAULT, 2015, p. 54). Os ideais de sustentabilidade atrelados ao consumo marcam as individualidades e imprimem leis de verdade sobre os discursos que vêm sendo distribuídos. Ou então, aproveitando os ensinamentos de Nietzsche (2012, p. 36), que diz que a verdade é uma ilusão, um móvel exercício de metáforas, palavras adornadas, realçadas poeticamente que após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas e obrigatórias.

Partindo do entendimento de Garré (2015) que delimita a EA como um dispositivo, e de Sampaio (2012), que toma a sustentabilidade também como um dispositivo: entendo e defendo a ideia de que há um dispositivo da sustentabilidade que é articulado com um dispositivo da EA e com o engendramento desses dispositivos, o conceito do Discurso Esverdeante opera.

Tal discurso é agenciado pelas linhas de visibilidade e enunciabilidade operadas no complexo discursivo, recriando e impulsionando os dispositivos constantemente. Com isso, ele vai operando através dessas relações que subjetivam e compõe os sujeitos dessa contemporaneidade.

Por aceitar a provocação de Foucault, que diz que “É preciso também que nos inquietemos diante de certos recortes ou agrupamentos que já nos são familiares” (2008a, p.24), o convite é que possamos tentar criar fissuras e frestas que mesmo sendo micro, possam reverberar em nossas maneiras de pensar, ser e agir. Entendo que nesse desejo de movimentar o pensamento possa incidir tensionamentos em relação a domínios tão consolidados, vindo a sacudir o que chega com tanta legitimidade e certeza. Acredito que nesses subversivos movimentos esteja a motivação de escrever uma tese em um Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental e que aí haja a potência de resistir. Que hajam possíveis respiros para a EA, para além de uma suposta solução, de forma rápida e simplista, como nos convocam as mídias nos ensinando como ser sustentável.

No prosseguimento das análises do material empírico que compõe o portfólio da tese, o próximo capítulo destaca a abundância de imagens destacando o planeta e a relação humana. Buscando tensionar tais enunciabilidades e visibilidades o conceito da

ecopolítica é atrelado a uma subjetividade antropocêntrica tramada ao Discurso Esverdeante.

4. IMAGENS DO PLANETA: ENUNCIANDO E VISIBILIZANDO A ECOPOLÍTICA E O ANTROPOCENTRISMO

“Ora, trabalhar é tentar pensar uma coisa diferente do que se pensava antes” (FOUCAULT, 2014a, p. 234).

Em confluência com o capítulo anterior, este momento da escrita também foi destinado a analisar as imagens que compõe o portfólio. Neste segundo movimento, pude perceber que mais que uma expressão recorrente, como a sustentabilidade destacada anteriormente, o que mais chamou atenção foi o exercício de convencimento de cuidarmos não *apenas* da natureza, mas que um alargamento desse cuidado e proteção deve se dar em escala planetária.

As enunciabilidades e visibilidades me mostraram desde os primeiros rabiscos da tese, de maneira bem significativa, o “eco”, o “ecológico” e as mãos humanas no entorno do globo terrestre. Analisando o portfólio e, através dessa movimentação de imagens, pude entender que havia um movimento em torno do humano nessa profusão. As condutas, os comportamentos se davam em torno de algo maior que a escala humana: o planeta, mas que ainda assim precisaria ter os humanos como os possíveis responsáveis por tal mudança.

Além do material enquanto visibilidade e enunciabilidade, o que saltou aos olhos foi a subjetividade que se entremeia através das imagens que nos conduzem rebanhamente em salvar o planeta em busca da possibilidade de um futuro.

Desse modo, no último capítulo de análise do material trago a ecopolítica e a subjetividade antropocêntrica na busca de criação de possibilidades de pensarmos sobre verdades tão consolidadas que alocam o homem tanto como causador do colapso planetário, como aquele salvador do planeta da crise criada por ele próprio.

Para essa composição o quarto capítulo está dividido em duas subseções. Na primeira, teço comentários a respeito dos atravessamentos biopolíticos, com base em Foucault, que com a crise planetária tão exacerbada pela ciência e pelas mídias, principalmente, conduzem a uma conduta de vida em escala planetária. No segundo momento do capítulo, a ecopolítica se entremeia ao texto, porém, com a bandeira de um calamitoso futuro se aproximando. Ela traz uma subjetividade antropocêntrica ativando o Discurso Esverdeante.

4.1 Apontamentos iniciais

“O planeta está em crise”. “As mazelas ambientais se aproximam”. “Estamos acabando com a capacidade de suporte dos recursos naturais”. “Aquecimento global”. “Derretimento das geleiras”. Alguma surpresa em ler esses enunciados catastróficos em relação ao planeta?

Acredito que sua resposta seja: Não!

As mídias reiteram esses enunciados e discursos a todo momento. A ciência é trazida a reforçar os dados, apontando os números, as porcentagens, as estatísticas que nos levam a entrever a um calamitoso futuro, caso não nos engajemos de pronto em cuidar, proteger, preservar e salvar *nosso* planeta.

A biopolítica, embora não seja um conceito inaugurado por Foucault, foi visibilizado através de seus textos. A primeira referência do autor em modo público em relação ao tema, data de 1974, quando comenta em uma conferência no Rio de Janeiro comenta:

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo com corpo (...) o corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica (FOUCAULT, 2015, p. 80).

Segundo Foucault (2015, p. 404), as políticas endereçadas à vida da população tornarem-se importantes a partir do século XVIII, em primeiro lugar: quando as epidemias, as condições de habitat, de higiene, dentre outros, começaram a integrar problemas centrais; em segundo lugar: quando em relação a esses problemas, outros tipos de saber passaram a ser implicados, tais como: aparecimento da demografia, observação sobre a repartição de epidemias, inquérito sobre as amas de leite, sobre as condições de aleitamento das crianças; em terceiro lugar, com o estabelecimento de aparelhos de poder que permitiram não somente a observação, mas a intervenção direta a tudo isso acontecia. Através das informações da população começou a haver uma série de ações. Nas palavras de Foucault: “Neste momento, começa algo que se pode chamar de poder sobre a vida” (2015, p. 404).

Com o “poder sobre a vida”, através das políticas de vida biológica, como “poder sobre a morte”, por exemplo, através do racismo, Foucault nomeia como Biopoder a estatização da vida biologicamente considerada, ou seja, do homem enquanto um ser vivente (CASTRO, 2016, p. 57). Biopoder então é entendido como um conjunto de mecanismos que através da constituição das características biológicas da espécie

humana entram em uma política, em uma estratégia geral de poder (FOUCAULT, 2008b, p.3).

Para que a questão da população e sua arte de governo obtivessem importância, foi um longo e paulatino processo. A arte de governar encontra desde o final do século XVI e início do século XVII as primeiras formas de se organizar em torno do tema de uma razão do estado; estado esse que governa não no sentido negativo ou pejorativo, mas segundo as regras que lhe são próprias, não provindo nem de leis naturais ou divinas, tampouco de preceitos de sabedoria ou prudência (FOUCAULT, 2015, p. 420).

Foucault (2015, p. 422) diz que durante o século XVII até o século XVIII a arte do governo foi limitada por duas coisas principais: a soberania, quadro muito vasto e rígido, e, por outro lado a família, tida como um poder estreito, débil e inconsistente:

A arte de governar procurou fundar-se na forma geral da soberania, ao mesmo tempo que não pôde deixar de apoiar-se no modelo concreto da família; por esse motivo, ela foi bloqueada pela ideia da economia, que nessa época ainda se referia apenas a um pequeno conjunto constituído pela família e pela casa. Com o Estado e o soberano de um lado, com o pai de família e sua casa de outro, a arte de governo não podia encontrar dimensão própria (FOUCAULT, 2015, p. 423).

Se Foucault diz que a Biopolítica, ou seja, as políticas endereçadas a vida da população, tornarem-se emergentes, pode-se dizer que atualmente vivenciamos uma ecopolítica. Isto é, vivemos em um alargamento das políticas endereçadas à vida da população. O planeta entra assim em cena como uma política eco, ecológica. Pode-se dizer que a ecopolítica é uma expansão da biopolítica, onde além das questões atreladas às políticas da vida, a questão planetária se alia a maneiras de viver perante um planeta que está em crise, conforme às mídias e à ciência constantemente reforçam e, autores como Edson Passeti, Sébastien Malette e Alfredo Veiga-Neto corroboram.

Outra informação importante nessa caminhada em direção à biopolítica e, também, à ecopolítica é que, seguindo os escritos de Foucault, a arte de governo foi desbloqueada pelo problema da população, que permitiu eliminar o modelo de família e centralizar a questão da economia em outra coisa (FOUCAULT, 2015, p. 424). O autor comenta que se a estatística tinha funcionado na administração da soberania, revelou pouco a pouco, por sua atividade e modo de agir, que a população tem uma regularidade peculiar (como número de mortos, de doentes, de acidentes) e possui efeitos econômicos específicos. A partir de então a família passa de modelo para instrumentação, ou seja, a

ser elemento interior a população e como um apoio ao governo desta (FOUCAULT, 2008b, p. 139).

Esse desbloqueio da arte de governar tem importância direta com a questão da biopolítica, pois ao eliminar o modelo de família, quando a população aparece como um objetivo do governo, precisou-se lançar mão para se alcançar esses fins, eis que as campanhas e dos convencimentos entram em cena (e me atrevo a dizer que nunca mais saíram):

[...] é a população considerada do ponto de vista das suas opiniões, das suas maneiras de fazer, dos seus comportamentos, dos seus hábitos, dos seus temores, dos seus preconceitos, das suas exigências, é aquilo sobre o que se age por meio da educação, das campanhas, dos convencimentos (FOUCAULT, 2008b, p. 98-99).

A população aparecendo mais como um instrumento do que como força do soberano. Trata-se de uma movimentação muito salientada por Foucault, no qual, através de táticas e novas técnicas evidencia-se uma passagem de um regime de soberania para um regime de técnicas de governo: da arte de governo para uma ciência política. Com tal deslocamento, a economia política passa a configurar a arte de governar, sendo a população alvo e instrumento fundamental:

A população aparece, portanto mais como fim e instrumento do governo que como força do soberano; a população aparece como sujeito de necessidades, de aspirações, mas também como objeto nas mãos do governo; como consciente, ante o governo, daquilo que ela quer e inconsciente em relação àquilo que se quer que faça. O interesse individual – como consciência de cada indivíduo constituinte da população – e o interesse geral – como interesse da população, quaisquer que sejam os interesses e as aspirações individuais daqueles que a compõem – constituem alvo e o instrumento fundamental do governo da população. Nascimento, portanto de uma arte ou, em todo caso, de táticas e técnicas absolutamente novas (FOUCAULT, 2015, p. 426).

Assim, a biopolítica se dá através de estratégias de poder, em cujas práticas, se dá a regulação da vida como um todo, desde antes do nascimento, através de programas que visam controlar a natalidade, e pós o nascimento, lidando com muitos dados estatísticos, regulando atividades do cotidiano.

A biopolítica toma a vida como objeto político, tratando-se de uma política que orienta a vida das populações e tem como interesse e preocupação a própria vida da população, em termos de governá-la no que se refere à saúde- morbidade e, também, no que concerne à sua higiene, alimentação, natalidade, mortalidade, sexualidade,

longevidade, fecundidade, casamentos etc. (VEIGA-NETO, 2014, P. 36-37). Interessante pensar que as maneiras do poder operar não se dão como uma simples sujeição:

A relação do poder com o indivíduo não deve ser simplesmente uma forma de sujeição que permite ao poder tomar dos sujeitos, bens, riquezas e, eventualmente, seu corpo e seu sangue, mas o poder deve exercer-se sobre os indivíduos os considerando como uma entidade biológica que deve ser levada em consideração, para ser utilizada como máquina de produção de riquezas, bens e também outros indivíduos (FOUCAULT, 2006a, p. 193).

Sauquillo (2017, p. 531-532) diz que biopolítica das populações é uma estratégia disposta pelo poder para incrementar a população e acrescentar um rendimento efetivo, através de um controle intensivo e descentralizado sobre a população como um todo, através de uma governamentalidade, com uma constante e capilar intervenção sobre os indivíduos. Essas técnicas são muito ligadas a práticas disciplinares, onde gestos, comportamentos e ações são previamente esperados.

Embora haja a atuação de práticas disciplinares em relação à biopolítica, considero interessante comentar que ambas possuem algumas características diferenciadas, muito bem salientadas por Castro (2016), como em relação ao objeto: em que a disciplina atua no corpo individual e a biopolítica no corpo múltiplo, ou seja na população. Quanto aos fenômenos considerados: a disciplina leva em consideração aqueles individuais, enquanto a biopolítica estuda os fenômenos de massa, em série, de longa duração. No que se concerne aos mecanismos: a disciplina tange principalmente ao adestramento do corpo, através de vigilância hierárquica, exames individuais, exercícios repetitivos; no que se refere à biopolítica, esta se dá através de mecanismo de previsão, estatística, medidas globais. Ainda que se complementem, suas finalidades são distintas: a disciplina busca corpos economicamente úteis e politicamente dóceis e a biopolítica persegue o equilíbrio da população e sua regulação.

Uma das marcas da questão biopolítica é a estatística. A vida ganha importância e os cálculos estatísticos informam as taxas e os índices. Dessa maneira, a biopolítica entra em cena como uma política que, visando assegurar a vida do homem, lança mão desses dados para ações, regulações e o controle sobre as populações. De acordo com Henning (2019b, p. 5), a biopolítica é tomada por Foucault como uma política que, a partir de cálculos e prognósticos, regula a população por meio de ações governamentais, no desejo de assegurar a vida coletiva.

Tais ações governamentais têm a ver com a governamentalidade, outro termo recorrente em se tratando de biopolítica. De acordo com Veiga-Neto, essa expressão foi criada por Foucault para designar uma série de questões atinentes às maneiras de governar e as formas nas quais se conduzem às ações, funcionando como uma espécie de dobradiça capaz de articular o que é próprio da população com o que é próprio das subjetividades; ou então articulando o coletivo com o individual, extravasando além da dimensão política e populacional (VEIGA-NETO, 2014, p. 37).

De acordo com Foucault, a governamentalidade pode ser atribuída a três fatores principais: o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, cálculos e táticas que permitem que o poder exista, tendo por alvo a população, através de dispositivos de segurança e pela economia política; a preeminência de um sistema de poder chamado governo, que se dá em relação aos outros, como a soberania e a disciplina e, por fim, os processos de conversão do estado de justiça da idade média, para o estado administrativo (séculos XV e XVI) que pouco a pouco foi governamentalizado (FOUCAULT, 2015, p. 429).

Sob fulcro em Foucault que traz a biopolítica como política da vida; sob as constantes atualizações discursivas que contribuem e reforçam as subjetividades; diante da problemática ambiental que atravessa a contemporaneidade; com as imagens distribuídas pelas mídias que reforçam a necessidade de se mudar os hábitos de vida em relação ao planeta; destaco o conceito da ecopolítica para o embasamento da tese que se preocupa com esse Discurso Esverdeante que se esparrama atualmente.

Interessante pensar que ao discutir biopolítica, Foucault não empreendeu o conceito para pensar as questões ambientais. Porém, diante do governo da vida humana sendo ampliado a um poder sobre a maneira de lidar com o planeta, a ecopolítica emerge como um alargamento da biopolítica, vindo a potencializar às discussões atinentes à seara ambiental. De acordo com Passetti (2013), passamos hoje por um momento em que a biopolítica é cada vez mais ecopolítica, pois, tanto quanto proteger o corpo-máquina (anátomo-política) e o corpo-espécie (biopolítica), hoje se é imperativo defender o corpo do planeta; é imperativo defender o equilíbrio, sua biodiversidade, seus ecossistemas, de forma a permitir a permanência do humano. Para isso, faz-se necessário um controle e uma regulamentação que tanto permitam a sustentabilidade do planeta, quanto não ameacem a estrutura do poder constituído e também das relações financeiras contemporâneas.

Entendo a ecopolítica como uma ampliação da biopolítica, onde além das estratégias operadas nas relações humanas, nas práticas da vida, há uma política que concerne às maneiras de lidarmos com o planeta. Malette (2011, p. 10) diz que o “conceito de biopolítica é ampliado para incluir tudo o que seja necessário para manter a “vida” pela emergência de diversas práticas e regulações ambientais”. Siqueira (2012, p. 42) o amplia, dizendo que na presença de investimentos para a órbita do planeta, a ampliação da biopolítica transbordaria para fora do planeta.

Segundo Veiga- Neto (2014, p. 33), a ecopolítica é um novo horizonte para a biopolítica, ampliando tudo o que já foi pensado e dito, e expande do humano ao planetário o papel conferido à vida. Outro traço pontuado pelo autor que converge ainda mais com o conceito trabalhado para a tese, é o acento ético dos discursos ecopolíticos, nos quais há uma defesa candente a favor de novas formas de lidar com o planeta, pontuados principalmente em interesses econômicos aliados aos interesses sociais (p. 9).

Entendo que esse “acento”, que o autor destaca, converge ao que esta tese traz. Principalmente no incentivo que as imagens destacam sobre quando podemos agir em prol do planeta, como no exemplo das imagens na Figura 26: Coletor menstrual “uma boa notícia para o planeta e para sua carteira”, canudo intitulado “Escolha Eco” e com a frase “Pequenas mudanças pelo bem do planeta”, uma propaganda de marca de perfumaria “sua embalagem vazia pode ajudar a preservar o planeta” e uma marca de café solúvel “ajudando o planeta”.

Figura 26 - Imagens ressaltando o cuidado



Fonte: Portfólio das imagens coletadas para a tese

O DE estimulando o consumo de produtos estão esparramados. Reitero, não se trata de questionar as práticas de produção e/ou funcionamento utilizadas pelas empresas, mas a problematização que proponho é que possamos pensar que esses ditos são tidos com tanta veracidade que muitas vezes não ousamos questioná-los. O discurso ambiental está em voga. Os ditos catastróficos são constantes. O discurso do medo pelo fim do planeta e que nos ensina a ser e a lidar com a problemática global nos cerca. Nesses atravessamentos, Barchi ironiza sobre a “necessidade de uma vida ecologicamente correta” tão reiterada:

É necessária uma nova forma de vida política e ecologicamente correta para que o planeta e a humanidade sobrevivam. Mais do que o urso polar, o panda ou a baleia-azul, é preciso salvar o humano. E para isso, deve ocorrer uma reforma ecológica que o faça impedir de destruir a Terra (BARCHI, 2011, p. 8).

Nessa congruidade do ecologicamente correto, do DE esparramado, compartilho, na Figura 27, embalagem de café “Aroma e sabor respeitando o planeta”, hastes com ponta de algodão “Eco” com a informação “Cuida de você, da sua família e do planeta”, a embalagem de suco alerta o cuidado que devemos ter em relação ao planeta “o planeta é gigante, só que a gente tem que cuidar como se ele fosse pequenininho, entendeu?”. O mercado ainda oferece “eco canudo”, “telha ecológica”, produtos para cabelo “Maria natureza” e “madeira ecológica”.

Figura 27- Imagens ressaltando discursos ambientais



Fonte: Portfólio das imagens coletadas para a tese

Alguns materiais analíticos são citados para estimular que pensemos sobre os constantes atravessamentos que nos constituem cotidianamente e que nos ensinam a lidar com a crise. E, olhando esse material recordei Foucault ao tratar sobre formas de poder e porque diz que o poder emerge do cotidiano:

[...] forma de poder emerge em nossa vida cotidiana, categoriza o indivíduo, o marca por sua própria individualidade, une-o a sua própria identidade, lhe impõe uma lei de verdade que ele tem que reconhecer e que ao mesmo tempo, outros devem reconhecer nele. É uma forma de poder que constitui sujeitos individuais (FOUCAULT, 1995, p. 235).

Em consonância com Foucault que trata da governamentalidade, alguns autores destacam que há uma ecogovernamentalidade através de uma “reorganização dos conceitos de população, segurança e economia política, nos quais a regulação dos vivos se expandiria para regulação de tudo o que necessário para a vida” (MALETTE, 2011, p. 4).

A articulação se torna ainda mais perceptível ao olhar pela própria questão estatística, sempre convencendo da necessidade de cuidar pois os humanos destruíram “tantos por cento” do planeta. Henning (2019b, p.10) corrobora em relação aos elementos estatísticos e os prognósticos reiterados pela ciência para reforçar comportamentos em relação ao meio:

Descreve-se o já ocorrido, com saberes científicos e dados estatísticos. São eles que nos dizem o que aconteceu e porquê. Mas não é só isso: essa configuração permite auferir prognósticos, criar probabilidades plausíveis para se dizer, enfim, o que teremos a enfrentar, caso nossas ações individuais, coletivas e governamentais não se modifiquem. A partir do saber experto da ciência, auxiliada pela estatística, que descreve acontecimentos já vividos, temos um elemento importante que a ciência necessita debruçar seu olhar: o risco do colapso planetário.

Malette (2011, p. 14) ressalta que o próprio conceito de ambiente foi modelado pela questão estatística e com modos de operar as relações caóticas e aleatórias ocorridas no ambiente, em números controláveis e previsíveis através de ciências computacionais e modelos preditivos através da progressiva matematização da “natureza”.

Outro embasamento que avigora essas práticas de um governo do planeta é em relação ao futuro. Foucault já provocava a pensar sobre como essa ideia de futuro reforça comportamentos. Inclusive comenta no seu curso de 1978, “Segurança Território e População”, que a cidade não é planejada para o presente de maneira estática, ela é pensada no futuro, no que pode acontecer:

[...] a cidade não vai ser concebida nem planejada em função de uma percepção estática que garantiria instantaneamente a perfeição da função, mas vai se abrir para um futuro não exatamente controlado nem controlável, não exatamente medido nem mensurável, e o bom planejamento da cidade vai ser precisamente: levar em conta o que pode acontecer (FOUCAULT, 2008b, p. 26).

O DE também traz o futuro como elemento fundamental para reforçar os hábitos que os humanos devem ter no presente, visando o amanhã. Destaco na Figura 28, uma sacola retornável “Seja consciente. Em uma sacola retornável cabe muita coisa, até mesmo a salvação do planeta”, um suporte de papel higiênico em um banheiro de uma universidade, trazendo as mãos humanas no entorno de um planeta verde, informando: “Seja consciente! O futuro do planeta está em suas mãos”, marca de batatas fritas que “você protege o meio ambiente para as futuras gerações” e uma etiqueta de roupa jeans “o futuro está em nossas mãos” salientando a responsabilidade com o meio ambiente, preservação de recursos naturais sendo essa uma “forma de abraçar o planeta e as gerações que estão por vir. Um novo caminho já começou a ser traçado - e você é a parte mais importante dele”.

Figura 28 - Imagens reforçadas pelo futuro do planeta



Fonte: Portfólio das imagens coletadas para a tese

As imagens do portfólio me mostram emblematicamente os atravessamentos ecopolíticos através da recorrência das imagens do planeta por diferentes mídias. Ao buscar entrelaçar a questão ambiental com os preceitos ecopolíticos, busco aporte aos elementos destacados por Rabinow e Rose (2006, p. 29) que atribuem destaque para constituições biopolíticas aos discursos de verdade, embasados por quem “pode” falar,

ou seja, as autoridades competentes para falar tais verdades; as estratégias de intervenção sobre a coletividade e os modos de subjetivação em que os indivíduos são levados a atuar sobre si próprios, sob formas de autoridades e discursos de verdade que corroboram com tais comportamentos e ações.

Henning, entendendo a EA como um importante campo de saber que contribui para orientar, definir, apresentar modos de vida condizentes com o tempo em que vivemos, articula os três elementos de Rabinow e Rose: discursos de verdade, estratégias de intervenção e modos de subjetivação, para pensar a EA, nas palavras da autora:

[...] a EA assume-se, com seus discursos de verdade, intervenções na vida cotidiana e subjetivações dos indivíduos como uma importante ferramenta bio/ecopolítica. No desejo de gerenciar *ações verdes* para o controle da vida, a EA vai conduzindo as condutas da massa de indivíduos, agindo nas ações cotidianas dos sujeitos. Chamo a atenção para o modo como vamos educando através do medo e do possível risco de perda planetária (HENNING, 2019B, P 378).

Em se tratando de educação ambiental, Barchi salienta sobre os riscos que são assumidos ao tomar a EA como solucionadora do planeta, como algo que dê conta de tudo, servindo de modulação de cidadãos modelo, ecologicamente ícones e instauradores de uma verdade, tendo como ator principal o “ecologista”, um dócil indivíduo que participa dos movimentos sociais de defesa do meio ambiente, sem necessariamente o fazer contestar essa ecologia e esse ideal de EA (BARCHI, 2011, p. 11).

Entendo que o conceito de ecopolítica se apresenta como potência para problematizar, embasar e sustentar o DE, algo que almejo articular desde o início da tese. O Discurso Esverdeante ingressa na pauta do dia através de inúmeros lugares. Não precisamos procurar, o verde permeia a vida como um todo: o supermercado, a farmácia, o jornal, o banheiro, a revista, a etiqueta, dentre tantos outros que o próprio portfólio demonstra. Além de permear, conduzem ações, orientam comportamentos, nos fazem compartilhar o dever de cuidar deste planeta.

Assim como as imagens da Figura 29 mostram: através de uma sacola plástica que atesta “consciência ecológica: tem que usar. Sacola oxibiodegradável”, uma imagem de banheiro de hotel aonde diz que são gastos doze mil litros de água por mês para lavar as toalhas utilizadas uma vez, mas “você pode fazer a diferença” e pode “ajudar a preservar o planeta”, o papel higiênico com a imagem de uma folha verde alerta para um consumo consciente e a toalha de banho traz em sua etiqueta “a toalha

ecologicamente correta. Produzida dentro dos mais rigorosos processos para não agredir e não poluir o meio ambiente”.

Figura 29 - Imagens reforçando maneiras de lidar com o ambiente



Fonte: Portfólio das imagens coletadas para a tese

São imagens provindo de diferentes lugares. Entendo que a população segue sendo alvo biopolítico, “mas agora é pluridimensionado pela convocação à participação na gestão do planeta, do Estado, de empresas, comunidades e na governamentalidade ambiental. A biopolítica vai consolidando sua ultrapassagem pela ecopolítica” (PASSETI, 2013). As relações de poder produzem ecopolítica que não focam apenas na população, mas olham para o planeta. Questões como desastres ambientais, perda da biodiversidade, mudanças climáticas são fenômenos que ameaçam inúmeras vidas, não apenas a humana e, em nome da vida e do planeta a ecopolítica vai gerindo as populações (AVILA e RIBEIRO, 2018, p. 98).

Sobre essa atualização das estratégias biopolítica, Malette (2011, p. 21) analogicamente diz que: “o dragão está para trocar de pele”, com a ampliação das noções de vida, população e economia, convergindo a um governo de “relações que ligam tudo e qualquer coisa, que apoia todos os seres vivos e não-vivos do mesmo modo, e que faz das fronteiras internas/externas uma questão secundária”.

Com as imagens do portfólio, a recorrência das imagens do planeta, tanto quanto enunciabilidade, quanto por visibilidade reforçam esse entendimento. Não apenas o planeta, mas as mãos humanas no entorno do globo chamam muito atenção, e essas imagens são muito recorrentes. O humano ocupando espaço de quem pode salvar,

proteger e preservar o planeta para as presentes e futuras gerações; e, também, ocupando o espaço daquele destruidor, desbravador e principal causador das mazelas ambientais.

Diante da expressiva questão humana em reforçar a ecológica, no próximo movimento do capítulo trago o antropocentrismo como potencializador do Discurso Esverdeante imbricados em conduções ecológicas.

4.2 Ecológica e a Subjetividade Antropocêntrica

Com a ecológica sendo trazida à baila, através de uma crise ambiental, muito pautada em discursos de medo, reforçada por verdades que insistem em dizer como devemos nos comportar diante das problemáticas ambientais, entendo ser de fundamental importância destacar o homem enquanto potente articulador e condutor de toda subjetividade que anima, orienta e move o Discurso Esverdeante no cenário ecológico.

Nietzsche já dizia:

Cabe muito bem admirar o homem como um formidável gênio da construção, capaz de erguer sobre fundamentos instáveis e como que sobre a água corrente um domo de conceitos infinitamente complicado; por certo, a fim de manter-se firmemente em pé sobre tais fundamentos, cumpre ser uma construção como que feita com teias de aranha, suficientemente delicada que possa ser levada pelas ondas e firme o bastante para não ser despedaçada ao sopro do vento (NIETZSCHE, 2012, p. 39).

Sob inspiração de Nietzsche, penso a questão humana em relação ao planeta, muito reforçada em verdades erguidas, porém delicadas, como teias de aranha que podem ser levadas pelas ondas, mas também são firmes e não despedaçam ao sopro de qualquer vento.

Aqui inevitavelmente recorro das imagens que trouxe no primeiro capítulo, com os resultados das pesquisas em sites de busca ao pesquisar EA, e também algumas imagens do portfólio da tese que convergem nesse movimento do homem como um possível cuidador do globo e, ainda, com a cor verde muito presente:

Figura 30 - Imagens com as mãos humanas



Fonte: Imagens coletadas para a tese

Considero que essa composição de imagens (Figura 30) é muito emblemática para a tese, pois mostra através do material empírico a questão antropocêntrica se fazendo presente não somente endereçada à EA (conforme as imagens do capítulo 1), mas atravessando constantemente o material do portfólio.

As mãos humanas no planeta aparecem em diferentes mídias e, a partir da perspectiva teórica que assumi na escrita da tese, entendo essas imagens como potentes a pensar um cenário antropocêntrico, ou seja, o homem enquanto centro e/ou como algo que pensa fora do ambiente. Ou então como um heroico protagonista que ditará novos caminhos para enfrentar a crise ambiental, como Carvalho (2001, p. 168) diz:

Um sujeito que pode ser visto em sua versão grandiosa como um sujeito heróico, vanguarda de um movimento histórico, herdeiro de tradições políticas de esquerda, mas protagonista de um novo paradigma político-existencial; em sua versão new age é visto como alternativo, integral, equilibrado, harmônico, planetário, holístico; e também em sua versão ortodoxa, na qual é suposto aderir a um conjunto de crenças básicas, uma espécie de cartilha - ou ortodoxia - epistemológica e política da crise ambiental e dos caminhos para enfrentá-la.

A relação de supremacia humana não é recente, destaca Grün, que vai a Descartes para explicar sobre isso:

A predominância do humano sobre todas as coisas e criaturas do mundo tem seu marco filosófico moderno fundamental no pensamento de Descartes. Mas se nosso intuito é compreender este momento, precisamos nos voltar para os próprios antecedentes do pensamento cartesiano. Os antecedentes históricos da filosofia de Descartes podem ser encontrados naquilo que de um modo geral e não muito preciso chamamos de humanismo. A predominância do humano inicia-se com

brilho e sofisticação. O humano, colocado em posição de subserviência a Deus durante toda a Idade Média, começa a dar indícios de insatisfação. É no mundo renascentista que vamos encontrar os primeiros anúncios desta mudança. Vai ser em nome do humanismo que o Homem começa a romper com a velha ordem. É o próprio Homem o grande organizador da ruptura e esta se dá de um modo múltiplo e complexo, na arte, política, religião e filosofia (GRÜN, 2007, p. 24).

Ainda de acordo com Grün (2007, p. 44), com base na epistemologia cartesiana, um observador vê a natureza como se estivesse olhando uma fotografia. O sujeito está fora da natureza e, segue o autor, essa autonomia da razão é uma das principais causas a ativar o antropocentrismo: o homem sendo o centro de tudo e todas as demais coisas do universo vivem exclusivamente para e em torno dele.

Garré (2015, p. 84 e 132), ao analisar os enunciados catastróficos do planeta Terra nas capas da Revista Veja, salienta o enunciado do antropocentrismo muito marcante na análise da pesquisa. Afirma que nesses materiais é evidente que os ditos midiáticos determinam o domínio do homem sobre o “mundo natural” e quanto o homem é marcado por ser o culpado pela rápida degradação da natureza. A autora ressalta que o homem é aquele que destrói, mas que tem a possibilidade de encontrar alternativas de salvação perante a crise ambiental.

A visão do homem enquanto o centro está presente em autores do campo do direito. De acordo com Milaré, autor da clássica obra do direito ambiental “Direito do Ambiente” o antropocentrismo exalta o homem como referência máxima e absoluta:

[...] é uma concepção genérica que, em síntese, faz do Homem o centro do universo, ou seja, a referência máxima e absoluta de valores (verdade, bem, destino último, norma última e definitiva etc.), de modo que ao redor desse “centro” gravitem todos os demais seres por força de um determinismo fatal (MILARE, 2014, p.106, grifo do autor).

Mello na década de 50 já dizia que ao analisar o panorama da humanidade na Terra, não escapa o fato do homem parecer deslocado, perdido ou inadequado dentro na natureza; muitas vezes, em tentativas de utilização de recursos ao seu bel-prazer (MELLO, 1956, p. 46). Grün ressalta que Descartes legitima a unidade da razão com a objetificação da natureza, implicando simultaneamente domínio, posse, mas também afastamento da natureza (GRÜN, 2007, p. 35). Ele prossegue dizendo que, com base nesse dualismo que se encontra a gênese filosófica da crise ecológica moderna e a partir dessa cisão, a natureza nada mais é que um objeto passivo no aguardo de um corte analítico: os seres humanos retiram-se da natureza e a olham como se fosse uma fotografia.

Henning (2019c), lançando mão de ensinamentos científicos de Bacon e Descartes, destaca que a natureza é atravessada e sentida através de verdades e fabricações científicas modernas e, por isso, a enxergamos de maneira descolada de nós. Nas palavras da autora:

Um independente recurso a ser consumido, em prol do homem, da vida e do mundo moderno. De um lado, mundo físico, de outro, mundo humano, científico e racional. Retiramos da natureza qualquer possibilidade histórica e cultural que pudesse ser pensada. Mecânica, numérica e quantificável a tornamos objeto. Frio, passível de intervenção para domínio humano. Como lugar do impuro, imperfeito e desordenado, esse objeto merece nossa atenção para ser, com o auxílio da técnica e da ciência, remodelado para o uso da humanidade. É dessa vontade de ordem, fruto da Modernidade, que se investiu inúmeros esforços para objetificação da natureza (HENNING, 2019c, p.770).

As discussões envolvendo antropocentrismo e educação ambiental são recorrentes. Permeiam diferentes estudos e pesquisas, fazendo que esse conceito seja colocado em pauta constantemente. Parece-me que o dualismo, da separação do homem e da natureza, ainda é muito reforçado, como, por exemplo, encontramos este tipo de imagem ocupando livros de história infantil⁴⁴:

Figura 31 - Livro de história infantil



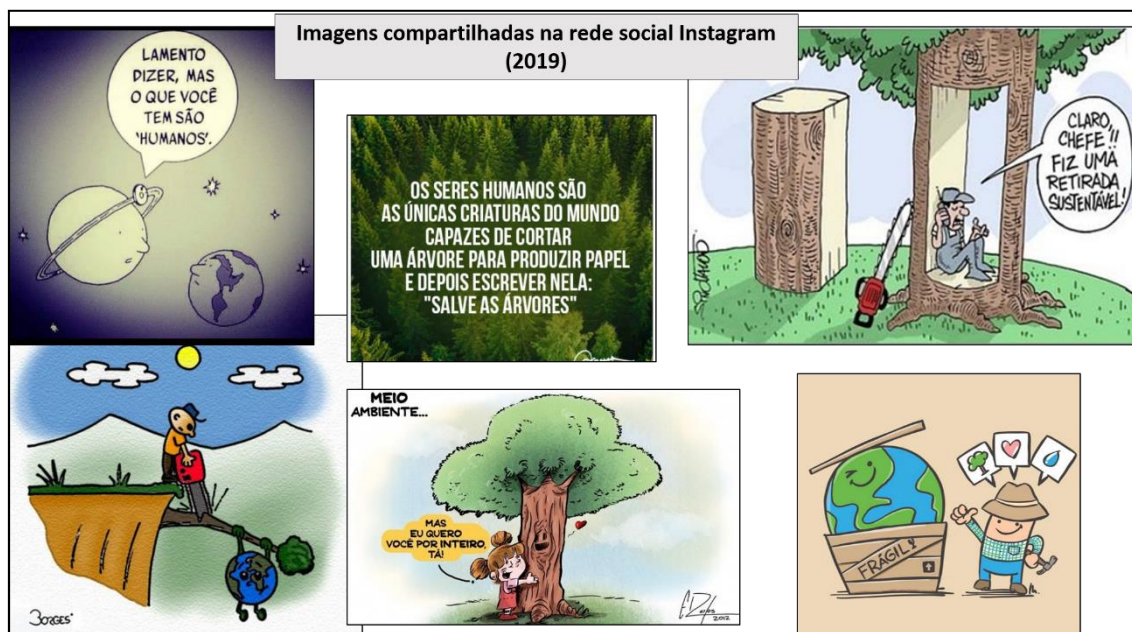
Fonte: Livro infantil disponibilizado em escola estadual

⁴⁴ Livro “Palavras, muitas palavras” de Ruth Rocha. 15ª edição. 2013

Enquanto crianças no primeiro ano do Ensino Fundamental estiverem aprendendo a ler em materiais que veiculam que, o “H é de homem que é a coisa mais importante”, parece-me que estaremos ainda semeando e fortalecendo as noções antropocêntricas. Tais noções que alocam o homem tanto como o destruidor e causador das mazelas ambientais e, também, como o ser que poderá dar conta dos tantos problemas ocasionados nos últimos séculos.

As condutas em relação ao planeta são muito reforçadas nas mídias. A partir do portfólio desta tese, destaco inclusive imagens disponibilizadas em redes sociais onde a presença humana é enfatizada nessa dualidade de causador e salvador. Na Figura 32, trago algumas charges compartilhadas no Instagram. Uma delas traz o diagnóstico do planeta “Lamento dizer, mas o que você tem são humanos”, na sequência uma frase “os seres humanos são as únicas criaturas do mundo capazes de cortar uma árvore para produzir papel e depois escrever nela “Salve as árvores”; uma aborda a sustentabilidade, trazendo uma árvore parcialmente cortada com a frase: “claro chefe!!! Fiz uma retirada sustentável”; outra traz o planeta quase caindo e um homem cortando o galho que está sustentando o globo e também, duas trazendo a figura humana retratada de maneira benevolente, o planeta em uma caixa de frágil e outra com uma menina abraçando a árvore e dizendo que quer o meio ambiente por inteiro.

Figura 32 – Charges sobre atuação humana e o planeta



Fonte: Portfólio das imagens coletadas para a tese

As imagens acima, em confluência com o material do portfólio, demonstram as regras de consciência, bem como os discursos de medo que possibilitam uma articulação, que me parece muito interessante, com a subjetivação e também com a verdade:

O medo quanto a nós mesmos, o medo do que somos, o medo do [que pode acontecer] (...) esse medo (...) terá evidentemente uma importância absolutamente decisiva em toda a história do que podemos chamar de subjetividade, isto é, a relação de si consigo, o exercício de si sobre si e a verdade que o indivíduo pode descobrir no fundo de si mesmo (FOUCAULT, 2014c, p. 117).

De acordo com Foucault, a subjetividade é “a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo” (FOUCAULT, 2014^a, p. 230). O sujeito se dá como um efeito de uma composição de atravessamentos que preenchem o que somos. Composição essa que possibilita que tenhamos ideais de verdade, que acreditemos e compartilhemos discursos que temos como adequados. Que fazem, constituem e preenchem os processos de subjetivação que acontecem.

A subjetividade é preenchida de acordo com um lapso temporal, sendo constantemente alimentada pelo que a contemporaneidade oferece e dali pinçamos verdades e trazemos para nosso dia-a-dia comportamentos, ações e pensamentos que julgamos importantes, interessantes e convincentes para o presente. Essa maquinaria que preenche a subjetividade é engendrada em um processo que não cessa.

Podemos entender a subjetivação como a relação de si consigo mesmo através de verdades de determinado contexto histórico, cultural, social, dentre outros tantos atravessamentos que fazem com que algumas coisas se tornem muitas vezes inquestionáveis temporalmente.

Com a tese e a partir da perspectiva teórica que assumi na escrita deste trabalho, entendo haver uma subjetividade antropocêntrica que preenche e faz com que o Discurso Esverdeante tenha se tornado uma moeda forte, algo que se tornou convincente e, muitas vezes, inquestionável. Assumimos a causa através de processos de subjetivação que convergem nesse esverdeamento discursivo. São processos atuando que fazem com que tomemos partido por “N” comportamentos, ações e maneiras com que agimos e pensamos.

Nesse sentido que entendo haver uma subjetividade antropocêntrica atuando. Nos ensinando e fazendo com que assumamos certas posturas perante um planeta

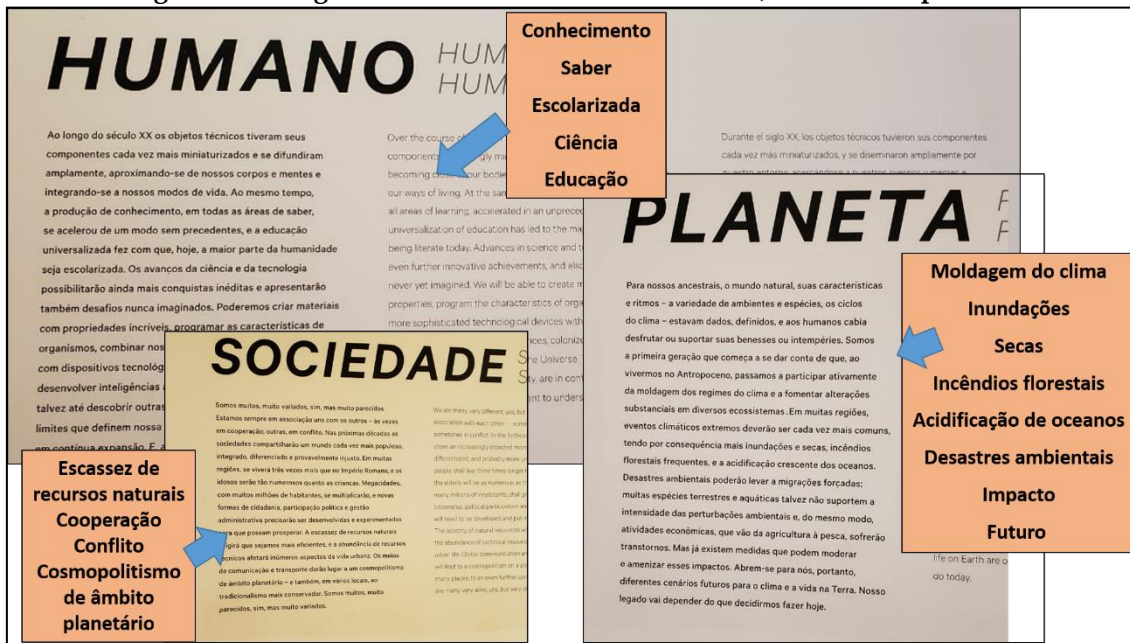
calamitoso que tomamos como merecedor de nosso cuidado, no qual devemos cuidar, proteger e muitas vezes “salvar” diante do que acreditamos ter provocado.

A questão antropocêntrica vem com tamanha potência à tese, que entendo ser interessante mencionar que, embora tenha organizado a coleta do material para o portfólio até setembro de 2019, chamou muito a atenção, em visita realizada em dezembro de 2019 ao Museu do Amanhã⁴⁵, no Rio de Janeiro - RJ, local esse que já recebeu mais de 3 milhões de visitantes desde sua inauguração em 2015, tem o Antropoceno como momento central da principal exposição.

Naquele grande espaço, pude perceber o material analítico desta tese sendo movimentado de forma muito intensa, através de grandes outdoors ao longo da principal exposição. Compartilho algumas imagens na Figura 33, de alguns espaços do museu, com expressões como “Humano”, “Planeta”. “Sociedade”, e em suas informações de texto destaco as expressões como ‘conhecimento’, ‘saber’, ‘educação’ e ‘ciência’, atribuídas ao título “Homem”; o material nomeado “Planeta”, exalta o medo tais como secas, inundações, incêndios, impacto, clima, futuro; e o que tem como título “Sociedade”, traz a escassez de recursos naturais, cooperação, conflito, dentre outros.

⁴⁵ “O Museu do Amanhã é um museu de ciências aplicadas que explora as oportunidades e os desafios que a humanidade terá de enfrentar nas próximas décadas a partir das perspectivas da sustentabilidade e da convivência. Inaugurado em dezembro de 2015 pela Prefeitura do Rio de Janeiro, o Museu do Amanhã é um equipamento cultural da Secretaria Municipal de Cultura, que opera sob gestão do Instituto de Desenvolvimento e Gestão (IDG). Exemplo bem-sucedido de parceria entre o poder público e a iniciativa privada, o Museu do Amanhã já recebeu mais de 3 milhões de visitantes desde a inauguração. Com patrocínio máster do [Banco Santander](#) e uma ampla rede de patrocinadores que inclui empresas como [Shell](#), [IBM](#), [IRB-Brasil RE](#), [Engie](#), [Grupo Globo](#) e [Instituto CCR](#), o museu foi originalmente concebido pela Fundação Roberto Marinho.” Informação obtida no site <https://museudoamanha.org.br/pt-br/sobre-o-museu>. Acessado em dezembro de 2019.

Figura 33 - Imagens do Museu do Amanhã: humano, sociedade e planeta



Fonte: Imagens do Museu do Amanhã – Rio de Janeiro (dezembro de 2019)

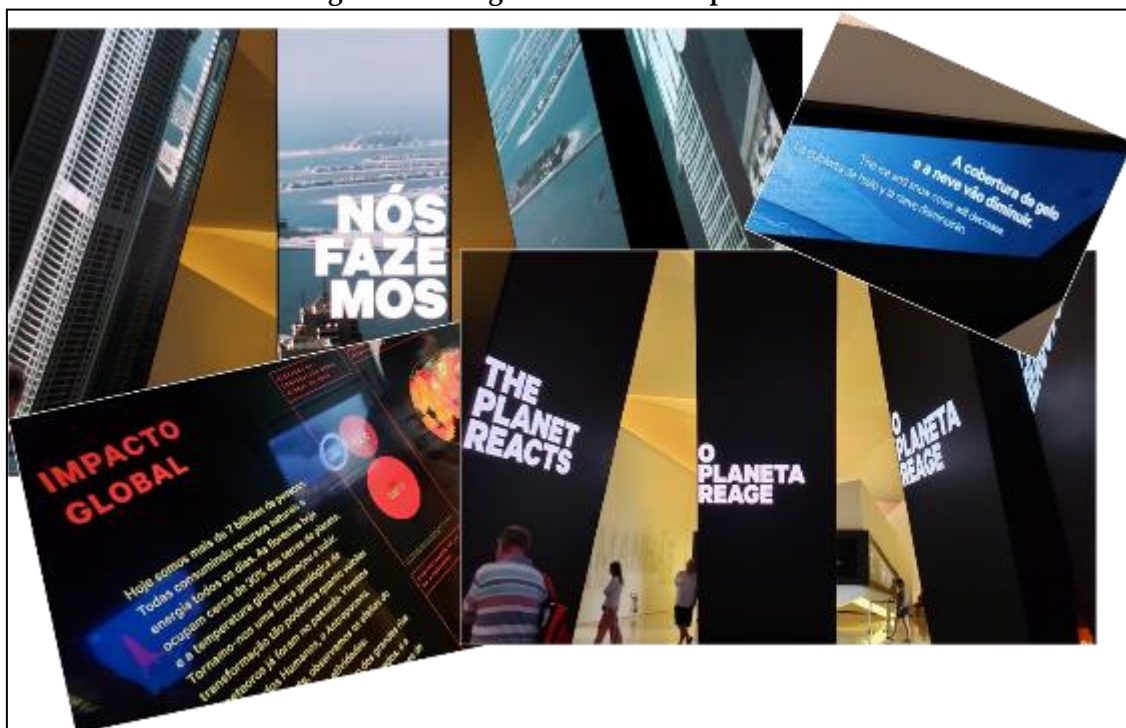
Durante o percurso no museu a questão dos dados científicos e estatísticos, tão marcada na ecopolítica, se faz presente através de totens de 10 metros de altura. Informam com imagens em tons de vermelho em um ritmo progressivo, o número de mortes atribuídos à água em 2019, à redução da camada da de ozônio, à utilização da energia; estimativa da emissão de CO₂ daquele dia; a utilização de barris de petróleo estimada para aquele momento; a temperatura do planeta dentre outras informações, destaque algumas na Figura 34:

Figura 34 - Imagens com dados sobre a situação do planeta



Fonte: Imagens do Museu do Amanhã – Rio de Janeiro (dezembro de 2019)

Figura 36 - Imagem do dever compartilhado



Fonte: Imagens do Museu do Amanhã – Rio de Janeiro (dezembro de 2019)

Figura 37 - Imagens da supremacia humana



Fonte: Imagens do Museu do Amanhã – Rio de Janeiro (dezembro de 2019)

A contemporaneidade é permeada por DE, como busquei destacar com as imagens do portfólio. Vislumbro a questão humana em relação ao planeta como subjetividade antropocêntrica, ou seja, a composição de atravessamentos que nos torna quem somos hoje. Que compõe essa contemporaneidade que tanto alerta sobre a crise que o seres humanos causaram ao planeta e, ao mesmo tempo, mostra que o homem

pode ser aquele ser que pode salvar, não somente a humanidade mas o globo terrestre também.

O DE atravessa; somos subjetivados; temos verdades. Foucault corrobora que não há dissociação do vínculo entre subjetividade e verdade (2014c, p. 160). As verdades nos constituem a todo momento. Somos convidados, convocados a termos nossas verdades, perante incontáveis discursos que circulam. Na questão ambiental não é diferente. Assumimos certas verdades como nossas! Nietzsche esbraseia ao dizer que queremos conviver em rebanho, por isso precisamos estar vivendo rebanhamente para termos as consequências agradáveis da verdade (NIETZSCHE, 2012, p. 30).

E as enunciabilidades e visibilidades que o material da tese mostrou: Imagens tão marcadas pelo verde, tão ilustrada com mãos humanas, o planeta, discursos de sustentabilidade e/ou o ecologicamente correto. Será que poderíamos suspeitar dessas verdades aderidas no campo? Questiono: O que é um consumidor ecologicamente correto? Um consumidor verde? Um consumo consciente? Certa passagem de Nietzsche, embora não tenha tratado da questão ambiental, me provocou muito a pensar sobre produções de verdades em relação ao DE:

Denominamos um homem honesto; perguntamos então: por que motivo ele agiu de modo tão honesto? Nossa resposta costuma ser a seguinte: em função de sua honestidade. A honestidade! (...) Nada sabemos, por certo, a respeito de uma qualidade essencial que se chamasse honestidade, mas, antes do mais, de inúmeras ações individualizadas e, por conseguinte desiguais, que igualamos por omissão do desigual e passamos a designar, dessa feita, como ações honestas (...) com o nome honestidade (NIETZSCHE, 2012, p. 32).

Ao ler tal trecho, fiz referência aos signos ambientais tão aceitos e por vezes incontestáveis. Não sabemos por certo a respeito do que se chama atitudes “ecologicamente corretas”, “consciência ambiental”, “pensar verde” nada além de, aproveitando as palavras do autor citadas acima, “inúmeras ações individualizadas e, por conseguinte, desiguais que igualamos por omissão do desigual” e passamos a designar como corretas, como pró ambiente etc.

Desses lugares inventados vamos (re)produzindo tanto DE que preenche nossa subjetividade. Deleuze (2010, p. 121) diz que a subjetivação opera constantemente e se mantém operando por intensidades. Guattari complementa ao trazer que cada indivíduo, cada grupo humano constrói sua existência a partir de materiais de expressão e dos agenciamentos de subjetividade que sua época oferece (2015, p. 302). Em nosso tempo a subjetividade verde preenche: “Ser “verde” seria lutar pela própria manutenção

da vida. É nessa contundente penetrabilidade subjetiva que tais valores econômicos vitalizam o próprio capital” (GUIMARÃES e CODES, 2014, p. 243, grifo dos autores).

Entendo essa dúbia conotação humana como algo muito interessante para pensarmos a EA. Existe um planeta que, sob fulcro na ciência, está com sua capacidade de suporte saturada; principal causador é o homem; quem pode resolver é o homem; o mercado de consumo cresce e se expande utilizando as balizas verdes com forte apelo comercial e sob prática de incentivar a utilização de marcas, produtos e comportamentos ecologicamente adequados; verdades são dadas; comportamentos distribuídos nas prateleiras, sites, ruas, etiquetas, dentre outros. A água pode faltar! As geleiras estão derretendo! O planeta está com muito lixo! O medo, a crise estão aí. Como pesquisadora me inquieto, questiono e penso: se com a mesma imagem do homem em supremacia, em cima do planeta, o definindo como a “coisa mais importante”, pudéssemos problematizar a relação humana “no” planeta ao invés de ressaltar a separação. Pudéssemos suspeitar dessas certezas que nos chegam com tanta força, nos subjetivam de tal modo, que muitas vezes reproduzimos sem pestanejar.

Deleuze provoca, ao dizer que “Nossa vida moderna é tal que, encontrando-nos diante das repetições mais mecânicas, mais estereotipadas, fora de nós e em nós, não cessamos de extrair delas pequenas diferenças, variantes e modificações (DELEUZE 2000, p. 8). Aproveitando das palavras do autor, provoco a pensar a diferença em relação ao Discurso Esverdeante, mesmo que a vida esteja encharcada de repetições mecânicas, mas ainda assim, buscando extrair diferença mesmo que em escala micro, pequenas rupturas.

Guattari (2015, p. 38) alerta que o pensamento ambiental não pode apenas se preocupar com os fatores naturais como poluição, aquecimento global, extinções, mas deverá repensar o campo social e o domínio mental que também sofrem devastações. Sem esses questionamentos interligados a estagnação prevalecerá. Nesses hábitos coletivos estão incluídas também os recortes apresentados na presente escrita, não considerando os discursos como absolutos, mas compondo a partir das aproximações feitas aqui. Tecendo enquanto provoco a enxergar a Educação Ambiental na vida como um todo! Não se trata apenas do verde!!! Onde estão os azuis, amarelos, pretos, concretos das cidades?!

Fica o convite para tentarmos pensar um pouco “fora” do que está dado, do que vem sendo distribuído. Pode não ser fácil. Não é sereno. Mas pode ser motivador e muito

potente! Nesse encerramento de capítulo, lembro Foucault que diz: “Um trabalho, quando não é ao mesmo tempo uma tentativa de modificar o que se pensa e mesmo o que se é, não é muito interessante” (2014a, p.234). Com essa citação, encaminho a tese para as considerações (não) finais, onde busco contextualizar o fechamento da tese através da proposta inicial de analisar a fabricação da Educação Ambiental através de um Discurso Esverdeante que circula em nossa atualidade.

CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS

Não gosto dos pontos, pôr os pontos nos is me parece estúpido. Não é a linha que está entre dois pontos, mas o ponto que está no entrecruzamento de diversas linhas. A linha nunca é regular, o ponto é apenas a inflexão da linha. Pois não são os começos nem os fins que contam, mas o meio (DELEUZE, 2010, p. 205)..

O conceito intitulado “Discurso Esverdeante” emergiu do desejo de problematizar verdades estabelecidas em relação às questões ambientais, dispersas em diferentes espaços, buscando tensionar as forças que se produzem para que esses discursos tomem corpo, lugar e espaço na contemporaneidade. Discursos esses que são praticamente incontestáveis e servem como “adjetivos mágicos” ao agradar diferentes públicos.

Com o propósito de **“Analisar como a Educação Ambiental se fabrica a partir de um Discurso Esverdeante que circula em nossa atualidade**, desdobrei o questionamento em duas questões principais.

Na primeira: **“o que dizem e ensinam as normas ambientais a respeito da sustentação da propagação discursiva esverdeante”**, busquei analisar as principais referências normativas que balizavam o tema da pesquisa e, com esse exercício, verifiquei que principalmente a partir da década de 80 e 90, a EA vem sendo consolidada, em termos históricos, como um importante campo de saber através de eventos, conferências e documentos, sendo alocada nas principais políticas públicas nacionais e internacionais.

As normas jurídicas, em sintonia aos feitos históricos, convergiram com o estímulo a uma atuação coletiva de defesa e preservação, tanto por empresas quanto da sociedade em geral, apoiando-se veementemente no medo pela perda dos recursos naturais e no dever compartilhado de darmos conta da situação instalada. Com esses atravessamentos a EA veio ganhando força e visibilidade. Porém, a partir das movimentações da década de 90, principalmente com a criação da Comissão de Desenvolvimento Sustentável, a cargo da UNESCO, no cenário normativo atual, presenciamos um esmaecimento da EA em detrimento de uma Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS). Interessante comentar que tal movimentação normativa, vem ao encontro de uma das recorrências do portfólio da pesquisa, a sustentabilidade tão presente nas imagens, muitas vezes utilizada como uma solução para um consumo condizente com o presente cenário ambiental.

A segunda questão: **“Quais algumas das enunciabilidades e das visibilidades que circulam na mídia contemporânea e sustentam o campo da educação ambiental?”** Nesse sentido, ressalto que os regimes de visibilidade e enunciabilidade não são estanques, são entendidos como as maneiras de dizer e as maneiras de ver dentro de determinado espaço temporal, como Deleuze informa: “cada época diz tudo que o que

pode dizer em função de suas condições de enunciado” (DELEUZE, 2005, p. 63), sendo que também estamos nos constituindo nesses processos de subjetivação, enquanto sujeitos que se atravessam com visibilidades e enunciados que fazem parte dos regimes dessa época.⁴⁶

Não realizei uma análise pontual de frases, coisas ditas, diretamente legíveis ou então as formas dos objetos, pois o visível não é definido pela visão. Não levo em consideração o que está dito nas imagens. Não se trata de um resultado, de algo isolado como uma frase, tampouco da descrição exaustiva de coisas pronunciadas, mas das reverberações provenientes, dos ecos, das luminosidades provocadas (FOUCAULT, 2008a, p. 123 e 135).

Com esse entendimento, destaco que o DE é fortemente atravessado por enunciados de perda do planeta, enunciados antropocêntricos, enunciados científicos, enunciados sobre a necessidade de protegermos a natureza. Tais enunciações dão visibilidade ao DE na constituição de verdades no campo da EA, e levam em consideração que “cada formação histórica vê e faz ver tudo o que pode, em função de suas condições de visibilidade, assim como diz tudo o que pode, em função de suas condições de enunciado” (DELEUZE, 2005, p. 68).

Nesse contexto, entendo que as condições de enunciabilidade e visibilidade atreladas ao DE são as reverberações provocadas pela pesquisa em si. Os enunciados que nos fazem ver e sermos quem somos na contemporaneidade: sujeitos tão marcados pelas condutas eco, por um esverdeamento discursivo que nos aloca em papel de causador das mazelas ambientais e também como possível salvador do planeta, dentre tantos outros atravessamentos que nos conduzem rebanhamente em prol de um compartilhar de responsabilidades e que também, nos “conforta”, pois mesmo que o planeta esteja em crise, podemos seguir consumindo pois há uma gama infindável de produtos e/ou serviços que afirmam convergir nessa preocupação com o planeta.

Nessa análise, as enunciabilidades e visibilidades corroboram no sentido da EA ser sustentada por um Discurso Esverdeante que faz com que a EA se movimente, tais discursos ativam principalmente dois dispositivos: o Dispositivo da Educação

⁴⁶ Conforme explanação de Deleuze a visibilidade, não se trata da maneira de ver de um sujeito, pois o próprio sujeito que vê é um lugar na visibilidade (DELEUZE, 2005, p. 66).

Ambiental (GARRE, 2015) e o Dispositivo da Sustentabilidade (SAMPAIO, 2012). Entendo e defendo a ideia de que há um dispositivo da sustentabilidade que é articulado com um dispositivo da EA e com o engendramento desses dispositivos o conceito de Discurso Esverdeante opera. Tal discurso é agenciado pelas linhas de visibilidade e enunciabilidade operadas no complexo discursivo, recriando e impulsionando os dispositivos constantemente. Com isso, o DE vai operando através dessas relações que atravessam e preenchem uma subjetividade antropocêntrica.

Através da análise do portfólio, com a companhia dos operadores epistemológicos da pesquisa, defendo a tese de que há um Discurso Esverdeante (DE) que vem constituindo, embasando e sustentando a Educação Ambiental (EA) a partir de, principalmente duas vertentes basilares: a Sustentabilidade e a Ecopolítica.

Com o movimento de escrita da tese, tecida através de um vivo movimento de composição, alinhavada com os efeitos da leitura; o contato com os autores, criando movimentos de força e de potência para pensar a área ambiental como um todo. Alguns questionamentos me movimentam o pensamento. Será que quando se pensa em educação ambiental, meio ambiente ou ecologia por exemplo, podemos tentar pensá-las em outros modos que não sejam apenas “esverdeados”?

Não nego a crise ambiental instalada, tampouco almejo contestar a adoção de práticas mais benéficas ao planeta em que vivemos. Acredito, contudo, que o campo de saber ambiental tenha sido muito impulsionado, fabricado e construído a partir dos discursos da crise, articulado à constante distribuição de discursos de verdade e a tantas palavras de ordem que nos mostram, ensinam e educam como devemos proceder, o que precisamos fazer e pouco questionamos. Esses atravessamentos são impulsionados por diferentes mídias que, além de veiculadoras também produzem saberes; ao comunicar, vão produzindo sujeitos, interpelando no preenchimento de subjetividades que nos constituem a todo momento.

Entendo que a superfície de inscrição esverdeante, que permeia as discussões do trabalho, apresenta marcas da sustentação antropocêntrica construída ao longo do tempo. Muito pautadas por um reducionismo conceitual entremeado às maneiras em que a natureza, meio ambiente e até mesmo a educação ambiental são muitas vezes apresentadas na contemporaneidade: Será mesmo que enquanto fizermos a nossa parte, sendo “ecologicamente corretos” , consumindo produtos que utilizam as questões

ambientais em suas embalagens e etiquetas, ou então agindo conforme os meios de comunicação orientam, ficará tudo bem?

Como nos tornamos o que somos hoje? Quanto do que julgamos ser opinião própria, ou conclusões obtidas através de nossos olhares, não são formações discursivas que vêm sendo constantemente introjetadas em nossos modos de vida? Cuide da natureza! Pense verde! Seja sustentável! São tantas enunciações que são tão reproduzidas e pouco questionadas.

Vislumbro o DE permeando as malhas discursivas, mas aproveitando dos ensinamentos de Foucault (2014c, p. 256), não entendo que estejamos presos em uma armadilha, pois não podemos nos colocar de fora da situação e, em qualquer lugar estaremos atrelados a essas relações. No entanto haverá sempre a possibilidade de resistir e buscar alguma diferença diante do que nos atravessa.

Com o desejo de tecer outros modos de pensar as questões ambientais e fazer educação ambiental em tempos de “esverdeamento” dos sujeitos, aproveito Barchi (BARCHI, 2013, p. 3266): mais importante que entrar em comportamentos paranoicos e totalizantes que dão a ecologia um status de eterna verdade, talvez possamos pensar em quebrar em milhões de pedaços e esquecer dos discursos enquanto unidade, talvez agindo com pensamento e prática em tentames de “descologizar” a ecologia e, pensando na tese, confluindo a um “desverdeamento” dos sujeitos, possamos resistir à tanta cristalização e sedentarização das noções atribuídas ao ambiente.

Como respirar outros modos de pensar a EA? Que fissuras podemos provocar para não seguir reproduzindo rebanhamente esse esverdeamento discursivo? Chego ao término da tese não com um resposta, mas com um convite. Convite de suspeitar das verdades previamente estabelecidas! Convite de não cair nos hábitos das certezas que nos chegam tão facilmente e com tanta legitimidade! Convite para sim, adotarmos hábitos que convirjam naquilo que entendemos ser importantes para a vida, seja no âmbito pessoal ou escolar com nossos alunos, mas que nesses movimentos de sermos educadores ambientais possamos provocar pensar sobre o pensamento, possamos criar ranhuras ao que está tão consolidado.

Acredito que a potência da EA é o quanto podemos contribuir para problematizar esses tantos discursos que a vida nos traz; pensar a EA como reconexão, como uma preocupação de ser e agir no mundo, comigo mesma. Não uma preocupação aterrorizante, amedrontadora de que o mundo vai acabar, mas uma relação de

articulação com o ser humano e a própria natureza. Articulação mesmo, pois a separação já foi dada.

O título desse capítulo não foi escolhido em vão, considerações *não finais*, pois através da vertente teórica que assumo e me potencializa enquanto pesquisadora, não coloco um *fim* na pesquisa. Assim como dito no início do trabalho, a ilustração do rizoma se mostra pujante a pensar a tese: não tem um início e um fim previamente definidos e sim, um meio que cresce e transborda; um entre que na transversalidade busca fissuras para problematizar. Esse não final é no sentido de provocação de cavoucar arestas de pensamento e reflexão sobre tantas “verdades” que seguirão atravessando e nos constituindo, algumas dessas tão dadas e densas que poucos ousam desfiá-las.

Não proponho uma resposta, tampouco soluções, busco provocar, resistir ou então, provoco a suspeitar dos hábitos da certeza. Não sei se surtirá efeito, se irá mexer com alguém, lembro de Guattari que diz: *Está en ti tomar (lo que te conviene) y dejar el resto, otro hará otro tanto, y poco a poco todo habrá encontrado su lugar. [...] elige y deja el resto sin declamar contra ese resto, [...]. Piensa que gustará a otros...*” (GUATTARI, 2015, p. 25).

O desejo é que os fios tecidos na composição deste exercício de escrita, possibilitem subversivos movimentos ao ato de pensar sobre os atravessamentos que interpelam o caminhar...

OBRAS CITADAS

AQUINO, Julio Groppa. A difusão do pensamento de Michel Foucault na educação brasileira: um itinerário bibliográfico. **Rev. Bras. Educ.**[online]. 2013, vol.18, n.53, pp.301-324. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782013000200004>.

AKATU. Pesquisa disponível no site <http://observamoda.org/tendencias/pesquisa-akatu-2018-traca-panorama-do-consumo-consciente-no-brasil/>. Acessado em 14/8/2018.

AVILA, Dárcia Amaro; RIBEIRO, Regina Costa Ribeiro. Notas sobre a sustentabilidade em programas ambientais globais. In: HENNING, Paula Corrêa; MUTZ, Andresa Silva da Costa; VIEIRA, Virgínia Tavares. **Educações Ambientais Possíveis: Ecos de Michel Foucault para pensar o presente**. Curitiba: Appris, 2018. P. 85-97

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre Educação e Juventude**. Rio de Janeiro: Zahar. 2013.

BARCHI, Rodrigo. Educação e Meio Ambiente Entre a Biopolítica e a Biopotência. **Revista de Estudos Culturais**. Sorocaba-SP, v. 37, p. 167-179, jun. 2011.

BARCHI, Rodrigo. A Educação ambiental como exercício de poder e resistência. **REGET**, v.17, p. 3258-3267, dez. 2013.

BRASIL. Decreto nº 1930 de 1934 – **Aprova o Código Florestal que com este baixa**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d23793.htm. Acessado em 14/1/2017

BRASIL, Decreto nº 24.643, de 10 de julho de 1934 - **Decreta o Código de Águas**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d24643.htm. Acessado em 14/1/2017

BRASIL. Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981 - **Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6938.htm. Acessado em 14/1/2017

BRASIL. Lei nº 9597, de 27 de abril de 1999 – **Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9697.htm. Acessado em 28/3/2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acessado em 14/1/2017

BRASIL. **Programa Nacional de Educação Ambiental**. 4ª edição. Disponível em http://mma.gov.br/images/arquivo/80221/pronea_4edicao_web-1.pdf. Acessado em 14/1/2017.

BRASIL. **Lei n 9795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9795.htm. Acessado em 28/7/2018.

BARROS, Fernando de Moraes. In: Introdução NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdade e mentira**. São Paulo: Hedra, 2012.

BECK, Dinah Quesada; HENNING, Paula Correa; VIEIRA, Virgínia Tavares. Consumo e Cultura: modos de ser e viver a contemporaneidade. **Educação, Sociedade e Culturas**. P. 87 – 109, 2014.

- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A invenção do Sujeito Ecológico: Sentidos e Trajetórias em Educação Ambiental**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2001.
- CASTRO, Edgardo. Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas conceitos e autores.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Lisboa: Relógio d'água, 2000.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Rio, 1976.
- DELEUZE, Gilles. **O ato de criação**. Palestra proferida em Paris em 1987, transcrita e publicada em Folha de São Paulo, 27 jun. 1999, Caderno Mais! p. 4-5.
- DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: In: BALIBAR, Etienne; DREYFUS, Hubert; DELEUZE, Gilles. **Michel Foucault, Filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1999. p. 155-163
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a Filosofia**. São Paulo: 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. São Paulo: 34, 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 2. São Paulo: 34, 1997.
- DE ARAUJO, Róger Albernaz; BARREIRO, Cristhianny Bento. Realidades e ficções da educação ambiental: nuances de um espaço discursivo da contemporaneidade.
- REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. v.26, abr. 2013.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O Estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação e Realidade**. P 59-80, jul-dez 1997.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa Vorraber (org). **Caminhos investigativos II**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População**. São Paulo: Martins Fontes, 2018b.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IV - Estratégia, Poder- Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V - ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos, IX: Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b.,
- FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos**. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2014c.

- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.
- FOUCAULT, Michel. Gerir os ilegalismos. In: POL-DROIT, Roger. **Michel Foucault entrevista**. Rio de Janeiro: Graal, 2006b.p. 41-52.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1998
- FOUCAULT, Michel. Eu sou um pirotécnico. In: POL-DROIT, Roger. **Michel Foucault entrevista**. Rio de Janeiro: Graal, 2006c. p. 68-100.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- GARRÉ, Barbara Hees. **O Dispositivo da Educação Ambiental: Modos de Constituir-se Sujeito na Revista Veja**. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Rio Grande, 2015.
- GARRÉ, Barbara Hees; HENNING, Paula Correa. Visibilidades e Enunciabilidades do Dispositivo da Educação Ambiental: A Revista Veja em Exame. **Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**. V. 8, p. 53-74, 2015.
- GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no jornalismo**. São Paulo: Edusp. 2003.
- GOMES, Mayra Rodrigues. Jornalismo: poder disciplinar. **Revista Kairós : Gerontologia**, [S.l.], v. 12, fev. 2010.
- GRÜN, Mauro. **Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária**. Campinas: papiros, 2000.
- GUIMARÃES, Leandro Belinaso; CODES, Davi Henrique Correia de. Imagem e Educação Ambiental: Percursos de Pesquisa. **Interacções**. 2014. 239-253
- GUIMARÃES, Leandro Belinaso; ZANCO, Janice; NIGRA, Gabriele; SALGADO, Gabriele; MELO, Sara. Tecendo educação ambiental e estudos culturais. **Revista Pesquisa em Educação Ambiental**. v.5, n.2, p.73-82, 2010.
- GUIMARÃES, Leandro Belinaso; SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini de. Educação ambiental nas pedagogias do presente. **Revista em aberto**. Brasília: 2014, 123-134.
- GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Notas sobre o dispositivo da sustentabilidade e a produção de sujeitos “verdes”. In: SARAIVA, Karla; MARCELLO, Fabiana de Amorim (Org.). **Estudos Culturais e Educação: desafios atuais**. Canoas: Ulbra, 2012. p. 219-232
- GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 2000.
- GUATTARI, Felix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: 34, 2006.
- GUATTARI, Felix. **Qué es la ecosofia? Textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud**. Buenos Aires: Cactus, 2015.
- HENNING, Paula Corrêa. Verdades Educacionais no Brasil e na Espanha: tensionamentos ambientais sob análise. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 21, p. 674-694, 2019a.
- HENNING, Paula Corrêa. Estratégias Bio/ECopolíticas na Educação Ambiental: a mídia e o aquecimento global. **Educação Unisinos**. V.3, n.2, p. 367-382, abr-jun. 2019b.
- HENNING, Paula Corrêa. Resistir ao presente: tensionando heranças modernas para pensar a Educação Ambiental. **Ciência e Educação**. Bauru, v. 25, p. 763-781, set. 2019c.

HENNING, Clarissa Corrêa; HENNING, Paula Corrêa. Sobre verdades inventadas e mentiras potentes: práticas de si como espaço de resistência. In: HENNING, Paula Correa (org). **Cultura Ambiente e Sociedade**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, p. 9-36, 2012.

HENNING, Paula Correa; RATO, Cleber Gibbon; HENNING, Clarissa Côrrea; GARRE, Bárbara Hees. Educação Ambiental e Discurso: estratégias biopolíticas e produção de verdades. **Educação em foco**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 221-242, 2014a.

HENNING, Paula Corrêa; VIEIRA, Virgínia Tavares; HENNING, Clarissa Corrêa; SCHLEE, Renata Lobato *et al.* Mobilizar o medo para disciplinar as práticas: uma análise dos modos de persuasão das campanhas ambientais. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S.l.], p. 185-192, dez. 2014b.

HENNING, Paula C.; SILVA, Gisele Ruiz. Rastros da Educação Ambiental. O dissenso como potência criadora. In: HENNING, Paula Corrêa; MUTZ, Andresa Silva da Costa; VIEIRA, Virgínia Tavares (org.). **Educações Ambientais Possíveis: Ecos de Michel Foucault para pensar o presente**. Curitiba: Appris, 2018. P. 151-162.

LIMA, Gustavo. O discurso da sustentabilidade e suas implicações para a educação. **Ambiente e Sociedade**, v. 6, n.2, p. 99-119, 2003.

LOUREIRO, Carlos Frederico. Sustentabilidade e Educação: um olhar da Ecologia Política. São Paulo: Cortez: 2012.

LUTZENBERGER, Jose. **Fim do futuro? manifesto ecológico brasileiro**. Porto Alegre: Movimento. 2003

MALETTE, Sébastien. Foucault para o próximo século: ecogovernamentalidade. **Ecopolítica**. São Paulo, p. 4-25, 2011.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. **Dispositivo da Maternidade: mídia e produção agonística de experiência**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2003.

MARQUES, Isabel Ribeiro. **Genealogia de um Cuidado Ambiental: um convite à experimentação de um pensamento do cotidiano**. Dissertação (Mestrado em Educação e Tecnologia) - Instituto Federal Sul Riograndense, IFSUL, Pelotas, 2015.

MARTINEZ, Francisco Jose. **Hacia una era post-mediática: Ontología, política y ecología en la obra de Félix Guattari**. Barcelona: Montenesinos Ensayo, 2008.

MELLO, Antonio da Silva. **O homem**. Rio de Janeiro: Editôra Livraria José Olympio, 1956

MILARE, Edis. **Direito do Ambiente: a gestão ambiental em foco. Doutrina, jurisprudência e glossário**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2014.

MOTA, Junior Cesar. **PROPOSTA METODOLÓGICA PARA A AMBIENTALIZAÇÃO CURRICULAR: Integrando a Educação Ambiental nos currículos da Educação Superior**. Tese (doutorado em Educação Ambiental). Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdade e mentira**. São Paulo: Hedra, 2012.

PASSETI, Edson. Transformações da biopolítica e emergência da ecopolítica. **Ecopolítica**, São Paulo, p. 2-37, jan-abr 2013.

PETRONILIO, Paulo. Literatura, Vida e Linguagem em Gilles Deleuze. **Revista de Linguagem e Lietratura**. v.2, n1, p.50-69, jan-jun 2012.

POLI, Luciana; HAZAN, Bruno Ferraz. Sustentabilidade; reflexões e proposições conceituais. **EDESG / Revista Direitos Emergentes na Sociedade Global**. V.2, n. 2, jul-dez, 2013.

RABINOW, Paul; ROSE, Nikolas. O conceito de biopoder hoje. **Política & trabalho**, p. 27-57, abr. 2006.

REIGOTA, Marcos. Ciência e Sustentabilidade: a contribuição da educação ambiental. **Revista da Avaliação do Ensino Superior**. 2007, p. 219-232

RIBEIRO, Renato Janine. Não há pior inimigo ao conhecimento do que a terra firme. **Tempo Social. Revista de Sociologia da USP**. São Paulo, v. 10, n.2, out. 1998.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini. **“Uma floresta tocada apenas por homens puros”. Ou do que aprendemos com os discursos contemporâneos sobre a Amazônia**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

SAMPAIO, Shaula Maíra; GUIMARÃES, Leandro Belinaso. O dispositivo da sustentabilidade: pedagogias no contemporâneo. v. 30, n.2, p. 395-409 Florianópolis: Perspectiva, 2012

SAUQUILLO, Julián. Michel Foucault: **Poder, saber y subjetivación**. Madri: Alianza editorial, 2017.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental. In: SATO, Michele; CARVALHO, Isabel Cristina. **Educação Ambiental: pesquisas e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005. P. 17 – 44.

SEABRA, Giovanni. **Educação Ambiental: conceitos e aplicações**. João Pessoa: UFBP, 2013.

SIQUEIRA, Leandro. Procedências espaço-siderais das sociedades de controle: deslocamentos para a órbita terrestre. **Ecopolítica**. São Paulo, p. 42-68, 2012.

SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. In: Friedrich Nietzsche: Verdade e Mentira no Sentido Extramoral (apresentação). Rio de Janeiro: Comum, p. 5-23, 2001.

SOUZA, Jorge Pedro. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

UNESCO, **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável** 2015. Disponível em <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acessado 18/11/2019

VEIGA-NETO, Alfredo. Na oficina de Foucault. In: GONDRA, José; KOHAN, Walter; (org.). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 79-91, 2006.

VEIGA-NETO, Alfredo. Ecopolítica: um novo horizonte para a Biopolítica. **REMEA. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Rio Grande, p. 208-224, 2014.

WARAT, Luis Alberto. Vida e obra de Felix Guattari. É difícil dizer adeus: do anti-édipo à ecosofia. **BuscaLegis**. V. 25, p. 47-50, dez. 1992.